

ISSN 0103-3786

VOLUME 7 - NÚMEROS 1/2/3
JANEIRO/DEZEMBRO - 1995



Espaço e Conhecimento

TRANS *in* FORMAÇÃO

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

 PUC-CAMP

209

VOLUME 7 - NÚMEROS 1/2/3
JANEIRO/DEZEMBRO - 1995

ISSN 0103-3786

Hevenka
ny

TRANSFORMAÇÃO

departamento
pós-graduação
biblioteconomia

PP PUCAMP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Grão-Chanceler

Dom. Gilberto Pereira Lopes

Reitor

Gilberto Luiz Moraes Selber

Vice-Reitor Administrativo

Alberto Martins

Vice-Reitor Acadêmico

Pe. José Benedito de Almeida David

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Diretora

Edilze Bonavita Martins Mendes

Vice-Diretora

Maria Leontina C.P. Luiz Souza

DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenador

Silas Marques de Oliveira



TRANS*in*FORMAÇÃO

- PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL -

CONSELHO EDITORIAL

Solange Puntel Mostafa (Presidente)
Maria de Cléofas Faggion Alencar
Elizabeth Marcia Martucci
Cecília Carmem Cunha Pontes
Else Benetti Marques Válio
Silas Marques de Oliveira
Vera Silva Marão Beraquet

CORPO EDITORIAL

Cecília Carmem Cunha Pontes (PUCCAMP)
Else Benetti Marques Válio (PUCCAMP)
Elizabeth Marcia Martucci (EBDESC)
Fernando C. Prestes Mota (FGV)
Geraldina Porto Witter (USP - PUCCAMP)
Hagar Espanha Gomes (UFF)
João Francisco Régis de Moraes (UNICAMP)
José Luiz Sigrist (UNICAMP)
José Marques de Melo (ECA/USP)
Leila Zerlotti Mercadante (UNICAMP)
Maria de Cléofas Faggion Alencar (PUCCAMP)
Samuel Pfromm Netto (IP/USP - PUCCAMP)
Solange Puntel Mostafa (PUCCAMP)
Silas Marques de Oliveira
Vera Silva Marão Beraquet

Revisão de Língua: Else Benetti Marques Válio

Capa: Telma Cristina Witter

Copyright by TRANSINFORMAÇÃO

a citação de partes de matéria publicada nesta Revista
(até 200 palavras) é livre, desde que seja citada a fonte

Endereço

Departamento de Pós-Graduação em Biblioteconomia - PUCCAMP
R. Waldemar César da Silveira, 105 - Swift
Fone. (0192) 30-0981 e 30-3163 - FAX: (0192) 30-4501
Campinas - SP - BRASIL - CEP 13045-270

TRANS *in* FORMAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
v.7, nº 1/2/3, janeiro/dezembro 1995

SUMÁRIO

Editorial 9

TEMAS EM DEBATE: Espaço e Conhecimento

Novos espaços do conhecimento	
Ladislau Dowbor	15
Novas formas de mediação da informação	
Leila M.Z. Mercadante	33
ANCIB e as perspectivas da Ciência da Informação	
Solange Puntel Mostafa	41

ARTIGOS

Atitudes de planejamento em bibliotecários de instituições universitárias brasileiras	
Sônia Maria Marques de Oliveira	51
Teoria do cotidiano e biblioteconomia	
César Augusto Castro	75
Padrões de comunicação científica dos professores/ pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA	
Margarida Pinto Oliveira	
Esmeralda Maria de Aragão	85
O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos	
Clarinda Rodrigues Lucas	111

Planejamento estratégico de sistemas de informação na área de pesquisa de Instrumentação agro-pecuária. Janis Aparecida Baldovinotti	117
--	-----

RESENHAS

Trabalhos com informação hoje Geraldina Porto Witter	151
Reengenharia e gerenciamento de empresas Marisa Bueno Mendes Gargantini	155

COMUNICAÇÃO DE PESQUISA

Dissertações de mestrado defendidas e aprovadas no curso de Pós-graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP, 1995	161
---	-----

INFORMATIVO

• Cinqüentenário da Faculdade de Biblioteconomia da Puccamp	167
• Eventos realizados pelo Curso de Graduação da Faculdade de Biblioteconomia	172
• I Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ)	172
• COBIBI E IV ENEBCI	172
• II Encontro Nacional de Pesquisa da ANCIB	172
• II Seminário Nacional sobre Literatura Infanto-Juvenil	172
• Leitura e ANCIB na SBPC no Maranhão	172
• Colóquio sobre Bachelard	173
• 4º Congresso Iberoamericano sobre utilitarismo	173
• Pesquisas em andamento do programa de pós- graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP aprovadas no período de janeiro/setembro/1995	174



**PUBLICAÇÃO QUADRIMESTRAL
v.7, nº 1/2/3, janeiro/dezembro 1995**

CONTENTS

Editorial	9
CONTEST: Spaces and knowledge	
New spaces of Knowledge and information	
Ladislau Dowbor	15
New ways to mediate information	
Leila M.Z. Mercadante	33
ANCIB and information science perspectives	
Solange Puntel Mostafa	41
ARTICLES	
Planning attitudes of Brazilian university librarians	
Sônia Maria Marques de Oliveira	51
Theory of quotidian and librarianship	
César Augusto Castro	75
Patterns of scientific communication of researches of Federal University of Bahia/Medical College.	
Margarida Pinto Oliveira	
Esmeralda Maria de Aragão	85

Reading sight of librarian and the reading of archives	111
Clarinda Rodrigues Lucas	
Strategic planning of information systems to instrumentation sector	117
Janis Aparecida Baldovinotti	

REVIEWS

Working with information today	151
Geraldina Porto Witter	
Reengeneering and managing of enterprises	155
Marisa Bueno Mendes Gargantini	

RESEARCHES COMMUNICATIONS

Dissertation's abstracts in library science presented at Puccamp, 1995	161
---	-----

NEWS

- 50 years of the School of Librarianship at Puccamp 172
- Events promoted by School of Librarianship at Puccamp 172
- I Research Meeting in Information Science (IBICT/UFRJ) 172
- COBIBI and IV ENEBCI 172
- II National of ANCIB 172
- II National Seminar of youth literature 172
- Reading and ANCIB in the SBPC in Maranhão 172
- Coloquium about Bachelard 173
- 4ª Iberoamerican Congress about Utilitarism 173
- Researches in progress at Master Course of Puccamp
approved in the period of january-september 1995 174

Editorial

A Trans-in-formação inicia 1995 com nova direção. Os primeiros seis anos da Revista só foram possíveis graças ao esforço e iniciativa da Profª Geraldina Porto Witter, a qual vem emprestando à Faculdade de Biblioteconomia uma experiência acadêmica com muitos louros de vitória.

Neste número especial do Cinquentenário da Faculdade de Biblioteconomia da Puccamp, a Transinformação homenageia a Profª Geraldina com pesquisas científicas e reflexões acadêmicas, nossa forma de louvar uma pesquisadora.

Novos espaços do conhecimento foram tratados como tema deste número; o espaço das tecnologias da informação como recurso pedagógico-educacional (Dowbor); a perspectiva da oposição entre materialidade versus virtualidade da instituição biblioteca (Mer-cadante) e os espaços da sociedade civil construídos através da intersubjetividade acadêmica como é o caso das associações de pesquisa (ANCIB); espaços de conhecimento, espaços de trans-in-formação.

Na sessão de artigos destacamos Castro com a cotidianidade e Lucas construindo um novo olhar para o bibliotecário, os estudos de comunicação científica e do planejamento estão bem representados com Oliveira & Aragão, BaldoVinotti e Marques de Oliveira, pesquisas típicas da Ciência da Informação.

No Noticiário destacamos o discurso da Profª Edilze Bonavita Martins Mendes, diretora da Faculdade de Biblioteconomia da Puc-camp, prestando sua homenagem aos cinquenta anos da Faculdade. Parabéns Puccamp. Parabéns Trans-in-formação. Muitos anos de vida!

Solange Puntel Mostafa

AUTORES

(Pela ordem dos textos)

- LADISLAU DOWBOR - Doutor pela Universidade de Varsóvia; consultor das Nações Unidas, professor titular da PUC de São Paulo
- LEILA M.Z. MERCADANTE, Coordenadora do Sistema de Biblio-tecas da UNICAMP, liderança e notório-saber da Biblioteconomia Brasileira.
- SOLANGE PUNTEL MOSTAFA - Doutora em Educação pela PUC de São Paulo, docente e pesquisadora do Departamento de Pós-graduação em Biblioteconomia da PUCAMP.
- SONIA MARIA MARQUES DE OLIVEIRA - Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP, Docente do Departamento de Bi-blioteconomia da Faculdade Estadual de Londrina.
- CÉSAR AUGUSTO CASTRO - Mestre em Biblioteconomia pela PUC-CAMP, Professor auxiliar do Departamento de Biblioteconomia da UFMA, doutorando da Faculdade de Educação/USP
- MARGARIDA PINTO OLIVEIRA - Mestre em Ciência da Informação pelo IBICT, Professora da Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFBA.
- ESMERALDA MARIA DE ARAGÃO - Mestre em Biblioteconomia pela UFPa, Professora da Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFBA.
- CLARINDA RODRIGUES LUCAS - Doutoranda em Lingüística pela UNICAMP, Mestre em Biblioteconomia pela PUCAMP, Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP.
- JANIS APARECIDA BALDOVINOTTI, Mestre em Biblioteconomia pela Puccamp e Bibliotecária do Setor de Instrumentação Agropecuária da EMBRAPA, São Carlos, SP.
- GERALDINA PORTO WITTER - Livre Docente pela USP, docente e pesquisadora do Departamento de Pós-graduação em Biblioteconomia e Psicologia da PUCAMP
- MARISA BUENO MENDES GARGANTINI - Mestranda do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia na área de Psicologia Escolar, Graduada em Fonoaudiologia e Letras pela PUCAMP
- EDILZE BONAVIDA MARTINS MENDES - Diretora da Faculdade de Biblioteconomia da Puccamp, graduada em Biblioteconomia pela PUCAMP

TEMAS EM DEBATE:

Espaço e Conhecimento

OS NOVOS ESPAÇOS DO CONHECIMENTO

Ladislau DOWBOR

RESUMO:

DOWBOR, L. Os Novos Espaços do Conhecimento, *Transinformação* v. 7, nº 1/2/3, p. 15 - 32, janeiro/dezembro/1995

Discute uma sociedade em transformação com destaque para o progresso tecnológico, a internacionalização e a urbanização com vistas a situar as novas tecnologias do conhecimento na diversificação dos espaços educacionais.

Palavras-chave: Novos Espaços do Conhecimento, Novas Tecnologias do Conhecimento, Novos Espaços Educacionais, Novas tendências educacionais

Não é fácil trabalhar com as questões da modernização. De forma geral, como as novas tecnologias surgem normalmente através dos países ricos, e em seguida através dos segmentos ricos da nossa sociedade, temos uma tendência natural a identificá-las com interesses dos grupos econômicos dominantes. E a verdade é que servem inicialmente estes interesses. No entanto, uma atitude defensiva frente às novas tecnologias pode terminar por acuar-nos a posições em que os segmentos mais retrógrados da sociedade se apresentam como arautos da modernidade.

Não é preciso ser nenhum deslumbrado da eletrônica e do vídeo para constatar que o movimento transformador que atinge hoje a informação, a comunicação e a própria educação constitui uma profunda revolução tecnológica. O problema que queremos tratar aqui é o seguinte: para nós que estamos pouco interessados na criação de ilhas de excelência para grupos privilegiados, e essencialmente preocupados em resgatar a cidadania da massa de marginalizados, criando no país uma base de conhecimento que nos permita enfrentar o século XXI, que interesse tem esta revolução tecnológica?

Uma indagação nossa nesse tema mereceu resposta categórica de uma educadora: "isso é coisa de primeiro mundo, as nossas escolas ainda lutam para ter o Aurélio na biblioteca". No entanto, o Brasil gasta 100 bilhões de dólares por ano na área social, e muita coisa pode ser feita com recursos deste porte. A desproporção entre o que se gasta e os resultados levou o

Banco Mundial a realizar uma pesquisa no Brasil: "A proporção do PIB brasileiro destinada aos serviços sociais parece ser mais elevada do que a dos outros países em desenvolvimento de renda média. Em comparação com os mesmos países, os indicadores do bem estar social no Brasil são surpreendentemente inferiores"¹. Não há dúvida que temos recursos insuficientes, mas também não há dúvida que estes recursos encontram-se antes de tudo mal utilizados.

E o problema é realmente o Aurélio? Tudo indica que não estamos enfrentando apenas uma revolução tecnológica. Na realidade, o conjunto de transformações parece estar levando a uma sinergia da comunicação, informação e formação, criando uma realidade nova, que designamos algo pomposamente no título de "espaço do conhecimento", mas que representa exatamente isto. De certo modo, o processo reflete os primeiros passos do *homo culturalis*, em contraposição ao *homo economicus* dos séculos XIX e XX, processo no qual entramos, como sempre, de forma desigual.

As linhas que seguem não pretendem evidentemente apresentar "receitas", e ninguém tem realmente a bússola neste processo vertiginoso de mudanças que nos atinge. Trata-se mais de tentar dar uma dimensão organizada na perplexidade que nos atinge a todos. Partindo das tendências constatadas em diversos países, vislumbramos um conceito de educação que se abre rapidamente para um enfoque mais amplo: com efeito, já não basta hoje trabalhar com propostas de modernização da educação. Trata-se de repensar a dinâmica do conhecimento no seu sentido mais amplo, e as novas funções do educador como mediador deste processo.

Uma sociedade em transformação

É importante definir antes de tudo os grandes eixos de mudança que atingem a sociedade neste fim de século.

a) o progresso tecnológico - As transformações mais significativas podem ser resumidas em cinco grandes eixos: a informática, que está revolucionando todas as áreas, e em particular todas as áreas que lidam com conhecimento; a bio-tecnologia, que ainda não invadiu o nosso cotidiano, mas deverá constituir a força principal de transformação na agricultura, indústria farmacêutica e outros setores na próxima década; as novas formas de energia, em particular o laser, permitindo aplicações que estão se generalizando na medicina, comércio, eletro-domésticos e outros setores; as

¹ Banco Mundial - Despesas do setor Público com Programas de Assistência Social - Washington, maio de 1988, Vol. I., p. ii

telecomunicações, que conhecem uma revolução tecnológica mais profunda e dinâmica ainda do que a da informática, tornando possível e cada vez mais barato transmitir tudo – textos, imagens, som – em grandes volumes e com rapidez, em particular através da telemática, associação da informática com as telecomunicações; finalmente, os novos materiais, que incluem as novas cerâmicas, os supercondutores, as novas formas de plástico etc., e que por sua vez permitem novos avanços na eletrônica e na informática, nas telecomunicações e assim por diante.

Não há provavelmente nada de novo para o leitor nesta enumeração, mas é importante para nós lembrarmos a que ponto é novo este ritmo de transformação, e decisivo para os processos de educação. Basta lembrar que um estudo da Comunidade Européia considera que nos últimos 20 anos dobraram os nossos conhecimentos científicos, relativamente à totalidade de conhecimentos técnicos acumulados durante a história da humanidade. Por precárias que sejam avaliações deste tipo, o fato é que estamos no meio de um gigantesco turbilhão de renovação científica, e este fato deve ocupar um lugar central nas nossas reflexões sobre os espaços da educação.

b) a internacionalização - O processo de globalização ou internacionalização do espaço mundial, resulta em grande parte dos avanços tecnológicos mencionados. Basta dizer que se transferem hoje diariamente cerca de um trilhão de dólares entre diversos países, por meios eletrônicos, para ver a que ponto a terra se transformou em "aldeia global". Hoje vemos as mesmas imagens na TV, compramos os mesmos carros, lemos os mesmos artigos - ou quase - em qualquer lugar do mundo.

Uma implicação evidente para todos nós, é que já não há espaços para "ilhas" culturais ou econômicas, para "Albânicas" com experiências isoladas. Temos que fazer frente à internacionalização, dado objetivo que independe dos nossos gostos, e dimensionar as nossas propostas em função desta realidade. Como trabalhar o conhecimento na era do "espaço global"?

c) a urbanização - Os fenômenos demográficos são discretos porque os processos regulares de mudança, que envolvem alguns poucos porcentos ao ano, não chamam atenção. Mas a realidade é que em meio século as nossas sociedades deixaram de ser rurais, para se tornarem urbanas, e um país não é mais uma capital onde se tomam decisões, cercado por massas rurais dispersas. Estamos apenas começando a avaliar o gigantesco impacto social e político desta transformação. Basta lembrar que hoje no Brasil quase 80% da população vive em cidades, invertendo as proporções do início dos anos 1950

Uma implicação imediata desta nova realidade é que não precisamos mais de um Estado tão centralizado, já que a população que vive em núcleos urbanos pode resolver localmente grande parte dos seus problemas. Esta nova realidade é que levou os países desenvolvidos a adotar uma estrutura de Estado profundamente diferente da nossa. Para dar um exemplo, na Suécia, os poderes locais gerem 72% dos recursos públicos, permitindo ampla atividade das comunidades organizadas, quando na Costa Rica os municípios gerem apenas 5%, e cerca de 13% no Brasil.

Isso implica por sua vez que já não podemos nos deixar acuar à eterna dicotomia entre privatizar e estatizar, na medida em que adquire peso fundamental, em termos de perspectivas, o espaço público comunitário, refletindo a evolução da democracia representativa para sistemas descentralizados e participativos, a chamada democracia participativa.

d) as polarizações - a polarização entre ricos e pobres atinge neste fim de século uma profundidade e um ritmo desconhecidos em eras anteriores. Os dados do Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial de 1992, do Banco Mundial, indicam que somos, em 1990, 5,3 bilhões de habitantes, para um PIB mundial de 22 trilhões de dólares, o que significa 4200 dólares por habitante. O planeta já produz amplamente o suficiente para uma vida digna para todos os cidadãos. No entanto, 16 trilhões destes recursos, ou seja 72%, ficam com 800 milhões de habitantes, dos países do "Norte", que representam 15% da população mundial. O efeito prático é que o nosso planeta tem 3 bilhões de pessoas com uma renda média de 350 dólares por ano e por pessoa, menos de metade do salário mínimo brasileiro. O cidadão do "Norte" dispõe em média de 60 vezes mais recursos do que os 3 bilhões de pobres do planeta, ainda que, seguramente, não tenha 60 vezes mais filhos para educar. É fácil entender como esta diferença, já catastrófica, se aprofunda: em 1990, por exemplo, a renda per capita dos pobres aumentou de 2,4 %, ou seja de 8 dólares, enquanto a dos ricos aumentou de 1,6%, ou seja de 338 dólares. A população dos ricos aumenta de 4 milhões por ano, enquanto a dos pobres aumenta de 59 milhões de habitantes².

O impacto desta realidade econômica sobre o mundo da educação é imediato. Os gastos mundiais em educação em 1988 foram de 1.024 bilhões de dólares, cerca de 5,5% do produto mundial. Os países desenvolvidos gastaram 898 bilhões destes recursos, enquanto os países subdesenvolvidos se limitaram a 126 bilhões. Como a população dos países subdesenvolvidos ultrapassa 4 bilhões de habitantes, o resultado prático é que, em 1988, o

² Banco Mundial - Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1992 - Washington 1992, p. 196. Tabela A.1. O relatório é editado em Português pela FGV.

gasto médio anual por aluno foi de 2.888 dólares nos países ricos, e de 129 dólares nos países subdesenvolvidos, ou seja, 22 vezes menos.³

e) A dimensão do Estado - com a força natural que possuem os lugares comuns, generalizou-se a visão de que a dimensão institucional desta modernização se resume em privatizar. "A privatização não é uma panacéia", adverte o próprio Banco Mundial, instituição insuspeita de "Estatismo". Os dados são os seguintes:

Participação percentual dos gastos do Governo no PIB ou PNB, países industrializados, 1880-1985

Ano	Alemanha	EUA	França	Japão	Suécia	R e i n o Unido
1880	10	8	15	11	6	10
1929	31	10	19	19	8	24
1960	32	28	35	18	31	32
1985	47	37	52	33	65	48

Fonte: Banco Mundial, Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1991, Washington

Constatamos a forte progressão global da participação do Estado, particularmente na fase mais recente, apesar de todos os discursos em contrário. A progressão é muito forte inclusive nos Estados Unidos (depois de 5 anos de governo Reagan) e no Reino Unido, numa fase que inclui quase 10 anos de governo de Margareth Thatcher. Em termos de ordem de grandeza, nos países desenvolvidos o governo administra hoje a metade do produto social.

Apresentar este quadro é importante, na medida em que segmentos importantes da sociedade passaram a raciocinar em termos de um "Estado pequeno e eficiente", justificando na realidade um processo caótico de privatizações, engavetando a questão essencial do como e a quem serve o Estado. A realidade com a qual temos de trabalhar, para enfrentar os

³ UNESCO - Informe Mundial sobre la Educacion 1991 - Paris 1992, tabela 2.9 p.36 e dados da p.40. É interessante notar que este primeiro balanço mundial regular da UNESCO sobre a situação da educação no mundo, presta um tributo ao que conseguimos fazer com os poucos recursos que temos: "Estudios internacionales efectuados por la países desarrollados no tienen un rendimiento muy superior - más aún, en algunos casos no es ni siquiera mejor - en pruebas comparables de comprensión de lectura, aritmética y ciencias, por ejemplo, al de los estudiantes de países relativamente pobres en los que el gasto por alumno es muy inferior" (ibid., p.41).

processos de mudança que vimos acima, é a de um Estado amplo, mas que tem de passar a funcionar de forma diferente.⁴

Se as sociedades desenvolvidas se modernizaram de fato (mesmo quando não no discurso) reforçando o Estado, e o quadro acima não deixa dúvidas a respeito, o eixo principal de ação não consiste em cortar segmentos da administração pública, mas de buscar um melhor funcionamento e com outras finalidades. A uma pessoa gorda que se move mal não se corta a perna para que fique mais leve: busca-se melhorar o seu modo de vida. No nosso caso, trata-se de buscar soluções institucionais mais flexíveis e sobretudo mais democráticas.⁵

Como fica a educação frente à nova dinâmica? Em termos globais, o impacto do progresso tecnológico, da globalização, da urbanização, das polarizações e do novo papel do Estado, leva a uma sociedade marcada por uma maior complexidade, maior diversidade e desigualdade, e um ritmo de transformação extremamente rápido, exigindo respostas mais flexíveis, e mecanismos participativos que envolvem todos os membros da sociedade.

Com o risco de dizer o óbvio, mas visando a sistematização, podemos considerar que, em termos de espaço de conhecimento, os novos pontos de referência, ou transformações mais significativas seriam as seguintes:

- é necessário repensar de forma mais dinâmica e com novos enfoques a questão do universo de conhecimentos a trabalhar: ninguém mais pode aprender tudo, mesmo de uma área especializada.
- neste universo de conhecimentos, assumem maior importância relativa as metodologias, o aprender a "navegar", reduzindo-se ainda mais a concepção de "estoque" de conhecimentos a transmitir;
- aprofunda-se a transformação da cronologia do conhecimento: a visão do homem que primeiro estuda, depois trabalha, e depois se aposenta torna-se cada vez mais anacrônica, e a complexidade das diversas cronologias aumenta;
- modifica-se profundamente a função do educando, em particular do adulto, como sujeito da própria formação, frente à diferenciação e riqueza dos espaços de conhecimento nos quais deverá participar;
- a luta pelo acesso aos espaços de conhecimento vincula-se ainda mais profundamente com o resgate da cidadania, em particular para a maioria

⁴ ideologias à parte, trata-se de uma evolução natural, na medida em que as atividades produtivas clássicas perdem peso, rapidamente, no conjunto de nossas atividades, enquanto assumem peso crescente as áreas sociais, onde a regulação pelo mercado é claramente deficiente.

⁵ ver David Osborne e Ted Gaebler - Reinventando o Governo - ENAP/MH Comunicação, Brasília 1994, tel 061-226.0412

pobre da população, como parte integrante das condições de vida e de trabalho;

- finalmente, longe de tentar ignorar as transformações, ou de atuar de forma defensiva frente às novas tecnologias, precisamos penetrar as dinâmicas para entender sob que forma os seus efeitos podem ser invertidos, levando a um processo reequilibrador da sociedade, quando hoje apenas reforçam as polarizações e desigualdade.

As novas tecnologias do conhecimento

Hoje temos a possibilidade de visualizar com certa clareza a imensa revolução que permite a informática na organização e transmissão do conhecimento.⁶

Em termos simples, o fato essencial é que podemos transformar em sinais magnéticos, qualquer informação sob forma de som, de escrita ou de imagem fixa ou animada. Uma vez que este processo é dominado, em grande escala, com grande rapidez e de forma barata, a maleabilidade dos conhecimentos é profundamente revolucionada. Pondo de lado os diversos tipos de exageros sobre a "inteligência artificial", ou os sustos dos que desconhecem os processos, a realidade é que a informática permite:

a) estocar de forma prática, em disquetes, em discos rígidos e em discos laser, gigantescos volumes de informação. Estamos falando de centenas de milhões de unidades de informação ao preço de algumas centenas de dólares;

b) trabalhar esta informação de forma inteligente, permitindo a formação de bancos de dados sociais e individuais de uso simples e prático, e eliminando as rotinas burocráticas que tanto paralisam o trabalho científico;

c) transmitir de forma muito flexível a informação através do telefone conectado ao computador, de forma barata e precisa, inaugurando uma nova era de comunicação de conhecimentos;

d) integrar a imagem fixa ou animada, o som e o texto de maneira muito simples, e com custos muito reduzidos;

e) manejar os sistemas sem ser especialista: acabou-se o tempo em que o usuário tinha de aprender uma "linguagem", ou simplesmente tinha que parar de pensar no problema do seu interesse científico para pensar no como manejar o computador. A geração dos programas "user-friendly", ou

⁶ Um excelente resumo do novo potencial encontra-se na recente publicação da UNESCO, *Les Nouvelles Technologies de Communication: orientations de la Recherche* - Paris, 1990, *Etudes et Documents d'Information* N.105

seja "amigos" do usuário, torna o processo pouco mais complicado que o da aprendizagem do uso da máquina de escrever, mas exige também uma mudança de atitudes frente ao conhecimento de forma geral, mudança cultural que esta sim é frequentemente complexa.

Mais uma vez, trata-se aqui de dados muito conhecidos, e o que queremos notar, ao lembrá-los brevemente, é que estamos perante um universo que se descortina com rapidez vertiginosa, e que será o universo do cotidiano das pessoas que hoje formamos.

A reação mais habitual que encontramos ao mencionar este potencial, é que se trata de realidades "do Primeiro Mundo". Mas a verdade é que esta dimensão do primeiro mundo já está aqui, e não o ver significa simplesmente voltar as costas para a realidade.

Por outro lado, as pessoas só agora começam a se dar conta de que o custo total de um equipamento de primeira linha, com enorme capacidade de estocagem de dados, impressora laser, modem para conexão com telefone, scanner para transporte direto de textos ou imagens do papel para a forma magnética, é inferior ao preço de uma linha de telefone. Mais importante ainda, estes custos estão caindo vertiginosamente.⁷

Não há dúvida que é perfeitamente legítima a atitude de uma professora de periferia, que se debate com os problemas mais dramáticos e elementares, e com um salário absurdo: "o que é que eu tenho a ver com isto?" Faz parte da nossa realidade, ainda, a luta pelo "Aurélio". Mas a implicação prática que vemos, frente à existência paralela deste atraso e da modernização, é que temos que trabalhar em "dois tempos", fazendo o melhor possível no universo preterido que constitui a nossa educação, mas criando rapidamente as condições para uma utilização "nossa" dos novos potenciais que surgem.

A diversificação dos espaços educacionais

Se o século XX foi o século da produção de massa, o século XXI será o século da sociedade do conhecimento. Não há nenhum "futurismo" pretensioso nesta afirmação, e sim uma preocupação com as medidas práticas que

⁷ A variável dos custos é importante: quando com o preço da construção de uma escola pode-se comprar milhares de equipamentos de informática e de vídeo, a composição tecnológica dos investimentos na educação deve ser colocada em discussão. Por outro lado, um livro científico médio hoje custa cerca de 50 dólares, valor que permite comprar em CD uma enciclopédia universal. Transmitir os dados de um livro científico informatizado, por modem, custa dezenas de vezes menos do que as fotocópias com as quais a comunidade universitária se "defende".

se tornam necessárias, e cujo estudo deve figurar na nossa agenda. Não podemos mais trabalhar com um universo simplificado da educação formal, complementado por uma área de educação de adultos para recuperar "atrasos".

Um bom exemplo da diversificação dos espaços educacionais nos é fornecido pela **formação nas empresas**. Atualmente, as empresas norte-americanas gastam cerca de 60 bilhões de dólares com formação nas empresas. O programa do presidente Clinton prevê a alocação de 1,5% da totalidade da massa salarial do país para formação dos trabalhadores, o que dobraria com sobras os gastos atuais⁸. A importância deste novo segmento da educação pode ser avaliada se lembrarmos que os EUA gastam cerca de 6,8% do PIB com educação pública, ou seja cerca de 340 bilhões de dólares, enquanto a formação nas empresas deverá atingir cerca de 130 bilhões de dólares, cifra próxima da totalidade dos gastos públicos com o ensino de terceiro grau.⁹

É preciso levar em conta uma profunda transformação que está ocorrendo na área empresarial e de serviços: enquanto a produção tradicional podia se contentar com um trabalhador pouco formado, sendo a educação vista essencialmente como um "esparadrapo social" que permitia falar em "igualdade de chances à partida", hoje o setor empresarial moderno passa a precisar crescentemente da educação para o seu próprio desenvolvimento¹⁰. Em outros termos, se os Estados Unidos investem este volume de recursos na formação nas empresas, e o Japão e a Alemanha cerca de 2 ou 3 vezes mais, não se trata de idealismo, mas de uma transição exigida pelo próprio ritmo de transformações tecnológicas. Pode-se gostar ou não da tendência, mas o fato é que se trata de uma nova área que adquiriu peso da mesma ordem de grandeza que a educação formal, que atinge o mesmo universo social com o qual trabalhamos, e com a qual temos de articular os nossos esforços de uma forma ou outra. O que não podemos nos permitir, é ignorá-la.

Outra área que está surgindo com força, pelo potencial que representa, é a reorientação da **televisão e da mídia em geral**. Há um gigantesco capital acumulado, que são os aparelhos de televisão instalados em três

⁸ Business Week, 14 September 1992, p.6; 7 September 1992, p.31

⁹ Não há dúvida de que o universo empresarial brasileiro está dramaticamente atrasado nesta área, como aliás os Estados-Unidos estão atrasados relativamente ao Japão ou à Alemanha. Mas o fato é que este espaço está conhecendo um desenvolvimento muito rápido em todos os países

¹⁰ ver em particular a resenha de Ray Marshall and Marc Tuckner - Thinking for a Living - Business Week, 14 September 1992

quartos dos domicílios do país. Um bom exemplo do aproveitamento deste capital é o Public Broadcasting Service (PBS) dos Estados Unidos, assistido por mais de 90 milhões de pessoas, com programas educacionais diversos de gigantesco impacto cultural no país. A rede não é nem privada nem Estatal, é gerida por um conselho que envolve televisões locais e organizações comunitárias, com forte representação de instituições de ensino. Se considerarmos que a população, e em particular as crianças assistem a programas de televisão algumas horas por dia, é evidente que uma reorientação da nossa mídia, no sentido de elevar o nível científico e tecnológico da população, poderia ter efeitos significativos. E a rede tem índices de audiência muito elevados, pela própria qualidade dos programas e estrutura descentralizada que permite participação local efetiva. A PBS gasta anualmente cerca de 1,3 bilhões de dólares. No Brasil gastamos anualmente cerca de 3 bilhões de dólares em publicidade.

Diretamente vinculado à televisão, mas constituindo hoje um processo autônomo extremamente importante, é o **video**. Retomando o mesmo exemplo da televisão americana, a PBS-VIDEO abastece toda a rede educacional, hospitais, organizações comunitárias etc., com cassetes de vídeo, racionalizando o acesso ao gigantesco acervo de filmes científicos e educativos que hoje existem no mundo. No Brasil, temos a Associação Brasileira de Vídeo Popular, e todo o movimento pela Lei da Informação Democrática que abraçou a luta pela ampliação e democratização dos espaços educacionais, luta que deveria ser de todo a comunidade educacional e científica em geral.¹¹

Um outro espaço do conhecimento em plena expansão é o dos **cursos técnicos especializados**. A expansão é compreensível, já que com o surgimento de inúmeras novas tecnologias, os mais diversos segmentos da população buscam cursos de *design*, de programação, de CAD, de técnicas agrícolas, bem como apoio técnico para criação de micro e pequenas empresas etc. Esta área ocupa um espaço crescente, e não pode mais ser descartada como atividade marginal, como por exemplo os cursos de datilografia. Em reuniões organizadas em São Paulo, a Câmara Júnior de Comércio do Japão expôs como 60 mil pequenas empresas japonesas, conectadas por telefone e modem, cruzam diariamente as suas propostas ou dificuldades tecnológicas. Assim por exemplo, um trabalhador que enfrenta uma dificuldade técnica determinada, descreve-a no computador, e recebe no dia seguinte na sua tela comunicações sobre que empresa

¹¹ O universo da educação formal, entre professores e alunos, representa no Brasil cerca de 30 milhões de pessoas, 20% da população. A ausência ou quase ausência de movimento organizado dos educadores na luta pela democratização dos meios de comunicação de massa e da informação em geral é particularmente grave.

resolveu de que maneira esta dificuldade. Em outros termos, em vez de multiplicar cursinhos de qualidade frequentemente duvidosa, o Japão trabalha nesta área com a criação de um ambiente tecnológico integrado, que envolve tanto cursos como comunicações informais, e sobretudo a formação de uma cultura associativa e colaborativa das empresas. Pode-se pensar que isto não tem nada a ver com educação. Ou pode-se pensar que a educação tem muito a ver com os sistemas concretos de produção e distribuição de conhecimentos de forma geral.¹²

Uma outra área de trabalho que deve passar a interessar a educação é a organização do **espaço científico domiciliar**. Um número crescente de professores está se interessando hoje em organizar o seu espaço de trabalho em casa, ultrapassando a visão de pilhas de papel, de livros perdidos e esquecidos. Como este problema deve ser enfrentado ao nível da criança, que carrega entre a casa e a escola volumes absurdos de material, sem a mínima orientação de como se organiza conhecimento acumulado de forma a torná-lo disponível quando necessário? Longe de ser secundária, a criação de ambiente propício na casa é hoje fundamental, e trata-se de trabalhar este assunto de forma organizada, na linha de ergonomia do trabalho intelectual, entre outros. É importante entender que entre a nossa geração e a geração dos nossos filhos, o volume e tempo de vida da informação mudaram radicalmente, e o que já é um problema para nós, será um problema muito maior para eles. Trata-se sem dúvida ainda, entre nós, de um problema da classe média. Mas dentro de 4 ou 5 anos, quando os preços dos sistemas informáticos não se contarão mais em milhares, e sim em algumas centenas de dólares, já não será mais.¹³

Outro espaço que está surgindo com força é o espaço do **conhecimento comunitário**. Trata-se de uma área até hoje fundamentalmente trabalhada pelas Organizações Não Governamentais (as ONG's) de diversos

¹² Uma primeira experiência está sendo tentada na USP, com o sistema "disque tecnologia".

¹³ A atualidade deste espaço educacional é reforçada pelos avanços recentes das telecomunicações, que ultrapassaram de longe o ritmo de inovação da própria área informática. Um balanço recente realizado pela Comunidade Europeia, aponta em particular para as importantes implicações destes avanços para a área da educação: "Distance delivery of educational services, over the advanced telecommunications infrastructures that are now possible, is the only conceivable option for the European dimension in education to become a reality accessible to all, not restricted to a small elite... Technology now makes it possible for telecommunication to play a prominent role in the "democratization" of information and knowledge and rebalance how (if not whether) it can be accessed not only by the "have's" (upscale, urban, well-educated citizens) but also by the "have-not's" (whether for reasons of geographic remoteness, individual handicaps or somethings else", p. 1.5 e 1.6 - PACE - Perspective for Advanced Communications in Europe - 1992, vol.2, analysis of key issues

tipos, organizações religiosas e outras, cuja importância tem sido sistematicamente subestimada. Não se trata de aprovar ou não este tipo de iniciativas, e sim de constatar que se elas se desenvolvem com tanto dinamismo, é que há um vazio não preenchido. A força deste processo resulta da própria urbanização vista acima, e que torna a comunidade organizável em torno do chamado "espaço de vida"¹⁴.

Outra área em plena expansão e que precisa de uma "reengenharia" institucional é a área de **Pesquisa e Desenvolvimento**. A pesquisa no Brasil apresenta duas características que devem ser vistas com realismo: o distanciamento entre a academia, a empresa e a comunidade, por um lado, e a frágil coordenação entre centros científicos por outro. Quando se visita os diversos *campi* científicos, fica-se impressionado a que ponto se trata de ilhas, ou de um "arquipélago" de instituições com frágil complementariedade e sinergia. Um exemplo positivo é a constituição recente da Rede Nacional de Documentação e Informação em Administração Pública, RENAP, que permite pela primeira vez um início de trabalho articulado das dezenas de instituições que realizam pesquisa na área.¹⁵ Hoje qualquer pesquisador acessa em segundos no seu computador a produção científica da Europa ou dos Estados Unidos, via Internet por exemplo, mas tem muito mais dificuldade para acessar a produção de outras instituições do seu próprio Estado.

É essencial, de toda forma, tomar consciência que a existência do modem e das redes torna hoje simples e barato realizar um salto qualitativo na convergência dos trabalhos de ciência e tecnologia no país, permitindo ao mesmo tempo maior contato entre as instituições científicas e a melhor articulação com setores empresariais e de ciência aplicada, abrindo espaço para um ambiente de progresso científico generalizado.

Quando repensamos a **educação formal e a educação de adultos** neste contexto, é para considerá-la como atividade central e organizadora, e não mais como eixo único de formação. Em outros termos, a escola tem de passar a ser um pouco menos "lecionadora", e bastante mais mobilizadora e organizadora de um processo cujo movimento deve envolver os pais e a comunidade, integrando os diversos espaços educacionais que existem na sociedade, e sobretudo ajudando a criar este ambiente científico-cultural que

¹⁴ ver em particular um excelente estudo desta dinâmica em John Friedmann - Empowerment - Blackwell, Mass., 1992; a dinâmica no "terceiro setor", comunitário, que permite ultrapassar a dicotomia empresa privada/Estado, é estudada de maneira sistemática na sua evolução mundial no excelente Informe sobre el Desarrollo Humano 1993, das Nações Unidas, PNUD, New York 1993.

¹⁵ A RENAP foi instalada em abril de 1994 na Escola Nacional de Administração Pública, ENAP, incluindo inicialmente 15 instituições.

leva à ampliação do leque de opções e reforço das atitudes criativas do cidadão.

Nesta linha, o ensino superior deveria ser profundamente revisto, na medida em que poderia tornar-se um mobilizador de transformações, ultrapassando o seu papel hoje tão estreito de formação de elites corporativas. Em termos de cronologia do ensino, este espaço deveria ultrapassar o seu formato fechado, de licenciatura em 4 ou 5 anos, para se abrir a ciclos de atualização científica do estudante de qualquer idade. Em outros termos, é importante que um professor de matemática possa cursar um semestre de informática para se atualizar, sem necessariamente cursar toda uma faculdade, e que o conjunto de adultos profissionais do país possam passar a ver na educação superior um espaço permanente de atualização. O fechamento existente entre a carreira "acadêmica" e as carreiras "técnicas" constitui simplesmente um anacronismo.

Finalmente, devemos abrir a escola para o mundo que a cerca. Uma proposta prática é assegurar que crianças já no início da adolescência visitem de forma sistemática e programada diversos tipos de empresas, bancos, micro-empresas familiares, empresas públicas etc., rompendo com a situação absurda do aluno ver a distância entre o que aprendeu e o mundo real somente quando chega aos 18 anos. Há experiências numerosas neste sentido, e devemos tomar medidas renovadoras com urgência. E não podemos mais considerar o aluno como pessoa em "idade escolar", porque há cada vez menos "idade" para isso.¹⁶

Globamente, estes diversos segmentos apontam no sentido de uma integração e inter-ação dos espaços de conhecimento, visando globalmente equipar o aluno jovem ou adulto ou idoso para sociedade do conhecimento.

Os desafios institucionais

As idéias não levantam vô se não se definem soluções institucionais adequadas para a sua implementação, e as próprias soluções institucionais exigem a ampliação prévia de espaço político. Quando vemos a quantidade e qualidade das sugestões referentes à educação no Brasil, e as confronta-

¹⁶ um exemplo evidente é a reciclagem dos idosos: como a terceira idade é hoje um período da ordem de duas a três décadas, a formação para um conjunto de atividades possíveis adquiriu grande importância

mos com o processo real, vem-nos à mente o conceito de "impotência institucional" que utilizamos para caracterizar a perda de governabilidade na administração pública em geral. Quando boas idéias e pessoas bem intencionadas e com poder formal não conseguem resultados, é preciso avaliar de forma mais ampla os mecanismos de decisão e a dimensão institucional do problema.¹⁷

Uma linha de trabalho importante consiste na organização de espaços de elaboração de consensos: o sistema que nos rege generalizou a filosofia da competição em substituição à solidariedade, da rivalidade em detrimento da cooperação. Assim, os diversos atores sociais que definem de uma forma ou outra os nossos rumos, em geral não "conversam". Cada segmento social tem intimamente identificado quem são "os culpados" (os políticos, os empresários, os banqueiros, os latifundiários, os generais, os sindicatos, a esquerda etc., segundo as convicções), e não se conversa com o inimigo. Praticamente inexistem os espaços de elaboração de consensos entre os diversos segmentos da sociedade.

Não é o nosso objetivo aqui minimizar as contradições sociais existentes. Não há dúvida que os grupos dominantes do país, que coincidem com as grandes fortunas, são profundamente retrógrados e dificultam o progresso real no país. Não é à toa que somos hoje o país com a distribuição de renda mais injusta do mundo, e não há soluções viáveis na área do conhecimento, hoje principal motor da modernização, quando se reduz dois terços da população à mais completa miséria.

No entanto, é importante a nosso ver entender que a transformação dos espaços do conhecimento não se pode dar apenas de dentro dos espaços da educação: exige ampla participação e envolvimento de segmentos empresariais, dos sindicatos, dos meios de comunicação, das áreas acessíveis da política, dos movimentos comunitários, dos segmentos abertos das igrejas etc., na gradual definição dos nossos caminhos para a sociedade do conhecimento.

Não há fórmula para isso. Mas é essencial a consciência de que quando os problemas substantivos não estão sendo tratados, é que não foram definidas as propostas de articulação institucional que permitam que sejam tratados.

Nos Estados Unidos foi criado o National Center on Education and the Economy, um espaço de criação de idéias que permite a confluência da

¹⁷ Em boa parte a importância do exemplo citado da PBS prende-se ao fato de ter encontrado o equilíbrio necessário entre empresa privada e paternalismo estatal, entre financiamento próprio e subvenções, entre gestão autoritária e participação comunitária, entre competência técnica e gestão democrática

visão dos educadores, das empresas, dos sindicatos e das administrações públicas. Não seria seguramente esta a estrutura adequada ao Brasil. Mas a própria idéia de que devemos trabalhar com a criação prévia de espaços de elaboração de consensos entre os atores chave que intervêm no processo, estes ou outros, é essencial.

Outra linha consiste em trabalhar a matriz de decisões do setor educacional e das áreas conexas. Esta matriz envolve dois tipos de reformulações: a da hierarquia vertical de decisões (instâncias federais, estaduais, e locais), e a da articulação horizontal dos sistemas privado, Estatal e comunitário.

Há alguns anos, realizando uma consultoria para o Ministério da Educação em Brasília, constatamos que os pequenos projetos propostos para financiamento pelo salário-educação eram selecionados por uma equipe situada no gabinete do Ministro. Como pode um projeto de ampliação de algumas salas de aula, que normalmente deveria ser discutido e decidido pela comunidade local, no próprio município, ser discutido em Brasília, depois de uma média de 8 meses de trâmites burocráticos, e por gente que em geral nem sabe onde o referido município fica? É preciso repensar a hierarquia de decisões do país, com a correspondente transferência de recursos, para devolver ao sistema um mínimo de racionalidade. Lembremos mais uma vez, conforme vimos acima, que a Suécia gasta mais de 70% dos recursos públicos no nível municipal, enquanto nos países subdesenvolvidos o nível local em geral mal chega aos 10%. No Brasil a cifra provável é de 13%.

A outra reformulação referente à matriz de decisões é a que concerne a divisão entre área privada, estatal e comunitária. Estivemos presos durante longo prazo numa visão simplificada, na qual a grosso modo a esquerda defendia a solução estatizante, com planejamento central, e a direita preconizava (e continua preconizando) a solução privada, com mecanismos de mercado. É óbvio que de modo geral a regulação na área da educação não pode ser deixada para os mecanismos de mercado, que privilegiam a maximização do lucro e o curto prazo, por uma simples razão de eficiência. Conforme mostramos em outro estudo¹⁸, a privatização nesta área simplesmente aprofunda os desequilíbrios. Mas a estatização de cunho centralizador leva a outros desequilíbrios, e constatamos hoje que o desenvolvimento institucional mais rico é o da participação comunitária, assegurando simples-

¹⁸ Veja Ladislau Dowbor - Aspectos Econômicos da Educação - Ática, 2ª edição 1991

¹⁹ Uma reformulação profunda está em curso nos Estados Unidos, conforme podemos constatar no livro de Osborne e Gaebler - Reinventing Government - Addison - Wesley 1992, ultrapassando a visão privatizante e desenvolvendo sistemas participativos mais flexíveis

mente aos maiores interessados, os participantes ou pais, uma voz determinante nas decisões¹⁹.

Esta última reformulação deveria levar a uma articulação de soluções diferenciadas: continuamos necessitando do planejamento central para as grandes opções tecnológicas de longo prazo no país, e o apoio à pesquisa fundamental; de mecanismos de mercado mas com controles comunitários para os cursos técnicos especializados; de conselhos que reúnam empresas e sindicatos em torno da formação nas empresas²⁰; de mecanismos comunitários participativos muito mais densos para a coordenação da educação formal, através de uma profunda descentralização do sistema; de organismos inter-institucionais para o fomento e controle de sistemas locais de mídia, como a televisão comunitária, televisões educativas municipais e Estaduais etc..

Em outros termos, no quadro de uma sociedade do conhecimento que trabalha com subsistemas muito diferenciados que evoluem de forma dinâmica e articulada, necessitamos de formas diferenciadas e flexíveis de gestão, o que só pode ser conseguido com ampla participação dos interessados. Uma tradicional hierarquia vertical e autoritária, movida por mecanismos burocráticos do Estado, ou centrada no lucro e no curto prazo da empresa privada, simplesmente não resolve.

Uma terceira linha que tem de ser trabalhada, é o enfoque intersetorial: a comunidade não se desenvolve "por disciplinas", e sim busca o seu desenvolvimento integrado. Em agosto de 1992 realizamos uma série de reuniões com representantes de bairros pobres de diversas cidades da Costa Rica, no intuito de identificar com eles prioridades educacionais. As prioridades que surgiram envolvem conhecimentos jurídicos dos seus direitos; técnicas de auto-construção; organização de pequenas e micro-empresas; formas de organização comunitária; cursos de atividades econômicas domésticas (para enfrentar o desemprego) e outros, num amplo leque que difere radicalmente do que temos normalmente em vista. E porque não associarmos o processo educacional de uma comunidade com o conjunto dos seus esforços de modernização, desenvolvimento e recuperação de cidadania? Não se trata de questionar o universo formal de conhecimentos, e sim de integrá-lo com o processo real de transformação do cotidiano que a comunidade procura.

²⁰ Na Alemanha, por exemplo, a formação nas empresas tem sido confiada à coordenação dos sindicatos, ultrapassando a visão estreita do "treinamento" (por exemplo resistência de materiais ensinada a torneiros) para buscar a organização de espaços culturais de concepção ampla. A tendência, conforme mostra a experiência da "Cultura Bradesco" pode ser perigosa, mas isto só reforça o argumento de que devemos assegurar soluções institucionais mais participativas nos processos de formação nas empresas.

Em outros termos, trata-se menos de oferecer um "pacote" fechado de conhecimentos, e mais de se colocar a educação ao serviço de uma comunidade que moldará o universo de conhecimentos de que necessita segundo os momentos e a dinâmica concreta do seu desenvolvimento. E neste processo é o conjunto de instrumentos, desde a aula convencional até os sistemas baratos e modernos de TV comunitária, e as novas conquistas tecnológicas, que poderão ser utilizados, num processo em que o educador é mais um "parteiro" do potencial local do que propriamente fonte de saber.

Conclusões

O presente texto é escrito por um economista, que trabalhou em diversos países na organização de sistemas econômicos, e que de certa forma traz para este universo de discussão as preocupações e eventuais deformações que são típicas da sua origem. O fato de um economista ser convidado para reuniões de educadores, no entanto, já apresenta um progresso indiscutível, pois os tipos de bloqueios que enfrentamos nos atingem a todos, e as soluções exigem um amplo leque de cooperação.

As idéias principais que quisemos aqui trazer são quatro.

Primeiro, um conjunto de avanços tecnológicos recentes estão gerando uma transformação qualitativa nas áreas do conhecimento em geral, exigindo uma ampliação dos nossos enfoques, e em particular um trabalho sério de análise para sabermos como incorporar estas inovações na perspectiva de uma educação progressista.

Segundo, os avanços tecnológicos mencionados estão gerando novos espaços de conhecimento, que exigem tratamento diferenciado e articulado. É importante mencionar que a ausência ou insuficiência de políticas dinâmicas, nestas novas áreas, cria um vazio que favorece o surgimento de uma "indústria do conhecimento", levando frequentemente à formação de micro-ideologias desintegradoras - veja-se o fanatismo de certas ideologias empresariais, de certos movimentos religiosos, ou de certos tipos de programas de televisão - prejudicando uma visão humanista mais ampla que um processo geral de integração social através do conhecimento pode proporcionar.

Terceiro, a ocupação destes espaços exige uma convergência de atores sociais interessados, incluindo tanto educadores como empresários, sindicatos, movimentos comunitários e outros, na linha da constituição da base institucional e política do processo de renovação e ampliação de atividades.

Quarto, junto com a constituição da base institucional do processo, é preciso lançar um grande movimento nacional em torno da sociedade do conhecimento, da renovação tecnológica e cultural. Medidas pontuais, como o salário-educação, alguns programas culturais na mídia, o disque-tecnologia da USP e outras tantas iniciativas perdem o seu impacto, enquanto não se organiza um movimento global de renovação cultural capaz de assegurar a sinergia dos esforços realizados.

De toda forma, é nossa visão de que o mundo educacional está adormecido ao lado de um gigantesco manancial de possibilidades sub-utilizadas, e que tem de começar a batalhar por espaços mais amplos e renovados, com tecnologias e soluções institucionais novas.

ABSTRACT

DOWBOR, L. Os Novos Espaços do Conhecimento, *Transinformação* v. 7, n° 1/2/3, p. 15 - 32, janeiro/dezembro/1995

Transformations in society are analysed where technological progress, internationalization and urban movements take place in order to situate new knowledge technologies in the variety of educational spaces.

Key words: New Spaces of Knowledge, New Knowledge Technologies, New Educational Tendencies.

Novas Formas de Mediação da Informação*

Lella M. Z. Mercadante

RESUMO

MERCADANTE, L. M. Z., Novas formas de mediação da informação. *Transinformação*, v. 7 nº 1/2/3, p. 33 - 40, janeiro/dezembro/1995

Reflete sobre as novas necessidades de negociação na área de informação, com destaque para o compartilhamento de recursos. Contrapõe virtualidade e materialidade da instituição biblioteca.

Palavras-Chave: Tecnologia da Informação; Recuperação da Informação; Gerenciamento da Informação; Telemática e Biblioteca; Biblioteca Virtual; Treinamento do Bibliotecário; Educação do Bibliotecário; Políticas de Informação.

As mudanças estão chegando tão grandes, rápidas, e a angústia de entender, acertar, e ir adiante parece que toma de certa forma toda a classe de profissionais que trabalha com informação, e principalmente aqueles que estão à frente de bibliotecas e centros de documentação, responsáveis que são por decisões institucionais.

Num primeiro momento, quando a área de informação começa a absorver os avanços da informática e das telecomunicações, parece que se cai numa euforia, numa expectativa de grandes momentos e grandes acontecimentos. Vejo imediatamente após, a ocasião em que ficam claras as dificuldades, a necessidade de conviver mais de perto com profissionais de outras áreas para conseguir planejar e realizar um trabalho adequado. A necessidade enorme de compreender, não só o momento, mas as tendências do que está para acontecer. Somadas essas angústias e dificuldades, ao ato de viver num país em que se convive diariamente tanto com o rudimentar e o precário, quanto com o novo e a alta tecnologia, tem-se aí o momento presente, e as necessidades de novas negociações na área de informação.

* Texto apresentado como palestra no COBIBI, em São Paulo, no dia 23 de agosto de 1995.

Mudou tanto a biblioteca? Não a sua, a minha, a nossa, mas o que se espera dela, **sim!** É uma mudança real, generalizada em nosso país? Minha resposta continua a ser sim, e se para muitos essa mudança não chegou ainda, progressivamente, a modernização está vindo, ainda que muito devagar, para alguns, e muito rápido para outros.

Mesmo que se possa discutir quanto de modernização esse momento significa, acho que temos o consenso sobre alguns aspectos em que a introdução da informática, as facilidades de telecomunicações e a aceleração do uso de meios eletrônicos no acesso e tratamento da informação mudaram o conceito de biblioteca, criaram necessidades de novas formas de mediação para obtenção e transferência de informação e documentos, e passaram a exigir um profissional com perfil um tanto diferente daquele com o qual se saiu das escolas.

Para estabelecer um pouco a situação da área no país e um pouco no exterior, lancei mão de textos de autores como: Murilo da Cunha, Johanna Smit, Birdsall e outros.

Considero como consenso a afirmação de que a informática melhora e possibilita:

- **tratar** volumes de informação mais rápida e precisamente;
- **armazenar** de forma mais lógica grandes volumes de informação;
- **recuperar** as informações de forma mais racional e rápida.

Em decorrência, o profissional, diante disso precisa:

- **saber tratar volumes** de informação, o que significa dominar técnicas de registro e indexação, não só para o usuário próximo, mas principalmente passíveis de recuperação à distância;
- **selecionar** informações para não gastar tempo e espaço em material não pertinente;
- **administrar** o volume de informações para poder oferecer bons serviços a custos razoáveis;

De alguma forma, a integração informação/informática, a automação de catálogos, a criação de bases de dados, tudo isso se deu/ou está se dando no país, acompanhando a tendência iniciada e já consolidada no exterior.

Como é atualmente o novo panorama? Os avanços em armazenagem e recuperação eletrônica das informações estão mudando a natureza dos serviços de uma biblioteca. A proliferação dos CD-ROMs, a capacidade de acumular bases de dados nos sistemas integrados de bibliotecas, e mais recentemente a INTERNET tem como consequência um número enorme de fontes de informação disponíveis eletronicamente. Com essa possibilidade, veio a responsabilidade de compreender a informação eletrônica e as opções de acesso.

O sucesso da INTERNET e as imagens de uma "superhighway" de informação criaram as expectativas, espera-se de fato que a onda de reforma tenha já se estabelecido. Quais são as afirmações nesse sentido?

A questão que aparece é que, como sempre, a "biblioteca" vai desaparecer. As informações eletrônicas estariam tomando lugar das informações impressas. Chega-se tanto a pensar numa biblioteca virtual, que se corre o risco de pensar em uma biblioteca invisível ou pior, inexistente. Parece que tudo é possível, e se vê então tanto desafios ousados, como incursões ignorantes.

A discussão sobre biblioteca virtual, desaparecimento da biblioteca/lugar, apaixona tanto os catastróficos - (ela vai desaparecer!) quanto os tradicionais - (seu lugar como instituição é eterno!) Birdsall, em texto sobre o mito da biblioteca virtual, reconhece que o desenvolvimento das tecnologias aplicadas à informação acarretaram um grande aumento no oferecimento de serviços, agora via eletrônica, mas não concorda com a idéia de biblioteca virtual ou com o eventual desaparecimento da biblioteca como um lugar. Considera ainda o termo "cybrarian", no lugar de "librarian" como um exagero, uma vez que reafirma como extremamente importante a visibilidade da biblioteca como instituição.

O conceito de biblioteca virtual, que inclui idéias de biblioteca on line, ou eletrônica, com usuários à distância, produtos/serviços específicos, mecanismos diferenciados de acesso à informação e ao documento.

Será que se poderia citar tipos de biblioteca virtual?

Seria virtual tanto a biblioteca sem ou com muito poucos materiais impressos, sem espaço de leitura e pessoal de apoio, cujo trabalho é disseminar informação diretamente a usuários, por meios eletrônicos.

Seria também virtual a biblioteca que tenha transformado porcentagem significativa de seus canais de acesso e/ou fornecimento de informações para formatos eletrônicos, de tal forma que a maioria de seus usuários não necessitam ir à biblioteca para obter informações.

Biblioteca virtual ou não, deve-se admitir que, se de um lado não parece estar próximo o desaparecimento do livro como material impresso, estão aí as **Informações eletrônicas**, e de novo a discussão: quanto e em que tempo estão/estarão representadas nas bibliotecas, inclusive como gasto e presença no desenvolvimento de coleções? Em artigo de jan/95, no Journal of Academic Librarianship, há um dado da Associação de Universidades Americanas que projeta para o ano 2015: 50% de toda literatura em ciência e tecnologia serão em forma eletrônica. Exageros à parte, encontra-se também na literatura a estimativa que será de 10% essa porcentagem, para o ano 2000.

Chegamos a uma outra questão, a que sempre afligiu o bibliotecário, mas que passa a ser um problema muito maior com a facilidade de acessos,

a recuperação de um número muito grande de informações, a pobreza das coleções do país, aliada à dificuldades de localizar materiais não acessíveis em bases de dados nacionais. É o acesso ao **documento!**

A questão envolve não somente o uso de tecnologia para transmissão/recepção eletrônica de documentos, mas também e, principalmente, a vontade/capacidade/realidade de compartilhar recursos.

Para o fornecimento de cópias de documentos, nos países onde há o mercado de informação, plenamente estabelecido, a iniciativa de firmas comerciais tem um papel importante, apesar de não atingir completamente a solução. Lá, a questão dos preços e das condições de ofertas no mercado podem decidir para uma parte de usuários.

No Brasil, as soluções dependem das negociações das bibliotecas para suprir os usuários. As facilidades de existência de softwares que possibilitam a transmissão de documentos escaneados na INTERNET estão disponíveis, e já em uso no país. O software Ariel, já usado em vários países, é a base de um serviço instalado na UNICAMP, na Biblioteca da Área de Engenharia através de um consórcio entre a Universidade do Novo México e a UNICAMP, com apoio do ISTEAC.

É evidente que a simples compra do software e do equipamento não torna o documento acessível, porque deve existir, do outro lado da demanda, uma instituição que tem o documento, que concorda em cedê-lo, e transmiti-lo.

O acesso ao documento, portanto, depende da aplicação da Tecnologia da Informação, e muito já se encontra resolvido, através do armazenamento de documentos digitalizados/escaneados, e das facilidades de transmissão via INTERNET, mas depende, e essencialmente, de uma negociação, convênio, consórcio entre as instituições que fazem a demanda, e as que fornecem os documentos. Há custos também, e esses devem ser repartidos.

A cooperação, o compartilhamento de recursos, os serviços pagos ou não por quem pede, cobrados ou não por quem fornece, **dependem da biblioteca (leia-se bibliotecário)**, desejar integrar-se a redes, conseguir diminuir a burocracia da Instituições, quebrar as barreiras dos regimentos e incorporar rotinas de atendimento externo. A negociação entre as Instituições é que vai possibilitar isso.

É interessante começar a pensar em consórcios entre Instituições, em criar a figura jurídica institucional desse tipo de serviço (a idéia de consórcio na Pós-Graduação é um exemplo a ser seguido).

Negociação para compartilhar recursos parece fácil, mas não é. É muito difícil, às vezes parece impossível Ex.: (o UNIBIBLI - Tecnologia desenvolvida; empréstimo - ainda não). É importante admitir que o provedor raramente encontra incentivos para "ceder" os recursos informacionais.

Normalmente, atender os pedidos de empréstimo entre bibliotecas e/ou cópias de documentos é a mais baixa prioridade da biblioteca, e vem após o atendimento a qualquer um de seus usuários. É quase impossível reverter essa situação. Talvez uma nova forma de consórcio, institucional, pudesse resolver, ou ajudar a questão.

Mas, há outras formas de acesso: os documentos acessíveis via INTERNET. Está se iniciando, ainda em projeto, a Universidade de Illinois pretende digitalizar o acervo e torná-lo disponível via INTERNET. Já há parte disponível.

A experiência, já em andamento quanto ao provimento de informação eletrônica, e no início quanto à transferência de documentos via INTERNET, usando softwares já aprovados (como o Ariel, por exemplo) tem sido muito bem aceita pelo usuário. Mas, apesar do reconhecimento do valor e da importância do uso dos recursos eletrônicos nas bibliotecas, torna-se imprescindível concluir que há inúmeras questões, ainda sem respostas.

Uma política de acesso eletrônico à informação e ao documento exige investimentos tanto em equipamentos, software quanto em treinamento do pessoal e dos usuários. Ainda, há gastos quanto ao documento, seja em taxas de telecomunicação quanto em pagamento de "copyright". Há necessidade da própria biblioteca adotar essa aquisição não como algo complementar, esporádico ou contingente, mas adotar essa rotina e usá-la como parte integrante da provisão de recursos para os usuários. Atualmente é a grande possibilidade de escapar dos limites da disponibilidade local ou nacional de documentos.

Apesar de todos os avanços do desenvolvimento em computadores pessoais e Tecnologia da Informação, parece que o livro ainda não está obsoleto. A simplicidade, portabilidade e durabilidade do livro, ainda o protegem da obsolescência (Ex.: desenvolver um computador tão amigável, que vá para a cama com o usuário, como o livro).

O bibliotecário, em nosso país, convive e vai conviver por décadas com uma biblioteca que deve fazer o equilíbrio exato em adquirir tanto livros como disponibilizar sistemas. O que se espera do profissional, da sua capacidade de adaptação aos novos tempos, sem o distanciamento do conceito essencial de provedor de informação?

Em primeiro, a capacidade de gerenciar, administrar esse novo instrumental. Ao desenvolver seus planos de trabalho, é essencial que crie condições para oferecer as facilidades das novas tecnologias no **balcão de referência**, entendido aqui mais como conceito, não necessariamente local físico.

Para chegar a bem gerenciar, a biblioteca deve ter profissionais suficientemente habilitados e com responsabilidade para facilitar o uso da informação em qualquer dos suportes. Essencial, e talvez se encontre aqui

o grande trabalho do bibliotecário, é a educação e o treinamento do usuário, assegurando o conhecimento e a utilização desses novos potenciais pela sua comunidade. Parece ser essa mesma a grande tarefa do profissional, porque o trabalho de tecnologias de recuperação e desenvolvimento de interfaces para o usuário foram tarefas de não bibliotecários. O desenvolvimento de programas de educação de usuários deve incluir apresentação, demonstração dos instrumentais de acesso e recuperação, treinamento nas buscas (bases em CD-ROM principalmente), e materiais de divulgação. Estou me valendo muito das experiências de trabalhar em uma Universidade. Pesquisas nos Estados Unidos afirmam que o uso da INTERNET e de outros acessos de informação eletrônica são usados primeira e mais fortemente pelas bibliotecas universitárias. Acredito que o mesmo seja aplicado no Brasil. Há, então, experiências em nosso meio, que vocês já conhecem.

A questão desse treinamento de usuários também é complexa: a multiplicidade, a dispersão e a natureza efêmera dos recursos informacionais tornam mais difícil a tarefa. Seria extremamente interessante também pensar no treinamento à distância, empregando as tecnologias disponíveis.

Duas outras novas negociações com a informação estão aí, complexas, e essenciais - uma é o registro do documento em catálogos ou bases de dados. É de novo a velha rotina de **catalogação**, descrever e indexar a informação, mas com um complicador: para recuperação via eletrônica e **à distância!** É saber que está **catalogando** para o mundo, esperar que o público distante procure e encontre, a partir desse registro, a informação necessária.

Outra necessidade é o profissional saber definir e recuperar a informação pertinente, a partir da massa enorme de informações disponíveis. É mesmo um desafio determinar, por exemplo, quanto da informação disponível na INTERNET, refere as áreas de atuação/interesse de sua comunidade. A Profª Johanna, em entrevista à revista Memória, falando sobre a recuperação da história usa muito bem uma paródia - "de tanto ouvir falar em recuperação de informação, meu irmão uma vez me perguntou se eu tinha perdido as ditas informações... Eu diria que não perdi coisa alguma, mas que as informações estão virtualmente perdidas, em função de seu volume, diversidade, língua na qual é veiculada, modos de circulação (há informações que gostam de circular sob a Terra, em túneis, é a "literatura cinzenta", mais difícil de ser detectada) etc. Felizmente, é possível encontrar muita informação pertinente na hora certa, mas isto supõe que alguém - o documentalista - tenha posto ordem no formigueiro, e que as pessoas saibam procurá-la, em sistemas cada vez mais amigáveis".

De fato, uma grande tarefa hoje é adicionar valor às informações disponíveis na INTERNET, tornando-as úteis aos usuários. A ironia da

atualidade é que não há problema de **falta** de informação, mas de excesso. É mesmo muito difícil definir a pertinência, e recuperar aquilo que interessa, de uma massa enorme de informações.

Outra nova negociação, essa para o profissional, é como administrar uma biblioteca virtual. O foco em questão é maior, pois além de "construir" essa biblioteca virtual, o bibliotecário deve estar capacitado para gerenciá-la. Para isso deve entender os novos papéis, conceitos e produtos, e também seus custos. As avaliações de custos e serviços devem embasar as tomadas de decisão quando se tratam de aquisições de desenvolvimento de coleções. A existência no mercado de bases de texto completo, possibilitando o acesso imediato ao documento, os custos de tais materiais, a disponibilidade de uso das bases para muitos usuários, a incerteza do que manter em papel, tudo isso obriga o bibliotecário a fazer escolhas, a emitir juízos etc. Não são decisões fáceis de tomar, e somente análises e avaliações constantes podem embasar esse gerenciamento. Somente um amplo conhecimento da comunidade a que serve, isto é, dos seus usuários, e do mercado, e que ajudarão o profissional.

Bem, parece que de fato há muitas novas necessidades, novas negociações da biblioteca, centro de informação ou documentação, qualquer que seja seu nome e o profissional, também independentemente do nome usado: bibliotecário, documentalista, técnico ou especialista em informação.

A tecnologia oferece melhores oportunidades e possibilidades na área. Fica outra questão: Será que não há um "gap" entre o potencial da tecnologia de informação e a capacidade das bibliotecas tirarem todo o proveito dela, em favor de seus usuários?

A aplicação da tecnologia permeia todos os serviços de informação. Do tratamento ao acesso, atingindo também os serviços cooperativos, o compartilhamento de recursos. A agilização dos mesmos, a sofisticação dos equipamentos, tudo parece estar à favor de melhores e mais rápidos atendimentos. Mas, ainda muito depende do profissional. Há desafios em trabalhar com acessos abertos, há custos, há decisões.

O que se espera desse profissional? Para estar adiante de sua clientela, ele deve estar familiarizado não somente com a estrutura, a indexação e o conteúdo das fontes de informação, mas também com os mecanismos de transferência de dados e softwares. Deve conhecer a amplitude, a profundidade e o número crescente de bases de dados nacionais e internacionais. Deve estar a par dos últimos avanços na aplicabilidade da tecnologia de redes e de hardware na área da informação. Mas, não parece ainda ser suficiente. Deve estar disposto a encontrar as novas formas de negociar acessos e documentos com outras instituições. Tem que saber trabalhar em equipes multidisciplinares, conviver bem com os outros profissionais que solucionam os problemas da área. E muito mais.

O desafio de trabalhar com acessos abertos, em uma biblioteca sem paredes é talvez assustador, mas desistir ou retroceder é muito mais ameaçador.

ABSTRACT

MERCADANTE, L. M. Z., New ways to mediate information. **Transinformação**, v. 7 n° 1/2/3, p. 33 - 40, janeiro/dezembro/1995

The text presents new ways to negotiate in the information field pointing out the need of sharing resources. Virtuality of library environment is compared with library as an institution.

Key words: Information Technology; Information Retrieval; Information management; Telematics and Library; Virtual Library; Librarian training; Librarian Education; Information Policies.

ANCIB e as Perspectivas da Ciência da Informação*

Solange Puntel Mostafa

RESUMO

MOSTAFA, S.P. ANCIB e as perspectivas da Ciência da Informação. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3, p. 41 - 48, janeiro/dezembro/1995

Discorre sobre uma associação de pesquisa e tece perspectivas da Ciência da Informação no Brasil.

Palavras-Chave: Perspectivas da Ciência da Informação; Políticas de Pesquisa em Ciência da Informação; ANCIB; Associação de Pesquisadores; Informação e Pesquisa; Informação e Processo Produtivo.

A ANCIB tem uma tarefa principal que é associar os pesquisadores na área de Ciência da Informação. Mas não é assim que apresentarei a ANCIB, uma coisa pronta que tem nome, sede e estatuto. Gostaria só de pensar na associação de pesquisadores. Um curso de pós-graduação é também uma associação de pesquisadores. Os pesquisadores estão associados num curso por linhas de pesquisa e por áreas de concentração. Por que isso? Porque ninguém pensa sem concentração. Agora, o fato de escolhermos algumas áreas de concentração para pesquisar não significa que estejamos todos alinhados num mesmo pensamento. Parece contraditório mas à medida que a gente concentra, a diferenciação também vai aparecendo como consequência da nossa concentração. Porque cada um de nós é, como diz BARRETO (1994), um ego pensante. E a gente precisa ter liberdade para pensar, ser, estar, permanecer e ficar sem o aprisionamento a teorias ou pessoas estabelecidas. Porém, nenhum de nós pensa sozinho. A gente pensa sempre por referência ao outro. A gente se refere ao outro; por isso é que fazemos referências bibliográficas. Aliás, a nossa área de Ciência da Informação é uma área cuja especificidade é a referência, seja de autores, seja de termos a serem indexados. É uma área que cuida da estrutura interna do discurso escrito e da forma de representá-lo (referen-

* Palestra realizada durante o I Encontro de Pesquisa em Ciência da Informação do IBICT, agosto de 1995.

ciá-lo) através das linguagens construídas e cuida também dos indicadores que levam esses discursos de um lado para o outro, indicadores que fazem esses discursos circularem - por isso é que nós usamos expressões como transferência de informação, uso de informações, usuários de informações etc., expressões que como já disseram alguns de vocês, são expressões que vão se tornando perigosas porque vão nos dando a impressão de que a informação é uma coisa de carregar na mão e não um processo de interação entre as pessoas, interação incessante que os homens estabelecem entre si no processo mais fundamental da existência que é o processo do trabalho. Toda vez que eu falo que informação é um processo de interação, já é preciso repetir com DANTAS (1994) que esse processo é sintático, é semântico, é neguentrópico e referido à história dos homens. Com GOMES (1982) aprendi há dez anos atrás que a informação não era coisa, não podia ser entendida como produto.

Então vocês notem que eu nem bem comecei a falar e já citei os colegas desta associação de pesquisa que é a pós-graduação do Rio de Janeiro. Sendo eu de Campinas e pertencendo a uma outra associação, a qual se associa por outras áreas de concentração e de pesquisa, mesmo assim, eu não consigo me expressar sem me associar ao pensamento de alguns de vocês.

É o alinhamento. Os pesquisadores vão se alinhando por afinidades temáticas e muito importante, por afinidades ideológicas. Trata-se de um campo de ação informacional, para citar mais um de vocês (MARCHIORI, 1992). Um campo onde ocupamos posições relativas. Então as áreas de concentração e as linhas de pesquisa formam um campo de ação informacional onde ocupamos posições relativas.

É de se reconhecer que avançamos muito a nossa compreensão sobre as relações entre Informação e Sociedade e que essas novas compreensões, sem dúvidas, nos fazem criar novas metodologias. Hoje nós sentamos com os economistas e com os comunicadores para discutir economia política da informação, por exemplo. Então é um avanço. BOLAÑO (1993), um doutor em economia da comunicação, levanta as contradições da informação, as quais me referi nesse texto da Fundação Seade.

Mas o importante aí é perceber que o tema informação e sociedade é de primeiríssima necessidade. Se nós imaginarmos a cidade italiana Veneza em 1400, quais eram as relações entre Informação e Sociedade nesta economia pré-capitalista, mercantil, feita de mercadores, aquele ambiente de Ceasa, sem produção em massa, sem indústrias? E que papel desempenha aí a informação? Claro que informação aí não é poder, não é arma intercapitalista. Aí precisa-se de informações porque informação é fundante numa economia de troca: você precisa saber o preço das coisas - as coisas importantes aí são pimenta e sal, as especiarias do oriente. Em Veneza até

hoje pode-se ver os armazéns que guardavam a mercadoria e os mercadores. Então precisa de informação: preço, qualidade da matéria prima, condições de crédito do comprador, vai pagar com cheque ou com cartão de crédito, questão do transporte, enfim toda informação que é preciso para compra e venda de mercadorias; aí em Veneza de 1400 você só não precisava de maquiagem a informação. A informação mercantil tem um quê de objetividade que a informação capitalista não tem e nem pode ter. Pois ali são poucos os produtos, não tem concorrência. Então não precisa de informação em excesso. Não tem produção de informação em massa. Então o tipo de ação comunicativa que se passa entre os mercadores é mais objetiva porque não só se refere ao mundo objetivo e nesse sentido a ação comunicativa aí é diferente daquela ação comunicativa que se dá entre parceiros sexuais por exemplo ou entre fiéis numa igreja. Não só por isso porque até aí a informação capitalista tecnológica também vai (é sempre possível checar a veracidade das informações através do discurso argumentativo, como quer Habermas) mas principalmente porque a economia mercantil não é uma economia de produção em massa. Então não precisa de informação em demasia. Já na virada dos 1400 pros 1800: são tantos os produtos, qual deles eu devo levar? Aí entra a informação na forma de propaganda. Aí entra a nossa interface com os comunicadores porque de meios de comunicação de massa são eles que entendem. E entra toda uma análise do significado da indústria cultural porque desde o aparecimento da TV, do vídeo, da indústria livreira, enfim da indústria cultural, e tudo isso se deu se não me falha a memória da década de 60 pra cá, desde lá, não tem mais como falar em informação sem falar em meios de comunicação de massa, em indústria cultural, em indústria da informação. Agora, e isso interessa de novo à economia da informação: dos 1800 até nós a economia capitalista precisou privatizar o público: os meios são de massa mas não são da massa. Precisou também tornar público o que é privado. A propaganda faz isso: ela torna pública uma coisa que é privada.

Então vejam: é como se a informação fosse externalizando as suas contradições e agora dá para ver melhor essas contradições. A informação capitalista que na essência é de classe, na aparência se apresenta como se fosse de massa. A informação mercantil que lidava com a informação na forma publicidade no sentido de tornar público, no capitalismo aquela forma se reveste de um outro sentido que é a publicidade no sentido de convencer e aí o que vale mesmo é desinformar, é a maquiagem. E a maquiagem é útil também para dar veracidade no produto original: ' havaianas, as legítimas'

No interior do processo de trabalho o gerente detem informações muito diferentes daquelas que detém o trabalhador direto e isto por uma questão de classe social, de relações de produção, de relações de trabalho, trabalho no sentido forte do termo como é proposto no materialismo histórico.

Então vejam: hoje a gente está podendo ver coisas e problematizar as relações entre Informação e sociedade, de uma forma que não fazíamos há 20 anos atrás. Agora nós temos é que ter muito cuidado com o novo, as novas terminologias e as novas tecnologias. Eu falei isso num encontro da ANCIB em 1989 em Brasília (MOSTAFA, 1991); era ano de aniversário da Revolução Francesa - o mundo todo estava comemorando a igualdade, liberdade e fraternidade e o tema da Ancib eram as novas tecnologias - as tecnologias e a formação do profissional de informação - o novo profissional da informação. Argumentei que não dava para pensar em novas tecnologias sem pensar em relações de trabalho, em relações de produção. A tecnologia já supõe um conhecimento novo que foi aí incorporado. A expressão desenvolvimento tecnológico supõe a criação de meios de trabalho novos, mais produtivos ou mais eficazes que serão aplicados às questões técnicas da produção. Essa compreensão da tecnologia como ciência aplicada é uma compreensão abstrata, válida apenas para a teoria do trabalho em geral. Reduzir a tecnologia ao conjunto dos instrumentos materiais do trabalho é uma das reduções de senso comum em qualquer conjunto de práticas. Quase todos nós achamos que tecnologia é isso mesmo, algo parecido com máquina ou quando muito, uma fórmula química. É evidente que instrumentos de trabalho mais desenvolvidos só poderiam ser novos, mas essa aparente redundância nessa ideologia do progresso técnico tem a função de dizer-nos que o novo é bom, porque decorre do progressivo domínio do homem sobre a natureza viabilizado pelo progresso científico. A tal ponto que essas expressões vem fundidas na noção de desenvolvimento científico-tecnológico. Com isso a gente vai descolando a ciência e a sua aplicação do processo produtivo. E o mais grave vai-se reduzindo o ato da produção (mesmo o ato da produção da informação - a produção de serviços de informação), vamos reduzindo a produção a uma questão meramente técnica. Se o novo é feito equivaler nessa ideologia ao mais eficaz e mais produtivo, então dispensa-se maiores justificativas: o novo é bom em si mesmo, por sê-lo, simplesmente.

Nada haveria de especial nesta redução, se ela não correspondesse também a um movimento de omissão do aspecto essencial dos instrumentos do trabalho, agora ditos tecnológicos, de eles só virem a ganhar existência concreta no trabalho enquanto expressarem relações sociais as quais não se estabelecem por referência à capacidade produtiva ou à eficácia dos instrumentos, mas por referência àquilo que nós chamamos de relações de produção ou de propriedade.

Claro que essas coisas que usamos para trabalhar não são só materiais. Há saberes elaborados pela ciência ou pelas práticas em exercício, saberes que podem ou não estar materializados em instrumentos, há também formas de organizar o trabalho, nexos técnicos de organização do trabalho. Enfim, para trabalhar é preciso reinventar os conceitos porque certas tecnologias os encurtam. E porque os encurtam encurtam também a prática, o trabalho. E nós ficamos todos reduzidos às novas terminologias e às novas tecnologias.

Objetivos-material-métodos-resultados-conclusão: A Seqüência Positivista da Ciência

Existe uma tradição em ciência em todas as áreas do conhecimento que a exposição da pesquisa deva se dar dentro de uma seqüência que vai dos objetivos às conclusões. Objetivos-Material-e-Métodos-Resultados e Conclusões.

Esta é uma seqüência que satisfaz uma certa concepção de ciência e com certeza muitas perguntas que a Ciência da Informação levanta e coloca para o seu objeto podem ser respondidas naquela seqüência. Outras não. Nem todas as perguntas são de um mesmo tipo e por isso nem todas necessariamente precisam passar por aquele cânone. Quais os problemas com essa seqüência? Em primeiro lugar quando se colocam os objetivos enunciados quase sempre de forma frásica, numerada e comportando níveis de objetivação entre o geral e o específico, corre-se o risco de enunciar os objetivos de forma meramente descritiva a tal ponto que ficamos dispensados da problematização. Como se não houvesse mesmo necessidade de problematizar. É como se a problematização ou as hipóteses teóricas ficassem ocultas nos termos dos objetivos ou mesmo fossem dadas por suposto. Esse dar-se por suposto em Ciências Sociais não tem cabimento. É preciso explicitar pressupostos sim e de forma teórica. Os objetivos não são quase nunca enunciados na forma de hipóteses teóricas e como conseqüência eles acabam cumprindo a função mais de corte, de explicitar aquilo que não se vai estudar do que propriamente de esclarecer o quadro teórico da pesquisa. Ora, os objetivos são muito mais do que uma simples informação sobre a natureza e os limites do estudo que se vai empreender.

Uma outra conseqüência dessa visão onde se iniciou com os objetivos é que ela coloca imediatamente uma relação de exterioridade entre o sujeito que conhece e o objeto a ser pesquisado. A realidade aí é concebida como um campo estruturado de regularidades antes e fora da ação do sujeito. Antes porque o conhecimento não mudará a natureza do real (a realidade então é

tomada como imutável) e fora porque as características da realidade, as características ontológicas são supostamente dadas externamente à consciência que se possa ter dela. Vocês podem argumentar que não é bem assim mas acaba sendo assim porque essa visão está impregnada em nós e já se generalizou como a única forma de fazer ciência; a tal ponto que a gente não consegue sequer pensar em outras seqüências. E quero crer que são vícios estruturais da concepção positivista da ciência.

O enunciado dos objetivos coloca imediatamente a necessidade de explicitar os materiais e as técnicas de observação para que se possa permitir a crítica dos pares mas aqui de novo, essa crítica se reduz às dimensões do controle experimental. Ou seja, o que se verifica é mais o controle de coleta e processamento dos dados do que propriamente à pertinência e à relevância dos dados por referências às hipóteses teóricas, que se já não existiam desde o começo, agora não se tem porque voltar a elas. Elas foram supostas e supostas permanecerão aí para sempre.

Em relação aos resultados é preciso também deixar claro que esse passo não é nada tão óbvio como se pensa. Os livros de metodologia até já incorporaram as críticas ao positivismo através da contribuição de Karl Popper e hoje já é senso comum a gente ouvir ou falar que o objeto é construído. Mas o que será mesmo que isso quer dizer?

Primeiro significa que a realidade não é o dado. Mesmo o dado construído e expresso nos resultados. Os resultados expressam uma forma de construção do real. Forma essa que responde e corresponde às supostas hipóteses. Não é porque os resultados deram isto, não é porque os dados são esses que eu já estivesse livre de justificá-los teoricamente porque aí a gente supõe de novo que a realidade tem a virtude de ser objetiva e de se apresentar a nós como uma espécie de imposição ou aparição.

O último passo da seqüência, as conclusões, acabam por repetir sob outras formas as relações verificadas entre dados e hipóteses; isto quando não se esquece as hipóteses e fica-se só com os dados, expressos normalmente no formato matemático e esse formato fica sendo a expressão última e conclusiva da realidade (já que se está nas conclusões).

Todo processo indutivo permite uma certa reelaboração dos resultados nas conclusões. Nas teses de Ciência da Informação isso fica muito claro. Tão claro que basta ler objetivos e conclusões e você já leu a tese. Vocês vão dizer que tem também a revisão, a justificativa e a introdução. Pode ter tudo isso: só confirma o indutivismo porque a revisão bibliográfica não pode ser confundida com quadro teórico. Até porque revisão é mais do mesmo e a gente está chegando às raias do absurdo com a revisão de 50 a 100 autores, quase todos dizendo ou fazendo a mesma coisa. É mais um exercício que embota o raciocínio e retira de nós a capacidade de reflexão.

O consolo é que essas reduções não acontecem só em Ciência da Informação. Entre nós inclusive já existe a percepção de que algo precisa mudar. Chamei isso em outra oportunidade de abordagens empírico-analíticas (MOSTAFA; LIMA; MARANON, 1992). Empírico por causa da falta de teoria e analítico porque sem síntese. A análise, mesmo aquela do divã, é o processo de desmontagem. O analista desmonta a gente. O pesquisador também tem que desmontar o objeto. Precisa abrir o objeto, analisá-lo, ver o que tem dentro. Mas por favor, alguém tem que montar de novo. Só que a montagem, ou o caminho de volta não pode ser igual ao caminho de análise. É preciso inventar outro caminho do contrário a gente vai dar no mesmo lugar. O caminho de volta precisa ser reinventado num outro nível de abstração. Por isso que aquele jeito descritivo e desproblematizado de se objetivar ou de enunciar objetivos supunha uma realidade antes e fora da ação do sujeito. De tal forma que a realidade continua a mesma antes e depois da intervenção do pesquisador. Então para que a pesquisa? Então para que a análise? Se tudo fica igual. Claro que a pesquisa não é ação. Mas supor uma realidade imóvel e construir um objeto também imóvel faz com que o nosso objeto não libere as suas possibilidades. E o pesquisador tem responsabilidade direta nisso porque foi ele que construiu assim. Sem liberar possibilidades a pesquisa está condenada a girar sobre os seus pontos de partida.

Referências Bibliográficas

- BARRETO, Aldo. A questão da informação. **São Paulo em Perspectivas**, v. 8, n.4:p.8, 1994.
- BOLAÑO, César. **Capital, Estado e Indústria cultural**. Campinas, Instituto de Economia, Unicamp, 1993 (Tese de Doutorado)
- DANTAS, Marcos. **O trabalho com informação; uma contribuição para o estudo da teoria do valor**. Rio de Janeiro, IBICT, 1994 (Dissertação de Mestrado)
- GOMES, Maria Nélida Gonzalez. **A configuração temática da Ciência da Informação no currículo dos cursos do IBICT**. Rio de Janeiro, IBICIT, 1982 172p. (Dissertação de mestrado)

MARCHIORI, Patrícia. **A posição relativa dos profissionais de biblioteconomia, jornalismo e informática no campo de atividades de informação no município de Curitiba: análise da formação acadêmica na U.F.P. em conjunto com indicadores sociológicos.** Rio de Janeiro, IBICT, 1992 (Dissertação de Mestrado).

MOSTAFA, Solange P. Nuevas tecnologías y relaciones de producción. London, **Information Development**, 2(7):75-77. 1991.

MOSTAFA, S.P.; LIMA, A.B.A; MARANON, E.I.M. Paradigmas teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação** 21(3):216-222, 1992.

ABSTRACT

MOSTAFA, S. P. ANCIB and perspectives of Information Science. **Transinformação** v. 7 n°1/2/3, p. 41 - 48, janeiro/dezembro/1995

The meaning of a research association is analysed along with considerations of Information Science in Brazil. Traditional sequence of science composed by paths such as Objectives - Material/Methods - Results - Conclusion is seen as belonging to a positivistic way of doing science.

Key words: Perspectives of Information Science; Research policies in Information Science; ANCIB; Research Association; Information and Production Process.

Atitudes de Planejamento em Bibliotecários de Instituições Universitárias Brasileiras*

Sonia Maria Marques de Oliveira

RESUMO

OLIVEIRA, S. M. M., Atitudes de Planejamento em Bibliotecários de Instituições Universitárias Brasileiras. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3/, p. 51 - 74, janeiro/dezembro/1995.

A pesquisa busca identificar as atitudes de planejamento em profissionais responsáveis pela gerência de bibliotecas universitárias brasileiras. A amostra representa 15% das bibliotecas, oficiais e particulares, dispersas geograficamente entre as cinco regiões brasileiras. O instrumento subdividi-se em duas partes: a primeira compõe-se de questões referentes à identificação da instituição, da biblioteca e do bibliotecário responsável; a segunda está composta, especificamente, por afirmativas relativas às atitudes de planejamento, elaborada segundo uma escala de natureza ordinal, conhecida como Escala de Likert. Para a análise estatística utilizou-se o teste de qui-quadrado com correção de continuidade, ao nível de $p=0,05$. Nos resultados observou-se que fatores como o tipo da instituição, tamanho do acervo, número de funcionários, tempo de serviço na profissão e participação em cursos e/ou eventos de capacitação gerencial, atualização e aperfeiçoamento interferem significativamente nas atitudes de planejamento destes bibliotecários. Os mesmos apresentam atitudes positivamente favoráveis ao planejamento prospectivo. No entanto, em análise de questão à questão, detecta-se a presença de atitudes eminentemente tradicionalistas, impedindo que haja avanço para uma atitude de planejamento proativo.

Palavras-Chave: Biblioteca Universitária; Atitudes de Planejamento Bibliotecário; Gerência de Biblioteca Universitária; Planejamento Bibliotecário

Introdução

O problema da prática de planejamento não ocorre somente em bibliotecas, mas, em todas as ações da vida, por ser um ato, naturalmente, ligado aos seres humanos.

*Parte da dissertação de mestrado em Biblioteconomia aprovada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1994, sob a orientação do Prof. Dr. Silas Marques de Oliveira.

Neste estudo as preocupações estarão voltadas para as atitudes de planejar dos bibliotecários enquanto profissionais de bibliotecas universitárias e tomadores de decisão com vistas a realizações de procedimentos lógicos nos diversos níveis administrativos. De um lado, a teoria que confirma a importância, as vantagens e a necessidade de planejamento, de outro, a prática do planejamento de onde se desconhece as crenças, valores e conceitos que regem esta função nas bibliotecas.

Autores como CARVALHO (1976, p.69) consideram que "muitos dos nossos bibliotecários foram treinados nos últimos anos apenas para o desempenho, e que a falta de melhor base teórica enfraquece a sua capacidade de adaptação às novas situações e novos problemas."

SILVA (1981, p.57) ressalta que "há carência de recursos humanos para o planejamento e ação programadora face à omissão de ensinamentos específicos nesta área, na formação bibliotecária."

Estudos que delineiam o perfil profissional do bibliotecário demonstram que este mercado tem exigido profissionais com qualificações para administração e gerenciamento (TARAPANOFF, 1989; GUTIÉRREZ MORALES, 1990; CIANCONI, 1991; MENDONÇA, 1992), bem como o desempenho da função de planejamento e administração de recursos informacionais (MULLER, 1989). Com a atenção voltada para as novas tendências de mercado, vários currículos de Biblioteconomia introduziram disciplina específica de planejamento bibliotecário, na intenção de formar um profissional que atendesse às exigências deste mercado, onde a informação é vista como um instrumento de apoio ao planejamento e à tomada de decisão. Para que a informação se torne instrumento relevante e elemento chave desta organização de futuro, se faz necessário seu planejamento.

Da parte dos bibliotecários brasileiros já se buscou avaliar o planejamento em bibliotecas universitárias (OLIVEIRA, 1993). No entanto, esta pesquisa não teve por objetivo delinear as tendências e habilidades destes profissionais quanto ao processo de planejamento.

Quanto à pesquisa em atitude de planejamento, objeto deste estudo, parte-se do princípio de que a inexistência de uma literatura específica na área é um fator que impede a emissão de um julgamento adequado do profissional bibliotecário quanto ao processo de planejamento.

Diante do exposto, o questionamento básico desta pesquisa direciona-se para uma avaliação positiva ou negativa, bem como um diagnóstico das tendências tradicionais ou prospectivas de planejamento dos bibliotecários das instituições universitárias brasileiras.

Atitudes de Planejamento

Através da literatura percebe-se, nas últimas décadas, um período de intensas mudanças sociais, políticas, econômicas e administrativas, tanto por forças internas quanto externas.

Uma organização pode tratar estas mudanças de duas maneiras: a primeira é através de um processo reativo, reagindo ao problema que já aconteceu. Esta abordagem acarreta pouco planejamento; a segunda é um processo proativo, que tem lugar antes que o problema ocorra, ou seja, através de uma mudança planejada (MEGGINSON et al., 1986).

Se a administração quer planejar para mudar, então, tem de decidir o que precisa ser alterado na organização: mudança de estrutura, mudança de tecnologia, mudança de pessoas.

Mudar as pessoas pode incluir alterações de atitudes, crenças, papéis e outras características de seus recursos humanos, que impedem maior efetividade organizacional.

HOGG (1989, p.1) afirma que uma pesquisa sobre atitudes pode fazer uma diferença significativa na qualidade da administração, enquanto MATOS (1981, p.68) considera que atitude é um fator de alta relevância para caracterizar um administrador.

DILL (1981, p.137) e DRUCKER (1987, p.224) afirmam que uma administração que pretenda ser estratégica e empreendedora, as atitudes devem mudar ao ponto de questionarem o que deve continuar vigorando e o que deve ser modificado.

No planejamento, DIAS (1982, p.20) diz que "muito mais importante que os instrumentos que se usam para planejar é a atitude dos indivíduos que dirigem uma organização em face do planejamento".

Para MARCOVITCH & RADOSEVICH (1982, p.115) "mudanças no comportamento humano que melhoram as práticas do planejamento incluem modificações de atitudes."

MENDONÇA (1992, p.113) estudando o comportamento gerencial de bibliotecários conclui sobre a necessidade de mudanças de atitudes por parte deste profissional.

Especificamente, no planejamento bibliotecário, VINCENT (1988, p.45) pondera que as atitudes individuais e coletivas determinam o sucesso ou fracasso do exercício de planejamento em bibliotecas e sistemas de informação.

Pelo que se percebe, os fatores contextuais, que hoje se apresentam, vêm exigindo mudanças de atitudes nas empresas e instituições prestadoras de serviço público que desejam ser inovadoras e empreendedoras, e cujas

necessidades de posicionamento dependem de qualidade e produtividade em seus serviços.

Assim é que nesta década vêm se intensificando os estudos que apontam a necessidade de uma visão estratégica planejada, voltada para o crescimento e desenvolvimento organizacional, como forma de melhor posicionamento das organizações numa economia e política que se volta do nível nacional para o internacional, onde imperam novas tecnologias e a informação transformou-se em ferramenta de valor e poder.

Tendo-se em vista que em uma organização o homem é o fator dominante e condutor dos demais recursos, porque ele é quem gerencia a dinâmica administrativa, aumenta a preocupação com a integração dos indivíduos num sistema de planejamento que produza benefícios relevantes à administração.

Para melhor compreensão dos problemas organizacionais, sob a ótica do desempenho humano, torna-se imprescindível conhecermos as atitudes individuais que, coletivamente, retratarão o comportamento ou a cultura da empresa.

Com o intuito de instruir no gerenciamento da informação como recurso econômico e estratégico, as escolas que formam administradores de bibliotecas, vêm tomando por base os conceitos de planejamento empresarial, sendo que muitos destes podem atender as necessidades próprias destas instituições. Como uma atitude tem sempre relação com um objeto conceitual, a interpretação positiva ou negativa destes conceitos poderá levar a uma valorização mais reativa ou proativa em direção ao planejamento.

VINCENT (1988), pesquisando bibliotecários americanos, constatou que estes evitam o planejamento, porquanto os mesmos não valorizam o documento do planejamento, não examinam e reexaminam seus objetivos e atividades, faltando-lhes atitudes e hábitos de planejamento individual ou organizacional. Para ele hábitos e atitudes são denominados de "mentalidade de planejamento".

Uma mentalidade de planejamento implica na capacidade de identificar e analisar problemas e oportunidades, na habilidade de relatar causa e efeito, e de prever os prováveis resultados. As atuais circunstâncias políticas e econômicas exigem flexibilidade, adaptação e espírito de oportunismo.

Para SAMUELS (1981) uma cultura de planejamento está preocupada com opiniões, valores, suposições, sentimentos, percepções e conceitos existentes dentro da organização por um longo período de tempo. E que o desenvolvimento de uma cultura de planejamento em sistemas de informação requer que alguém comece por examiná-la para saber que tipo de cultura já existe na organização.

Segundo CASTOR & SUGA (1988, p.103), o processo de planejamento, "só se desenvolve e consolida quando é internalizado na cultura organizacional, a ponto de ser tão rotineiramente executado quanto qualquer outro processo gerencial".

Sob este ponto de vista há um acordo de pensamento entre vários autores (DAVIS, 1980; MATOS, 1981; McCLURE, 1981; VINCENT, 1988; SINK & TURTTLE, 1993).

As mudanças desejadas na cultura de planejamento requerem um processo de questionamento de suposições passadas e presentes sustentadas pelos funcionários e administradores, identificando o que é atualmente desejado e o desligamento de idéias mitológicas que possam obscurecer sua validade. Isto envolve uma mudança de valores nos membros do sistema organizacional (SAMUELS, 1981).

Na literatura percebe-se conceitos equivocados ou negativos em relação ao processo de planejamento e aos planejadores (CASTOR & SUGA, 1988; SINK & TURTTLE, 1993).

Assim, a palavra "planejamento" ou a expressão planejamento estratégico" provocam reações negativas e desordenadas, impedindo os gerentes de serem ou continuarem a ser competitivos no futuro.

Posturas de Planejamento Adotadas na Pesquisa

Em conceitos, crenças e valores de planejamento é que nos fundamentamos para delinear as atitudes positivas e negativas dos bibliotecários das Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Para reforçar o intuito desta pesquisa recorreu-se as quatro posturas ou atitudes de planejamento, propostas por ACKOFF (1973): a inativa, a reativa, a preativa e a interativa ou proativa.

Num ambiente turbulento e ameaçador, uma solução inativista é suicídio e leva uma organização a extinção. É como introduzir a cabeça na areia. O reativismo e o preativismo enfrentam as estratégias geralmente liderando sucessos de curto prazo, mas com riscos de debilidade a longo prazo. O preativismo prediz e prepara a organização, numa tentativa de adaptação para o real e de antecipar contingências do ambiente da melhor forma possível. O proativismo enfatiza principalmente o relacionamento entre a instituição e seu ambiente, e pré-determina resultados futuros. O proativismo oferece pequenas preocupações para o risco de erro estratégico, mas cria oportunidade de um longo caminho de desenvolvimento e crescimento, apesar dos obstáculos. O proativista é reagente, adaptativo e inovativo.

Como afirma ACKOFF (1973, p.157), "as atitudes se misturam em várias proporções em cada indivíduo e organização, podendo mudar de

tempos em tempos. Mas em muitos casos uma tem mais domínio sobre outra."

Para diagnosticar as atitudes de planejamento definimos que as atitudes negativas em relação ao conceito de planejamento tradicional são inativas quando prevalecem atitudes defensivas marcadas por justificativas e desculpas como a perda de tempo, a falta de funcionários, o não-pragmatismo, a burocracia, o descrédito no processo. Elas fazem sucumbir uma organização. Com estas crenças e valores o planejamento é praticamente inexistente.

As pessoas com atitudes positivas em relação ao conceito de planejamento tradicional, caracterizando-se como reativas, acreditam que o planejamento é necessário apenas para obter e distribuir eficientemente os recursos orçamentários; soluciona questões de curto prazo ou mais especificamente os problemas do dia-a-dia; temem o risco; não entram no jogo político de suas instituições; evitam as mudanças; são adeptos da seqüência objetivos-estratégias-meios. Delineia-se uma atitude convencional de acomodação à rotina e de sacrifício do essencial pelo acidental, permanecendo a dicotomia entre pensar e agir e valores administrativos como "Não balance o barco", "Pise em terreno firme", que demonstram uma coerência com a experiência passada.

As atitudes negativas em relação ao conceito de planejamento prospectivo caracterizam-se como preativas, porque, embora possuam raízes tradicionalistas, concordam que a falta de reconhecimento e recompensa do profissional são fatores desmotivadores ao ato de planejar. Reconhecem que esta não é uma atividade exclusiva da chefia e sua execução independe do tamanho da organização. Não aceitam a falta de participação de seus dirigentes no planejamento da instituição; concordam que é preciso intervir na realidade numa projeção temporal orientada para o presente e uma tênue visão de futuro.

As atitudes positivas em relação ao conceito de planejamento prospectivo caracterizam-se como uma tendência proativa, onde se reconhece o processo de planejamento como uma função contínua e, como instrumento de comunicação, inovação e de previsão da extensão das mudanças. Acredita na sobrevivência da biblioteca a partir da seqüência meios-estratégias-objetivos, procurando uma interação entre ambiente interno e externo.

A partir destes itens foi possível construir um instrumento que permitisse caracterizar uma atitude de planejamento mais tradicional ou mais prospectiva dos bibliotecários das Instituições de Ensino Superior brasileiras.

Objetivos

O principal objetivo desta pesquisa foi o de identificar as atitudes de planejamento, em profissionais responsáveis pela gerência da biblioteca de Instituições de Ensino Superior Brasileiras.

Para atingi-lo, houve a necessidade de: a) caracterizar o estado atual das bibliotecas universitárias brasileiras, particulares e oficiais, a partir dos dados de identificação da instituição, da biblioteca e dos bibliotecários; b) descrever as tendências conceituais de planejamento dos bibliotecários; c) situar as deficiências ou virtudes dos bibliotecários em relação ao planejamento, através de suas atitudes positivas e negativas; d) identificar dados institucionais, da biblioteca e do bibliotecário, correlacionando-os com atitudes de planejamento.

Método

Universo da pesquisa

A pesquisa parte do universo de 714 Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, cadastradas pelo GUIA DO ESTUDANTE (1994) e classificadas segundo a dependência administrativa em: particular e pública municipal, estadual ou federal. Destas 75% (537) são particulares e 25% (177) de dependência administrativa pública, agrupadas sob a denominação de instituições oficiais.

A amostra, obtida através de escolha randômica, foi constituída de 228 (42%) bibliotecas das Instituições de Ensino Superior Particulares e 123 (69%) bibliotecas das IES Oficiais, totalizando 351 bibliotecas, correspondente a 50% do universo.

A coleta de dados procedeu-se por meio de mala direta, visto a dispersão geográfica dos sujeitos componentes da amostra.

Material e/ou Instrumento

A literatura relata que a Escala de Likert tem sido uma das mais utilizadas para a mensuração de atitudes (NEWCOMB, 1964; WARD, 1974; RODRIGUES, 1975; SUMMERS, 1976).

Na constatação da falta de uma escala padronizada para avaliar este objeto, em específico, optou-se pela construção da mesma.

Para a construção do instrumento, num primeiro momento, elaborou-se uma lista preliminar de afirmações levantadas na literatura da Administração, Psicologia, Biblioteconomia e Ciência da Informação referentes a esta atividade e/ou processo.

Visando conseguir uma variedade de itens para a seleção de afirmativas reveladoras de atitudes de planejamento, que servissem à construção de um questionário atitudinal com respostas fechadas, entrevistaram-se 20 (vinte) bibliotecários indagando o que pensam estes profissionais sobre a atividade de planejamento independentemente do que ocorre em suas instituições.

Confrontadas as afirmativas obtidas na literatura com as afirmativas obtidas nas entrevistas, elaborou-se uma lista preliminar de 92 (noventa e duas) questões, optando-se pelo critério da recorrência de aparecimento das idéias.

A fim de se verificar o grau de consistência das questões, uma escala preliminar foi submetida a 05 (cinco) juizes, com respeitável qualificação e experiência na área. Desta análise foi composto um instrumento com afirmativas cujo grau de concordância entre os juizes foi de 100%.

Após pré-testagem, a versão final do instrumento ficou constituída de duas partes. A primeira parte, composta por questões referentes a identificação da instituição, da biblioteca e do responsável. A segunda, composta por 28 (vinte e oito) afirmativas referentes às atitudes de planejamento.

O critério de ordem das afirmativas foi o sorteio aleatório. As opções de resposta foram codificadas em: DP (discordo plenamente), D (discordo), NO (não tenho opinião), C (concordo) e CP (concordo plenamente). As mesmas foram dispostas de forma alternada para evitar automatismos.

O escore atitudinal foi definido em 5 (cinco) pontos. Neste sentido cada dimensão das atitudes de planejamento foi expressa por uma escala de natureza ordinal, que varia de 5 a 1, com o valor "5" indicando uma atitude positiva, altamente proativa em relação ao conceito de planejamento prospectivo e "1", inversamente, uma atitude negativa, altamente inativa em relação ao conceito de planejamento prospectivo.

Apresentação e Discussão dos Resultados

Identificação da Instituição

As Instituições oficiais pesquisadas representam 20% (36) do universo das Instituições de Ensino Superior Brasileiras, as Instituições universitárias particulares representam 13% (71); totalizando 15% (107) das Instituições Universitárias Brasileiras.

Assim, essas instituições foram representadas por 107 sujeitos que atuam em bibliotecas de Instituições de Ensino Superior, e aqui referenciadas como universitárias.

Quanto a dependência administrativa, as bibliotecas universitárias oficiais (20,3%) estão mais bem representadas do que as bibliotecas universitárias particulares (13,2%).

Identificação da Biblioteca

As questões referentes a este item tiveram como objetivo caracterizar a estrutura mínima das bibliotecas universitárias brasileiras pesquisadas.

Das bibliotecas pesquisadas, 68% (70) possuem um acervo que se situa entre 1.700 a 34.700 títulos de livros. O ponto médio da maior classe é de 18.200 títulos.

A pesquisa constatou que 65% (70) das bibliotecas universitárias possuem equipes melhor estruturadas, pois contam com equipes formadas por mais de três (3) funcionários.

Assim, tanto as bibliotecas universitárias particulares quanto as bibliotecas universitárias oficiais, em número de pessoal, possuem equipes que necessitam de um planejamento que lhes indiquem a direção da organização, não se aceitando a alegação de que esta atividade fosse necessária apenas nas grandes organizações.

Identificação dos responsáveis

As questões referentes a este item tiveram como objetivo identificar a formação acadêmica, a experiência profissional e institucional dos respondentes a fim de traçar o perfil dos bibliotecários-gerentes das instituições universitárias.

Considerando que "as atitudes dos dirigentes inspiram, motivam e condicionam o comportamento dos liderados" (MATOS, 1981, p.64) e que "um processo de mudança somente pode ser indicado de cima para baixo" (DESSART, 1992, p.498), questionou-se o cargo ocupado pelos bibliotecários.

Este dado acusou que a maioria dos sujeitos ocupam apenas o cargo de bibliotecário (41%), outros 28% indicaram o cargo de bibliotecária(o)-chefe e/ou chefe de biblioteca, enquanto 21% exercem cargo de direção e 10% não fizeram qualquer indicação de cargo.

Independentemente das várias denominações encontradas constata-se que 50% dos questionados ocupam cargo de chefia e direção.

Quanto a experiência profissional verifica-se que 64% (69) dos pesquisados são bibliotecários há mais de 10 anos, e 35% (37) há menos de 10 anos.

O tempo de serviço na instituição é um dos fatores que pode influir nas atitudes dos bibliotecários, visto que quanto mais antigo tanto mais arraigados serão suas crenças e valores de planejamento.

Do universo pesquisado, 53% (57) dos sujeitos estão na instituição num período de 1 a 9 anos, sendo que estes sujeitos têm em média 5 anos de experiência administrativa na instituição. Em segundo lugar, com 45% (48), surgem os respondentes com experiência administrativa média de 13 anos. Tempo suficiente para que estes funcionários já tenham incorporado uma cultura de planejamento.

A totalidade (100%) dos responsáveis pelo gerenciamento das bibliotecas universitárias indicaram em seu currículo possuir um curso universitário, sendo que destes 15% (16) não mencionaram a área da graduação, e outros 4% (4) indicaram possuir formação acadêmica em outras áreas (História, Pedagogia, Estudos Sociais, Filosofia, Teologia).

Dentre os respondentes, 33% (35) informaram possuir cursos em nível de pós-graduação, sendo que 28% (30) possuem especialização (19 na área) e, apenas, 5% (5) ou já concluíram, ou estão cursando mestrado.

Estes dados revelam a preocupação de uma minoria em buscar a continuação da educação.

Dos pesquisados, 71% (76) graduaram-se entre os anos de 1954 a 1981 e 27% (29) entre 1982 a 1993.

Embora a concepção científica do planejamento em bibliotecas só apareça na década de 60 (MARTINS, 1980), a consciência programadora dos bibliotecários sempre existiu com maior ou menor intensidade de conteúdo. No currículo mínimo de Biblioteconomia, aprovado em 1962, já havia a disciplina Organização e Administração. No entanto, uma disciplina específica de planejamento só foi introduzida a partir das reformulações curriculares de 1982.

Estes dados demonstram que a maioria dos respondentes cumpriu um currículo anterior a 1982, que não o contemplava com um estudo específico sobre o tema. Apesar disso, apenas 25% (27) fizeram especialização no período após as reformulações curriculares e, somente, 3% (04) cursaram mestrado no mesmo período.

Uma forma mais imediata e disponível de capacitação profissional são os cursos e eventos de curta e média duração, que permitem acompanhar as novas tendências da área, atualizando e ampliando o conhecimento acadêmico básico.

Assim, do total de questionados, a maioria de 51% (55) não registrou nenhuma participação em eventos e cursos, quer seja de capacitação gerencial, quer seja de atualização e aperfeiçoamento. Em contraposição, 49% (52) dos sujeitos registraram 41 participações em curso e/ou evento de capacitação gerencial e 117 participações em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento. Estes dados demonstram a participação de poucos sujeitos em muitos cursos e/ou eventos.

Perfil das atitudes de planejamento dos bibliotecários

Para demonstrar a distribuição dos dados relativos às atitudes de planejamento dos 107 sujeitos pertencentes às instituições universitárias brasileiras, apresenta-se na tabela 1 uma síntese dos índices obtidos em relação aos fatores positivos e favoráveis ao planejamento tradicional e prospectivo; e na tabela 2 os índices referentes aos fatores negativos e desfavoráveis ao planejamento tradicional e prospectivo.

Observa-se, na tabela 1, que, nas afirmativas positivas referentes à atitude de planejamento prospectivo, há uma plena concordância sobre os fatores avaliados, onde o menor índice de concordância gira em torno de 74,8%.

Tabela 1 - Número de concordância e discordância sobre fatores positivos e favoráveis ao planejamento tradicional e prospectivo

FATORES	NC	%	ND	%
Tradicionais				
1. Objetivos - estratégias - meios (7)	99	92,5	0,8	7,5
2. Passividade (sobrevivência) (26)	81	75,7	14	13,1
3. Senso político (5)	48	44,9	49	45,8
4. Binômio pensar e agir (25)	36	33,6	67	62,6
5. Estabilidade(8)	33	30,8	73	68,2
6. Privilégio dos planos(4)	22	20,5	83	77,6
7. Função orçamentária (24)	11	10,3	89	83,2
Prospectivos				
1. Comunicação (15)	103	96,3	03	2,8
2. Formalização (12)	100	93,5	05	4,7
3. Flexibilidade/reação à mudanças (6)	99	92,5	04	3,7
4. Inovação (19)	98	91,6	09	8,4
5. Projeção no futuro (14)	94	88,0	05	4,7
6. Meios - estratégios - objetivos (21)	94	87,9	10	9,3
7. Importância do processo (10)	80	74,8	21	19,6

NC = número de concordância

DC = número de discordância

Já nas questões positivas, que indicam favorabilidade a uma atitude de planejamento tradicional, verificou-se uma concordância considerável sobre dois fatores: aceitação da seqüência objetivos-estratégias-meios

(92,5%) e da passividade provocada pela necessidade de sobrevivência (75,4%).

Tabela 2 - Número de concordância e discordância sobre os fatores negativos e desfavoráveis ao planejamento tradicional e prospectivo

FATORES	NC	%	ND	%
<i>Tradicionais</i>				
1. Impossibilidade de prever o futuro (16)	57	55,3	45	42,1
2. Escassez de recursos aliados ao tempo gasto (22)	32	30,0	73	68,2
3. Privação da área social (2)	24	22,4	80	74,8
4. Perda de tempo (tempo não econômico) (13)	20	18,7	83	77,6
5. Falta de recursos humanos (9)	18	16,8	85	79,4
6. Incredulidade da função (20)	10	9,3	94	88,0
7. Atividade burocrática (17)	01	0,9	103	96,3
<i>Prospectivos</i>				
1. Falta de reconhecimento e recompensa (3)	38	35,5	67	62,6
2. Falta de interação institucional (11)	38	35,5	66	61,7
3. Atribuição da chefia (18)	17	16,0	85	79,4
4. Projeção no passado (1)	16	15,0	89	83,2
5. Projeção no presente (23)	09	8,4	96	89,7
6. Necessidade das grandes organizações (28)	04	3,7	99	99,2
7. Imobilismo/Conformidade/Passividade (27)	02	1,9	100	93,5

NC = número de concordância DC = número de discordância

A concordância com o segundo item demonstra que os sujeitos pesquisados admitem que é preciso "Pisar em terreno firme" e "Não balançar o barco". E, principalmente, porque acreditam que um grande problema do planejamento é a impossibilidade de prever os problemas futuros.

Expondo as dificuldades gerenciais em organizações sem fins lucrativos, MOTTA (1982, p.151) explica que "a necessidade de manter a aparência de uniformidade e estabilidade faz nascer, internamente, o receio a problemas que possam alterar a ordem existente", desta forma apoiam-se em dados passados, conhecidos e experimentados que justificam a estabilidade mais do que os incertos e perturbadores dados sobre o futuro. Como planejar e inovar significa criticar a ordem existente, temer as previsões futuras é uma atitude inativa e reativa.

Para ACKOFF (1973), esta atitude, que busca apenas a sobrevivência e estabilidade, faz acreditar que uma intervenção no curso da ação pode ser

um grande risco de tornar as coisas piores. Esta filosofia administrativa é conservadora e trata o planejamento como um ritual.

No fator referente à necessidade de senso político do bibliotecário para o planejamento encontraram-se dados bipartidos, onde 45,8% dos bibliotecários consideraram necessário entrar no jogo político da instituição e outros 44,9% consideraram desnecessária tal atitude.

Os bibliotecários demonstraram-se inseguros quanto a aceitação ou não do planejamento como uma forma de se envolver na política institucional.

CASTOR & SUGA (1988, p.112) consideram que o aspecto político é um dos que mais influem na execução do planejamento, pois se seus dirigentes sentirem alguma possibilidade de perda, inevitavelmente, surgirão resistências e o que foi planejado correrá o risco de sofrer modificações quando (e se) for implantado.

Isto leva a admitir que o planejamento não deva ser um processo eminentemente técnico. Nenhum plano terá sobrevivência ou sucesso se o fator político for desconsiderado.

DAVIS (1980:14) considera esta uma das fortes razões pela qual o bibliotecário não faz um planejamento mais proativo. Como as bibliotecas negligenciam o jogo político da instituição, muitos não sobrevivem. No entanto as que sobrevivem politicamente, criam inovações.

Quanto às afirmativas negativas (tabela 2), portanto, desfavoráveis a uma atitude de planejamento prospectivo e tradicional, verificou-se maiores índices de discordância do que de concordância, demonstrando uma alta favorabilidade para as questões referentes a uma atitude de planejamento prospectivo.

Desfavoravelmente, entre os fatores negativos para um planejamento tradicional, os sujeitos concordam mais sobre a impossibilidade de previsão do futuro (53,3%).

A aceitação desta premissa decorre da temência ao risco que, por sua vez, constitui-se em entrave para a inovação e o espírito empreendedor (DRUCKER, 1992).

Esta não é uma atitude empreendedora, e "assumir riscos é um comportamento que se opõe à maioria dos comportamentos gerenciais dos bibliotecários atuais" (MASON, 1989:169).

Com o objetivo de verificar se estatisticamente havia diferenças significantes entre o grupo de questões positivas e negativas aplicou-se o Teste de Qui-quadrado com Correção de Continuidade ($g, I=1, p = 0,05$) (COCHRAN, 1954).

Os dados apontaram a prevalência das questões positivas sobre as questões negativas onde as concordâncias para as questões prospectivas (93,3%) foram maiores do que para as questões tradicionais (46,42%), em nível de probabilidade $p < 0,001$. No grupo das questões negativas, houve maior discordância nas afirmativas prospectivas (82,92%), do que para as afirmativas tradicionais ((77,66%), em nível de probabilidade de $p < 0,014$.

Para verificar a relação entre os dados obtidos no primeiro grupo de questões referentes a identificação da instituição, da biblioteca e do bibliotecário, com o segundo grupo de questões referentes as atitudes de planejamento, empregou-se o mesmo Teste de Qui-quadrado com Correção de Continuidade. Neste caso o cruzamento deu-se questão à questão, a fim de detectar, com maior precisão, os fatores que realmente divergem nas atitudes de planejamento dos bibliotecários de instituições universitárias brasileiras (Tabela 3).

Com resultados significativos observou-se que:

- dentre os fatores positivos relativos ao planejamento tradicional, bibliotecários que atuam em sistemas com mais de 3 funcionários (78,26%), e que participaram de cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (82,93%), favoravelmente discordam mais da estagnação e estabilidade do sistema (Q8) do que os bibliotecários que atuam em sistemas com menos de 3 funcionários (51,35%) e que não indicaram nenhuma participação em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (58,73%), em nível de probabilidade $p < 0,008$.

O primeiro grupo de bibliotecários dá mostras de uma atitude de planejamento preativista. Isto indica que eles estão satisfeitos com o modo como as coisas são, mas não com o modo como elas estão indo (ACKOFF, 1973, p.159).

Diferentemente, o segundo grupo tende mais para uma atitude inativista, acreditando no ditado que "Não se deve mexer em time que está ganhando", e revelando a satisfação com o modo como as coisas são e o modo como elas estão indo. Este grupo parece ser adepto do planejamento tipo "laissez-faire", em que as oportunidades ficam a critério de cada um, em função de seu bom-senso e de sua capacidade.

Para uma organização que quer ser conhecida pelo seu estilo empreendedor esta não é uma atitude adequada, pois revela uma preocupação maior com a sobrevivência do que com o crescimento da organização. As atitudes devem mudar de tal modo que se questione o que deve continuar vigorando, e o que deve ser modificado (DILL, 1981).

Tabela 3 - Relação de variáveis pesquisadas versus questões de Atitudes de Planejamento, com resultados significativos.

VARIÁVEIS	% Concordo	% Discordo	NºDas Questões	χ^2 *
1. Identificação da Instituição				
Oficinas	13,5	19,7	13	4,721
Particulares	31	35,8	21	5,248
2. Identificação da Biblioteca				
2.1 Tamanho do acervo				
mais de 34.700 títulos	13,0	19,0	3	3,873
menos de 34.700 títulos	32,0	36,0	9	5,650
			11	4,635
2.2 nº de funcionários				
mais de 3 funcionários	28,0	37,6	3	5,480
menos de 3 funcionários	16,4	18,0	8	6,928
			11	3,968
			20	7,972
			22	4,091
3. Identificação do Bibliotecário				
3.1 tempo de serviço como bibliotecário				
mais de 10 anos	29,0	36,4	2	4,040
menos de 10 anos	15,4	19,2		
3.2 Tempo de serviço na instituição				
mais de 10 anos	20,0	25,9		
menos de 10 anos	24,4	29,7		
3.3 Ano de formação acadêmica				
anterior a 1982	27,7	34,7		
posterior a 1982	16,5	21,1		
3.4 Currículo acadêmico				
com especialização	11,4	15,6		
sem especialização	33,0	40,0		
Participação em cursos e/ou eventos de desenvolvimento gerencial	10,4	14,8	3	3,939
Não participação em cursos e/ou de desenvolvimento gerencial	34,4	40,4		
Participação em cursos e/ou eventos de atualização/aperfeiçoamento	15,9	23,7	1	4,351
			2	6,066
Não participação em cursos e/ou eventos de atualização/aperfeiçoamento	28,8	31,8	3	12,047
			8	5,141
			22	7,433

* Teste do Qui-quadrado com correção de continuidade em nível de $p < 0,05$.

- dentre os fatores positivos relativos ao planejamento prospectivo, em nível de probabilidade de $p = 0,022$, bibliotecários de instituições particulares (95,71%) estão mais propensos à seqüência meios-objetivos-estratégias (Q21).

CASTOR & SUGA (1988) consideram que há necessidade de reconhecer que no ambiente organizacional mudam o ambiente e os meios, fatores que definem a viabilidade das estratégias e dos objetivos. O entendimento do contexto seria facilitado se fosse adotada uma ordem, em que uma avaliação dos meios de que se dispõe possa vir a mobilizar, num futuro previsível, uma associação entre o ideal e o real de seus objetivos.

Este pensamento é reforçado por WASTERTON (1982, p. 14) quando diz que "depois de selecionados os meios de atacar os problemas, é possível estabelecer, um prazo determinado, os fins e objetivos que se ajustem à realidade".

Já os bibliotecários de instituições oficiais (79,41%) parecem reticentes em buscar este caminho, pois aceitam melhor a seqüência objetivos-estratégias-meios.

MOTTA (1982) explica que esta é uma dificuldade gerencial das organizações sem fins lucrativos, devido às pressões externas que levam à busca de padrões de uniformidade, coerência e justificativas para suas ações. Estes parecem ser mais adeptos do planejamento convencional, onde o processo se inicia com o estabelecimento de objetivos, para em seguida escolher estratégias e definir recursos.

ACKOFF (1973, p.158) classifica como inativista o planejador que considera a possibilidade como o principal critério na seleção dos meios, sendo que os fins são mais facilmente adaptados aos meios que lhe são familiares. Dentre os fatores negativos relativos ao planejamento tradicional surge um maior número de discrepância:

a) sujeitos com mais de 10 anos de experiência (83,58%) como bibliotecário e com participação em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (85,71%) discordam mais do que os bibliotecários com menos tempo de experiência (63,89%) e sem participação em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (67,74%), que esta seja uma área social onde os planos são motivos de frustração, não havendo incentivo para fazê-lo (Q2), em nível de probabilidade $p = 0,044$.

Bibliotecários experientes e atualizados demonstraram uma atitude de planejamento mais proativa, visto que não acreditam que apenas obter e distribuir adequadamente os recursos leve a eficiência do planejamento, mas na necessidade de planos que resolvam os problemas sociais.

Já os menos experientes tendem a crer em indicadores amplos, onde serviços relevantes são aqueles rentáveis socialmente, visto que discordam com menor intensidade que esta seja uma área social valorizada.

Esta divergência é explicada pelos renovadores, quando reconhecem que o valor da experiência significa acreditar na intuição, pois para eles, na melhor das hipóteses, a "intuição é o produto prático de anos de experiência e de coleta de informações" (WATERMAN JR., 1989, p.20)

b) no que se refere à falta de recursos humanos como justificativa para não fazer planejamento (Q9), bibliotecários que atuam em sistemas maiores (mais de 34.700 títulos - 96,87%) tendem a discordar mais do que os bibliotecários de sistemas menores (75%), em nível de probabilidade de $p < 0,017$;

c) em relação ao tempo gasto com planejamento (Q13), os bibliotecários de instituições oficiais (94,12%) discordam com mais intensidade do que os bibliotecários de instituições particulares (73,91%) que este seja um empecilho para planejar ($p < 0,030$);

d) com um nível de probabilidade de $p < 0,005$, os bibliotecários que atuam em sistemas com mais de 3 funcionários tendem a discordar mais (97,06%) do que os sujeitos das bibliotecas com menor nº de funcionários (77,78%) de que o planejamento opera mais em nível do ideal do que do real (Q20);

e) bibliotecários com participação em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (85,71%), que atuam em sistemas com mais de 3 funcionários (76,81%), ponderam que a falta de recursos aliada ao tempo gasto na elaboração do planejamento (Q22) interferem menos do que os sujeitos sem participação em cursos e/ou eventos de atualização e aperfeiçoamento (58,73%) e que atuam em bibliotecas com menos de 3 funcionários (55,56%), em nível de probabilidade $p < 0,043$;

Analisando os itens de b à e, observa-se que para os sujeitos que atuam em instituições oficiais, planejamento não significa perda de tempo ou que o tempo gasto com tal atividade seja demasiado. Este já é um paradigma atual para quem deseja planejar no futuro. No entanto, um grupo representativo de bibliotecários (instituições particulares), ainda encontra neste fator um forte impedimento para se fazer planejamento.

Nas bibliotecas maiores (com mais de 34.700 títulos) os bibliotecários acreditam mais firmemente na necessidade do processo, considerando que a falta de recursos humanos não é obstáculo para a elaboração do planejamento. Mesmo porque seus responsáveis são chamados a participar do planejamento da instituição.

Já nas bibliotecas menores (com menos 34.700 títulos e menos de 3 funcionários), parece haver uma desconsideração da necessidade de planejamento, tendo-se em vista que a quantificação de recursos humanos é uma

barreira na execução do planejamento e que seus responsáveis consideram que a biblioteca seja um mero apêndice da instituição. Estes fatores podem desestimular o desenvolvimento do processo de planejamento. Desta forma, o segundo grupo parece ser adepto do pensamento empresarial brasileiro onde prevalece " a idéia de que o planejamento é algo teórico, muito demorado e de custo elevado", conseqüentemente transparece atitudes do tipo "Sejamos prático", "Não temos tempo a perder", "Planejamento é muito caro", que resultam em maiores custos e perda de tempo no futuro (BIO, 1985, p.135).

- dentre os fatores negativos relativos ao planejamento prospectivo:

a) bibliotecários que participaram de cursos e/ou eventos de capacitação gerencial discordam mais (95,12%) da projeção do planejamento no passado (Q1) do que aqueles que não tiveram nenhuma participação em cursos e/ou eventos de capacitação gerencial (78,12%), em nível de probabilidade $p < 0,037$;

A reconciliação com o passado é uma atitude negativa que impede o desenvolvimento das organizações sem fins lucrativos (ACKOFF, 1973; MOTTA, 1982; DRUCKER, 1987, 1992; SILVA, 1989).

Voltar-se para o futuro significa que é preciso abandonar produtos e serviços obsoletos, que deixaram de contribuir ou que perderam a razão de ser diante das mudanças sociais e econômicas (SILVA, 1989).

Não estão suficientemente convencidos deste fato os bibliotecários que não participaram de cursos e/ou eventos de atualização/aperfeiçoamento, onde muitos ainda tendem a pensar que quando o custo é o mesmo, é melhor reestruturar velhos serviços do que planejar novas atividades.

Esta pode ser uma característica das organizações sem fins lucrativos, onde para manter a aparência de racionalidade e justificar o declínio, é mais fácil apoiar-se em dados e conquistas passadas (MOTTA, 1982).

ACKOFF (1973) considera que os partidários desta concepção nostálgica sejam reativistas, pois, geralmente, estão insatisfeitos com o modo como as coisas estão indo e tendem a resistir e reagir às mudanças; sentem-se mais confortáveis com o velho e familiar, do que com o novo e desconhecido. Suas orientações passam a ser corretivas, onde seus movimentos dirigem-se para o indesejado, mais do que para o que é desejado.

b) nas bibliotecas que possuem mais de 3 funcionários (72,46%), cujos responsáveis participaram de cursos e/ou eventos atualização/aperfeiçoamento (85,37%), discordam mais que a falta de reconhecimento e recompensa sejam desmotivadores do planejamento (Q3), mais do que os bibliotecários que atuam com menos de 3 funcionários (47,22%) e que não participaram de cursos e/ou eventos de capacitação gerencial (57,69%) e

nem de atualização/aperfeiçoamento (50%), em nível de probabilidade p 0,049;

Para se implantar uma atitude de planejamento não se pode atuar dentro de um propósito puramente racionalista ou intelecto-tecnista. Portanto, identificar as necessidades individuais pode determinar os motivadores de uma conduta eficaz, conciliando e integrando interesses da organização e do indivíduo (MATOS, 1981). A motivação deve ser um fator positivo para aqueles administradores que pretendem inovar a partir da criatividade.

Desta forma, os bibliotecários que atuam em sistemas de menor estrutura e sem capacitação gerencial tendem a considerar que reconhecimento (valor profissional) e recompensa (prestígio) são fatores de desmotivação para o planejamento.

c) no que se refere a participação dos bibliotecários no planejamento da instituição (Q11), inversamente, nos sistemas com até 3 funcionários discordam mais (77,78%) do que os bibliotecários que atuam em instituições com mais de 3 funcionários (55,88%), em nível de probabilidade p 0,031.

Desta forma, as diferenças significantes recaem mais sobre as afirmativas negativas do que nas afirmativas positivas.

Conclusão

A análise dos dados demonstra que a palavra "planejamento" não causa estranheza para os bibliotecários de instituições universitárias brasileiras, no entanto, verifica-se que em algumas afirmativas os bibliotecários demonstram atitudes proativas, em outras eles revelam-se inseguros, tendo mais para uma atitude reativa.

Com o levantamento e análise de algumas variáveis, detectou-se que bibliotecários que atuam em sistemas maiores, melhor estruturados, com mais tempo de experiência e com maior conhecimento de planejamento, possuem atitudes mais positivas e consolidadas, que os levam a reconhecer, acreditar e valorizar a importância e necessidade deste processo nas bibliotecas universitárias brasileiras, evidenciando-se a tendência destes sujeitos em se renovar, visto que eles percebem a necessidade de mudanças e a emergência de uma nova administração baseada na inovação.

Os dados, referentes à formação profissional e pós-graduada dos pesquisados, levam a concluir que, significativamente, os sujeitos com participação em cursos e/ou eventos de capacitação gerencial e atualização/aperfeiçoamento possuem atitudes de planejamento mais proativas do que tracionalistas.

Considera-se que um passo importante para criar uma cultura de planejamento é a aquisição de novos conhecimentos, que exponha aos membros da organização a possibilidade de aprender habilidades conceituais mais avançadas. Assim, estes novos conhecimentos mudarão as atitudes básicas dos indivíduos diante da organização. A mudança de atitudes levará o bibliotecário a refletir sobre novos modos de ver velhos problemas modificando comportamentos individuais, que somados refletirão a cultura da organização (SKIBBINS apud SAMUELS, 1981).

No entanto, opondo-se a esta intenção a pesquisa detecta, e a literatura confirma, que resistência a mudanças, receio ao risco, falta de perspectiva no futuro, e conseqüente reconciliação com o passado são atitudes negativas e tradicionais, que mais intensamente influem para um planejamento inativo e reativo. Nestes fatores encontramos as deficiências que impedem estes sujeitos de se posicionarem adequadamente com o processo de planejamento, provocando o imobilismo e a transigência dos gerentes de bibliotecas universitárias brasileiras em direção ao planejamento proativo.

Assim, considera-se que este trabalho é um diagnóstico que permite conhecer a capacidade de resposta dos bibliotecários responsáveis pelo gerenciamento das bibliotecas universitárias brasileiras, com relação às suas atitudes de planejamento.

A pesquisa detecta que esta instituição tem capacidade para conviver com as práticas de planejamento, desde que se desenvolva a capacitação destes bibliotecários, de modo gradual e incrementalista, sobre os pontos que, hoje, apontam como obstáculo para avançar no processo, de modo que seja possível melhorar o posicionamento profissional do bibliotecário no mercado de trabalho e na sociedade.

A ampliação de seus conhecimentos, relativos ao planejamento, possibilitará que estes profissionais alterem velhos conceitos; reflitam sobre novos modos e de ver velhos problemas; acreditem mais firmemente em suas capacidades e potencialidades; e aceitem esta atividade como parte ativa, regular e normativa do dia a dia da organização, tornando-a viável e satisfatória.

Como entrave para avançar nesta nova conceituação, não podemos perder de vista a cultura de planejamento presente na administração das próprias instituições universitárias, às quais as bibliotecas estão vinculadas. Vários autores atestam essa situação como causa de resistência à inovação e competitividade (DRUCKER, 1992; MOTTA, 1982).

Recomenda-se:

a) a realização de outras pesquisas que detectem as causas da disparidade entre as atitudes e comportamento de planejamento destes sujeitos; b) oferecimento de cursos e/ou eventos que privilegiem o estudo e discussão do tema; c) a análise, nos cursos de Biblioteconomia, do conteúdo da disciplina Planejamento e sua aplicabilidade no contexto das bibliotecas; d) verificação das tendências de planejamento prevalentes entre os responsáveis pela formação dos administradores de bibliotecas e sistemas de informação; e) validação deste instrumento para que o bibliotecário em processo de auto-análise localize-se no contexto do planejamento.

Referências Bibliográficas

- ACKOFF, Russell. Planning in the systems age. *Sankhya. The Journal of Statistics, Série B, Bol. 35, pt.2, p.149-64, 1973.*
- BIO, Sérgio R. Sistemas de informação; um enfoque gerencial. São Paulo: Atlas, 1985. 183p.
- CARVALHO, Abigail de O. Função gerencial: direção de biblioteca. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.60-71, mar. 1976.*
- CASTOR, Belmiro V.J.; SUGA, Nelson. Planejamento e ação planejada: o difícil binômio. *R. Adm. públ., Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.102-22, jan./mar. 1988.*
- CIANCONI, R. de B. Gerência da informação: mudança nos perfis profissionais. *Ci. Inf., Brasília, v.20, n.2, p.204-8, 1991.*
- COCHRAN, W.G. Some methods for strenghtening the common X2 tests. *Biometrics, Washington, v.10, n.4, p.417-51, 1954.*
- DAVIS, Peter. Libraries at the turning point: issues in proactive planning. *J. Libr. Admin., v.1, n.2, p.11-24, summ. 1980.*
- DESSART, Edison. Qualidade e produtividade I. *Adn. Técnicas de Gerência., v.5, n.41, p.492-99, 1992.*
- DIAS, José Maria A.M. Planejamento organizacional: conceito e tendências. IN: VASCONCELLOS FILHO, Paulo et al.(org.) Planejamento empresarial: teoria e prática: leituras selecionadas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1982. p.17-38.

- DILL, William R. Administração estratégica em um mundo de "palpiteiros". IN: ANSOFF, H. Igor; DECLERCK, Roger P.; HAYES, Robert L. do Planejamento estratégico à administração estratégica. São Paulo: Atlas, 1981. p.137-48
- DRUCKER, Peter F. Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios. São Paulo: Pioneira, 1987. 378p.
- _____. Administrando para o futuro; os anos 90 e a virada do século. São Paulo: Pioneira, 1992.
- GUIA do estudante 94. São Paulo: Abril Cultural, 1994. p.152 -240.
- GUTIÉRREZ MORALES, Luiz W. La gerencia de la información de desafíos y responsabilidades. R. Bibliotecon. Brasília, v.18, n.2, p.229-38, jul./dez. 1990.
- HOGG, Clare (ed.) Attitude surveys. Person. Manage., v.21, n.9, Sept. 1989. Factsheet, 21 4p
- McCLURE, Charles R. Planning for library services: lessons and opportunities. L. Libr. Adm., New York, v.2, n.214, p.7-28, jun./dec. 1981.
- MARCOVITCH, Jacques; RADOSEVICH, Raymond. Planejamento estratégico em organizações estruturadas por projeto. IN: VASCONCELLOS FILHO, Paulo et al. (org.) Planejamento empresarial: teoria e prática: leituras selecionadas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1982. p.113-26
- MARTINS, Myriam Gusmão de. Planejamento bibliotecário. São Paulo: Pioneira, 1980.
- MASON, Florence M. Libraries, entrepreneurship, and risk. J. Libr. Adm., New York, v.10, n.2/3, p.169-83, 1989.
- MATOS, Francisco G. de. Administração para crescimento empresarial: habilidades gerenciais e desenvolvimento organizacional. 4.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981. 324p.
- MEGGINSON, Leon C.; MOSLEY, Donald C.; PETRI JR., Paul H. Administração: conceitos e aplicações. São Paulo: Harper & Row, 1986. 543p.
- MENDONÇA, Lúcia M.E. O comportamento gerencial em serviços de informação industrial no Brasil. Ci. Inf., Brasília, v.21, n.1, p.93-101, maio/ago. 1992.
- MENDONÇA, Lúcia M.E. O comportamento gerencial dos responsáveis por serviços de informação industrial no Brasil, frente aos desafios

- da empresa inovadora e empreendedora. Brasília, 1992. 239p. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciência da Informação e Documentação. Faculdade de Estudos Sociais Aplicados. Universidade de Brasília.
- MOTTA, Paulo. Planejamento estratégico em organizações sem fins lucrativos: considerações sobre dificuldades gerenciais. IN: VASCONCELLOS FILHO, Paulo de. et al. (org.) Planejamento empresarial: teoria e prática: leituras selecionadas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1982. p.143-56.
- MULLER, S. P.M. O perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. R. Bibliotecon. Brasília, v.17, n.1, p.63-70, jan./jun. 1989.
- NEWCOMB, Theodore M. Manual de psicologia social. Buenos Aires: EUDEBA, 1964. v.1, p.182-235.
- OLIVEIRA, Nirlei M. Avaliação do planejamento das bibliotecas universitárias brasileiras. Campinas, 1993. 156p. Dissertação (Mestrado de Biblioteconomia. Faculdade de Biblioteconomia. PUCAMP).
- OLIVEIRA, Sonia M. Marques de. Atitudes de planejamento em bibliotecários de instituições universitárias brasileiras. Campinas, 1994. 145p. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia. Faculdade de Biblioteconomia. PUCAMP).
- RODRIGUES, A. Psicologia social. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- SAMUELS, Alan R. Planning and organizational culture. J. Libr. Adm., New York, v.2, n.2/3/4, p.145-58, 1981.
- SILVA, Corita Aguiar da. Administração de bibliotecas: uma visão do futuro. Cad. Bibliotecon., Recife, n.11, p.39-48, dez. 1989.
- SILVA, Luiz Antonio G. da. Visão panorâmica do planejamento de sistemas de bibliotecas. IN: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2., 1981. Anais... Brasília: CAPES, 1981.
- SINK, D. Scott; TUTTLE, Thomas C. Planejamento e medição da performance. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1993. 343p.
- SUMMERS, Gene F. Medición de actitudes. México: Trillas, 1976.
- TARAPANOFF, Kira. O profissional de informação em áreas de ciência e tecnologia no Brasil: características e tendências. Ci. Inf., v.18, n.2, p.103-19, 1989.

- VINCENT, Ida. Strategic planning and libraries: does the model fit? J. Libr. Adm., v.9, n.3, p.33-47, 1988.
- WARD, C.D. Psicologia social experimental. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. p.315-25
- WASTERTON, A. Planejamento: sistema em debate. IN: VASCONCELLOS FILHO, Paulo et al. (org.) Planejamento empresarial: teoria e prática: leitura selecionadas. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1982. p.5-16
- WATERMAN JUNIOR, Robert H. O fator renovação. Exame, v.21, n.16A (ed. especial), 1989.

ABSTRACT

OLIVEIRA, S. M. M., Planning attitudes of Brazilian university librarians. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3, p. 51 -74, janeiro/dezembro

This research aims at the identification of the planning attitudes of those responsible for the management of Brazilian university libraries. Thirty percent of the librarians working in government and private libraries from the five geographical regions of Brazil took part in this research. The first part of this work concerns the identification of the institutions, the libraries and the librarians in charge. In the second part of this research, statements related to the planning attitude are presented in a scale of ordinal nature, known as Likert Scale. The data are shown in tables and the statistic analyses were performed with a chi-square test and a continued correction at level $p=0,005$. The analysis evidenced that factors such as type of institution, size of collection, number of employees, length of employee's permanence at work and participation in courses and/or events related to management formation, updating, and improvement affect significantly the planning attitudes which favor prospective planning. Nevertheless, in a more careful analysis of each question, one can notice the presence of attitudes eminently traditionalist, which hinders any attitude towards a proactive planning.

Keywords: Attitudes - Planning - University Libraries - Librarians

Teoria do Cotidiano e Biblioteconomia

César Augusto Castro

RESUMO:

CASTRO, C. A. Teoria do Cotidiano e Biblioteconomia. *Transinformação*, v. 7, n° 1/2/3, p. 75 - 84, janeiro/dezembro/1995

Discute a teoria do cotidiano e sua relevância enquanto metodologia de investigação social e como a mesma pode contribuir para o desvelamento do "Lado de Sombra" da Biblioteconomia.

Palavras-Chave: Teoria do cotidiano/Biblioteconomia; Pesquisa.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre a abordagem do cotidiano como uma das maneiras pelas quais se pode compreender o social mais amplo e, evidentemente, as organizações que compõem esse social, como a escola e a biblioteca, sendo esta o nosso foco de atenção. E, principalmente, demonstrar como esta abordagem contribui para explicar o não-dito, o imaginário e os rituais desta organização.

Assim, dar-se-á um panorama das diversas correntes que explicitam esta abordagem, contudo a complexidade da mesma impede-nos de grandes saltos epistemológicos, na medida em que envolve diversas áreas do conhecimento, dentre elas a Sociologia, Antropologia, Filosofia e Educação. No entanto, trazer esta temática para a Biblioteconomia mostra-se relevante na medida em que questiona os modos pelos quais compreendemos a biblioteca, geralmente sob a ótica das teorias clássicas de investigação (positivismo, funcionalismo). Esta abordagem faz-se presente em pesquisas nas áreas de Educação, Comunicação dentre outras e na Biblioteconomia ainda é, parece-nos, desconhecida. Sendo pretensão deste artigo a abertura de um debate que esperamos encontrar ressonância em outros pesquisadores.

A Repetição dos Atos da Vida

No tempo das 24 horas, tudo acontece: a dor, a morte, a violência, como também a paixão, o amor, o lazer, ou seja, na vida cotidiana não é tudo ou nada ela acontece e dinamiza-se na sua recursividade. HELLER (1992, p.17) afirma que na vida cotidiana o homem coloca para funcionar "... todos seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias". Portanto, é no dia-a-dia que os homens exercem dos atos mais simples, como acordar, ao mais complexo, como lidar com o sentimento da morte.

O banal, o fazer diário, por ser comum não nos deixa ver o **Lado de Sombra**¹, que esconde o muito e que os nossos olhos absortos com o **Lado Iluminado**² não captam.

A abordagem do cotidiano coloca-se como uma maneira de investigação dos pequenos fatos, aquilo que não está na aparência, o não dizível, os nadas dos fatos "... miúdos e obscuros do dia-a-dia, ou dos aspectos tidos como superficiais da existência" (SODRÉ, 1982, p.7-8) a exemplo do "... aperitivo no final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado, todos esses pequenos nadas que materializam a existência e que a inscrevem num lugar são, na verdade, fatores de sociabilidade, podendo-se mesmo dizer que através do seu aspecto anódino, produzem sua intensidade (MAFFESOLI, 1984, p.58).

No entanto, o embevecimento do indivíduo pela vida cotidiana, i.e., quando não percebe a centralidade subterrânea, pode levá-lo à alienação, entendida como a não percepção do dia do senhor ou "realidade sem verdade" na afirmação de LEFEVRE (1976, p.20). E cabe, aqui, definir a diferença entre cotidiano e cotidianidade. JAVEAU (1985, p.7) afirma que, por abuso de linguagem, o termo cotidiano é freqüentemente definido por cotidianidade. Para este autor, cotidianidade corresponde aos diversos processos de alienação, compreendido como o espaço vazio de sentidos, ou de

1 Segundo Maffesoli o lado de sombra corresponde àquilo que está escondido, não é captado em uma primeira leitura e não é quantificável. Esse lado de sombra é feito de múltiplas situações e práticas, que é o lugar da conservação de cada indivíduo e da espécie.

2 O lado iluminado corresponde ao aparente, ao que pode ser facilmente verificado e santificado que é o objeto de vestígio de todos os especialistas em planejamento ou pesquisa.

"somadas de insignificações" (LEFEVRE, 1976, p.65). Ao contrário, cotidiano é o locus de criação ou de perpetuações de todas as significações. Neste sentido, a vida cotidiana está no centro do acontecer histórico com a sua rotina, seu fazer diário, sua efervescência, desordens e desigualdades sociais (HELLER, 1992, p.8).

A teoria do cotidiano, enquanto modo de apreensão do social mais amplo, originou-se das crises dos paradigmas clássicos de investigações sociológicas, que gradualmente foram perdendo a capacidade de explicar a realidade que é complexa e heterogênea (TEIXEIRA, 1991, p.9), a exemplo do marxismo ortodoxo, positivismo e funcionalismo.

Em sendo assim, o cotidiano pode ser estudado através de diversas correntes: macrosociológicas que não consideram o cotidiano como uma categoria distinta do social e as microsociológicas que privilegiam o estudo do sujeito individual e dos pequenos grupos (TEIXEIRA, 1988, p.40). Na primeira, insere-se a teoria neo-marxista ou crítica, centrada em H. LEFEVRE, LUCKACS, A. HELLER e HABERMAS, que de acordo com BOVONE (1992, p.266) fazem uso dos principais elementos do aparato conceitual de Marx e partem da idéia de que o desenvolvimento histórico e econômico só poderão ser entendidos a partir da heterogeneidade da ação na cotidianidade (espaço vazio de sentido, da alienação) e que, através da crítica à vida cotidiana, pode-se transformar a realidade social. Na segunda categoria, as microsociológicas incluem-se as abordagens, a Fenomenológica e as Sócio-Antropológicas. A Fenomenológica tem como principais representantes: T. LUCKMAN, E. GOFFMAN, GARFINKEL, SIMMEL e SCHUTZ. Esta abordagem centra-se nas análises das construções simbólicas e nas relações intersubjetivas: "Partem da concepção de que a sociedade é uma construção em círculos concêntricos a partir das interações simples, e consideram a vida cotidiana como o âmbito no qual se cria e se compreende o sentido do social" (TEIXEIRA, 1991, p.11). A abordagem Sócio-Antropológica considera o cotidiano como o lugar privilegiado de averigação social, pois é nele onde tudo acontece. Seu foco de atenção está nos pequenos fatos, nos gestos, no imaginário e rituais, ou seja, naquilo que as teorias clássicas de investigação não levam em conta quando da análise do social. Os autores mais representativos desta abordagem são: MICHEL MAFFESOLI, C. JAVEAU, CECÍLIA TEIXEIRA e PAULA CARVALHO.

Quadro 1: Categoria de Análise do Cotidiano

Aspectos	1 - Cotidiano	2 - Não Cotidiano	3 - Sentido de tipo cognitivo emergente na cidadianidade	4 - Sentido de tipo ético emergente na cotidianidade
Haberman	Lebenswelt, âmbito do agir comunitário	Sistema, âmbito do agir estratégico	Comunicação	Construção dos valores
Heller	Atividades para a reprodução individual	Atividades gerais conscientes	(Consciência)	Emergência de necessidades radicais
Schutz	Mundo "dado por suposto"	Outros domínios finitos de significação (ciência, religião, locura)	Senso comum, aceitação imediata e partilhada de significados	
Berger e Luckman	Realidade dada por excelência "dada como suposta"	Irrealidade (sonho, locuras)	Conhecimento não reflexivo	
Ardigo	Mundo vital (particular)	Sistema	Compreensão recíproca	Normatização autônoma
Goffman	Representações		Competência	
Garfinkel	Mundo "dado como suposto"		Reflexividade, reconstrução posterior dos significados	

Fonte: BOVONE, L. Teoria do Cotidiano... 1992. p.275-276

Em se tratando de MAFFESOLI, este autor compreende a vida cotidiana a partir da Antropologia do Imaginário de DURAND, através da noção de Circuito Antropológico, entendido como as permanentes trocas existentes no nível do imaginário "... entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações que emanam do meio cósmico e social" (MAFFE-SOLI, 1986, p.326). O imaginário ainda não é um conceito muito aceito nas ciências sociais que não reconhecem o seu valor heurístico. Para DURAND, o imaginário é o fundamento fundante onde se constrói toda a concepção de homem, de mundo, de sociedade, dando conta, por isso, da relação indivíduo/sociedade e natureza/cultura (TEIXEIRA, 1994, p8). E, ainda, MAF-

FESOLI centra o seu pensamento sobre a vida cotidiana na Antropologia da Complexidade de MORIN.

Para MAFFESOLI a abordagem do cotidiano como uma perspectiva de desvelamento dá-se a partir de três pontos: o primeiro que consiste em não separar o objeto pesquisado do pesquisador social, este: "Já não é quem dita de maneira dominante, o verdadeiro e o falso, ou edita o que deve ser a sociedade" (MAFFESOLI, 1984, p.7), como ocorre nos modelos clássicos de investigação da realidade. Este novo paradigma de investigação do social procura encontrar no banal, na "comédia dos cem atos diversos", (segundo expressão de JAVEAU), nos pequenos relatos com a sua polissemia construída de sombras e luzes (TEIXEIRA, 1990, p.103), novas formas de interpretação do social e das organizações que o constitui: a igreja, a escola e, em nosso caso, a biblioteca.

Este modo de investigar o social mais amplo desconfia do aparente, do claro, do dito, pois trata-se de uma revolução bastante delicada para os intelectuais impregnados de moralismos, contudo é uma revolução necessária, caso se queira dispor da possibilidade de apreender o que MAFFESOLI chama de "imoralismo ético de toda sociedade" (1984, p.7). Portanto, exige do pesquisador mudanças de atitudes diante da vida social, no modo como constrói o saber, na sua maneira de intervenção que não ocorre somente a partir de um ponto de vista teórico, mas este materializa-se recursivamente com a prática, na relação que faz entre os "nadas" (gestos, rituais, mitos) possibilitando, a partir daí, uma compreensão mais ampla do homem/mundo e natureza/cultura.

O segundo ponto destacado por este autor é a possibilidade de romper com o burguesismo (capitalismo, socialismo) das investigações sociológicas, mas ao contrário "... num misto de sentimentos, paixões, imagens, diferenças que incita a relativizar as certezas estabelecidas (religiosas, políticas, teóricas) e remete a uma multiplicidade de experiências" (MAFFESOLI, 1986, p.7). E, por último, MAFFESOLI afirma que por traz da aparência, do que nos é dado a conhecer, existe muitos outros aspectos que estão no âmbito da centralidade subterrânea, a "temática do cotidiano exige uma audácia do pensamento de modo a romper o fechamento da lógica político-econômica, sempre presente no fundo de nossas análises" (MAFFESOLI, 1986, p.8). Contudo, não descarta o político e o econômico quando da análise do social, que não "... passam de esqueletos, cuja consistência é fornecida pela paixão, que possui uma importância fundamental nos jogos de todas as organizações sociais" (TEIXEIRA, 1988 p.98)

Como qualquer instrumento metodológico a teoria do cotidiano é criticada, principalmente, por aqueles pesquisadores que se formaram nas vertentes clássicas de investigação social (e aqueles criticam estes), que alegam a falta de metodologias adequadas, devido à imprecisão para estabelecer relações entre os níveis micro e macroestruturais e, ainda, por fazer análise no nível micro, acaba por oferecer uma visão redutora e simplificadora da realidade (TEIXEIRA, 1991, p.10).

A Pesquisa do Cotidiano e a Biblioteca

Os estudos/pesquisas no campo da Biblioteconomia, comumente, retratam o aparente, o dizível, enfim o lado iluminado. Contudo, o que está obscuro, envolto em névoas não nos é dado a conhecer: o imaginário, os mitos, os ritos que permeiam a biblioteca e os modos de ser e do fazer do bibliotecário.

O desvelamento do social mais amplo não emerge das profundezas, acredito, pela maneira como tentamos investigar essa organização, que é complexa e que traz em si um conjunto de simbologias, de representações, de teatralidades cotidianas, de "... minúsculas situações e práticas da vida cotidiana, o lado de sombra do social, onde se dá a conservação de cada indivíduo e da espécie" (TEIXEIRA, 1990, p.98). As maneiras pelas quais procuramos compreender o cotidiano na biblioteca são feitos sob a ótica da racionalidade científica, sejam elas de natureza positivista ou funcionalista, portanto, estudamos "... os fenômenos sociais como se fossem fenômenos naturais, ou seja, para conceber os fatos sociais, como coisas [...] é necessário reduzir os fatos sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis" (SANTOS, 1988, p.52): estudos de usuário (adulto, criança, (não)leitores), da coleção (obras raras, periódicos, livros), dentre outros.

SANTOS afirma que este modelo clássico de fazer ciência do tipo causa formal dá relevância ao modo como funcionam as coisas ou qual o fim das coisas (1988, p.57), desta forma, produz: "Um conhecimento baseado na formulação de leis que tem como pressuposto metateórico a idéia de ordem e de estabilidade do mundo, a idéia de que o passado se repete no presente" (SANTOS, 1988, p.51).

Portanto, esse método cartesiano de pesquisa que predominou nas outras ciências sociais até pouco tempo, na Biblioteconomia ainda per-

manece (salvo algumas exceções). Pesquisas que procuram responder: uso ou não da coleção, grau de (in)satisfação dos leitores, impacto da automação na biblioteca dentre várias outras que procuram medir graus de eficiência dos serviços ou da necessidade de adaptação/criação de outros. Após exaustivas buscas de argumentações na literatura, o pesquisador - bibliotecário justifica o seu problema e analisa quantitativamente os dados e finaliza emitindo inúmeras sugestões do tipo "deve ser". Deste modo, a pesquisa restringe-se na descrição/análise de uma situação-problema sem, contudo, adentrarmos na sua essência, nos aspectos não ditos. Os conflitos, as tensões entre os atores-bibliotecários e leitores, os aspectos cênicos desta relação, isto é, no modo como o bibliotecário representa seu papel diante do leitor, vice-versa; o impacto das novas tecnologias no imaginário dos bibliotecários e, ainda, o burlesco, o fictício, o fantástico, o trágico, os mitos, os rituais, que estão nas pequenas atitudes cotidianas nas bibliotecas, dentre outras nas maneiras como: negociamos a informação com os leitores, emprestamos livros, realizamos as atividades técnicas, na relação bibliotecário x bibliotecário, na organização do acervo, na disposição dos equipamentos, nas normas e regras pré-estabelecidas.

MOSTAFA, LIMA e MARANON (1992, p.216-217) afirmam que as pesquisas em Biblioteconomia e Ciência da Informação estão impregnadas de referências funcionalistas e behavioristas: "O senso comum das pesquisas define escalas e questionários/entrevistas ou grupos de controle e experimentais para medir o comportamento, seja o comportamento verbal como as opiniões, seja o comportamento dos atos. Uma vez medido, ele é contrastado com outras opiniões (venham de reflexões, venham de onde vier). O conhecimento dessas opiniões dá mais algumas conclusões, mas tudo isso é realizado de forma mecânica, sem o quesito da historicidade - donde o impasse da incompreensão e o conseqüente moralismo das recomendações para que se façam mais pesquisas naqueles pontos que ficaram obscuros. Ou, então, quando o comportamento não se encaixa no modelo anteriormente teorizado, é o comportamento que precisa de redirecionamento, mas a teoria não, donde o autoritarismo da autoconsciência teórica das ciências. Os empíricos-analíticos envelhecem a história incessantemente para assim atualizar a ciência".

O paradigma da simplificação que predomina nas pesquisas em Biblioteconomia "... elimina a contradição quando separa a realidade em fragmentos que são, então, isolados. Desta forma, a lógica funciona perfeitamente sob as proposições isoladas, suficientemente abstratas para não

serem contaminadas pelo real, mas que, por isso mesmo, permitem as apropriações sobre o real, fragmento por fragmento" (TEIXEIRA, 1990, p.27). Este paradigma, segundo CARVALHO (1986, p.118), constitui-se em um princípio redutor do conhecimento e das organizações, ao mesmo tempo em que faz uma separação entre o sujeito do objeto investigado. Contrariamente a este paradigma, o paradigma da complexidade propicia uma visão ampla do universo (físico, biológico e antro-po-social) e, para tanto, a interação entre os sujeitos da investigação constitui-se em uma relação simbiótica, de trocas de saberes onde cada um desvela-se para conhecer a realidade em toda a sua dimensão, complexidade e recursivamente sua simplicidade.

Em torno desta abordagem, a Biblioteconomia poderá investigar o social mais amplo na medida em que não subsista suas partes e nem reduza o usuário a um objeto-problema a ser investigado isoladamente distorcido dos fatos simples, banais do seu cotidiano. E, ainda, por possibilitar à análise das inter-relações entre atores, bibliotecários - leitores que é sempre compreendida pela lógica do "deve ser", invalidando ao que Maffesoli chama de respiração social, isto é, "... uma atitude que possibilite integrar a multiplicidade dos elementos que compõem uma sociedade" (TEIXEIRA, 1990, p.100) e suas organizações.

A teoria do cotidiano mostra-se como uma metodologia para conhecermos a biblioteca a partir do seu dia-a-dia, que é carregado de práticas, normas, regras e relações que escondem minúcias que não conseguimos compreender no todo, provavelmente pela forma como averiguamos o dito, o aparente, o "Lado Iluminado", ficando as ações minúsculas que ocorrem no seu interior em nível da sombra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOVONE, L. Teoria da cotidianidade: busca de sentido de negação ou negação de sentido? *Rev. Fac. Educação, São Paulo*, v.18, n.2, p.264-282, jul./dez. 1992.
- CARVALHO, José Carlos de Paula. Três conferências sobre o imaginário social e a cotidianidade. São Paulo, *R. Fac. Educ.*, v.12, n.1/2, p177-191, jan./dez. 1986.

- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 120p.
- JANEAU, Claude. La thématique du quotidien. **Revue des Sciences Humanes et Sociétés**, v.1, n.3, p.7-9, 1985.
- KUNH, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1994, 257p.
- LEFEVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1976, 215p.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984, 157p.
- _____. A superação do indivíduo. São Paulo, **R. Fac. Educ.**, v.12, n.1/2, p.325-353, jan./dez.1986.
- MOSTAFA, Solange P.; LIMA, Ademir B. A. de; MARANON, Eduardo I. Paradigmas Teóricos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, v.21, n.3, p.216-222, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Um estudo sobre as ciências na transição para um ciência pós-moderna. São Paulo, **Estudos Avançados**, v.2, n.2, p.47-71, maio/ago.1988.
- SODRÉ, Muniz. Apresentação. In: MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Vértice, p.7-8, p.159.
- TEIXEIRA, Maria Cecília S. **Antropologia, Cotidiano e Educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. 206p.
- _____. As sociologias do cotidiano e a Educação: a abordagem de Michel Maffesoli. **Forum Educacional**, Rio de Janeiro, v.12, n.3, p.33-48, jul./set.1988.
- _____. Imaginário e educação: as mediações simbólicas no universo das organizações educativas. **Rev. Educ. Pública**, Cuiabá, v.3, n.4, p.7-19, jul./dez.1994.
- _____. O conceito de cotidiano: um instrumento metodológico ou um modismo? **Contexto e Educação**, Ijuí, v.6, n.22, p.9-13, abr./jun.1991.

ABSTRACT:

CASTRO, C. A. Theory of Quotidian and Librarianship. *Transinformação*, v. 7, n° 1/2/3, p. 75 - 84, janeiro/dezembro/1995

Discusses the theory of the quotidian and it's relevance as a methodology of social investigation and how it can contribute to the development of shadow side of librarianship

Key words: Theory of Quotidian/Librarianship; Research.

Padrões de Comunicação Científica dos Professores/Pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA*

Margarida Pinto Oliveira
Esmeralda Maria de Aragão.

RESUMO

OLIVEIRA, M.P.; ARAGÃO, E.M. de. Padrões de comunicação científica dos docentes/pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA. *Transinformação*, v.7 n. 1/2/3, p. 85 - 110, janeiro/dezembro/1995.

Os padrões de comunicação científica dos professores/pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA foram estudados através de amostragem (41,7% de 271), quanto a: a) sexo, faixa etária, formação acadêmica; b) atividades de pesquisa, e canais de comunicação; c) fontes de fomento, obstáculos à pesquisa e influência das lideranças científicas. Foram identificados como preferidos os "Congressos e similares", dentre os canais informais e semiformais; os "Artigos de periódicos", dentre os formais e os "Índices", dentre os superformais. Assim, existe similaridade destes resultados com os divulgados no artigo "Padrões de Comunicação Científica da UFBA", no tocante à Medicina. A biblioteca e os serviços "on-line" são evidenciados e formas de estímulo à pesquisa são propostas

Palavras-chave: Padrões de comunicação; Comunicação Científica; Canais de comunicação.

Introdução

O presente trabalho é a segunda parte do projeto de pesquisa "Modelo de Comunicação e Transferência da Informação na Medicina/UFBA", cujo texto inicial¹ objetivou o mapeamento da Bahia (UFBA), tendo por base os

* Pesquisa da Escola de Biblioteconomia e Documentação, subsidiada pelo CNPQ (Proc. 800817/89-3). Contou com a assessoria das Prof^{as}. Hagar E. FGomes, CNPQ; Heloísa T. Christovão, Depto. de Ensino e Pesquisa do IBICT, RJ; Dr. Gabriel Cedraz Nery, Assessor da Diretoria Executiva do Hospital São Rafael, Salvador; Analista de Sistemas Vivaldo C. Figueiredo; Estatística Cora M.B. de Santana, do CPD da UFBA; Prof. Nelson Oliveira, do Depto. de Estatística da UFBA, e das Prof^{as}. Vera Lúcia A. Breglia e Mara Eliane F. Rodrigues, Depto. de Doc. da Univ. Federal Fluminense (UFF). Foram Bolsistas de Iniciação Científica Agnúbia P. Oliveira, Maria da G. Ferreira e Sheila Meira. A todas estas pessoas e aos que contribuíram de alguma forma para este trabalho, as autoras agradecem

dados contidos no catálogo de "Produção Científica, Literária e Artística (PCLA)", 1979-1988, com destaque especial à Medicina, alvo específico do projeto.

A abordagem teórica aqui utilizada, inicialmente, é a mesma que respaldou o primeiro texto, ou seja, a de que o objetivo do cientista da informação, de pretender identificar, numa área específica do conhecimento, os canais de comunicação da preferência de seus integrantes, é o da própria Ciência da Informação, no que concerne investigar as formas de organização das estruturas responsáveis pelos processos de informação. Tal é o que está explícito na conceituação dessa Ciência. Dentre seus estudiosos, Barreto coloca como seu objetivo principal "promover o consenso de opiniões racional que abranja o mais amplo campo possível, observando como os cientistas se organizam e como transmitem informações entre si."² Ziman assegura que a comunicação é essencial para a pesquisa científica³ e Carvalho diz que é ela, a pesquisa científica, "que busca fundamentalmente o alargamento dos conhecimentos humanos como base para a compreensão cada vez mais completa da natureza"⁴. Logo, a comunicação, produto da pesquisa, contribui para essa compreensão.

Pode-se imaginar, a partir dessas afirmativas, que nada é mais natural do que o interesse do profissional da informação em pesquisar como se desenvolve a comunicação científica nesta ou naquela área do conhecimento. Compete, portanto, ao profissional da informação, entre outras coisas, conhecer os processos de comunicação científica e estudá-los, para que possa, assim, alcançar seus objetivos de pesquisa e aperfeiçoar sua atuação profissional.

Tomando-se, portanto, os processos de comunicações científicas como ponto de partida para este estudo, deve-se dizer que Meadows⁵ consubstancia, a partir de diversos resultados de pesquisa, a classificação dos canais de comunicação em dois tópicos principais: canais formais (aqueles que envolvem, quase sempre, fontes escritas) e canais informais (usualmente orais), concluindo que muitos cientistas consideram a discussão pessoal como a essência da comunicação científica.

Vários autores abordam esse tema, como, por exemplo, Pereira, no capítulo "Sistema de Comunicação", de sua dissertação de Mestrado⁶. Deve-se ressaltar, contudo, que foi inspirada na classificação dos canais de informação de autoria de Christovão⁷ que se estruturou, aqui, a descrição dos padrões de comunicação científica.

A despeito de haver um alto grau de complexidade na utilização, pelos cientistas, dos vários canais (informal, semiformal, formal ou superformal), pesquisas vêm identificando os preferidos por grupos de estudiosos. Por outro lado, lembre-se Garvey⁸, quando afirma que a Psicologia da Comunicação Científica enfatiza a interação entre o cientista e o seu ambiente, do

qual faz parte como elemento principal outro cientista. Como ele mesmo diz, o processo de transmissão é caracterizado por interações recíprocas entre a fonte e o destinatário.

Sem dúvida, o sentimento de Neghme⁹ em 1964, quando apresentou, no Congresso Latino-Americano em Viña del Mar, um panorama geral da medicina na América Latina, já evidencia a preocupação com essa interação. Mostrava ele a necessidade de mudança na formação de especialistas nas áreas das ciências biológicas e médicas, para agregarem novos e mais complexos conhecimentos aos professores, para que atinjam um alto gabarito pessoal e científico. Questionava ainda, o cientista, o aspecto metodológico e a necessidade de um acervo básico de informação científica, pela ausência de boas bibliotecas.

A propósito da precariedade das fontes de informação, Barreto esclare: "Ainda que o governo procure assegurar o progresso científico a nível internacional, sem um eficaz intercâmbio de informações, todo seu esforço em prol da ciência será comprometido: o fortalecimento dos serviços bibliotecários (...) é vital para atividades de pesquisa"¹⁰

Ressalte-se, também, Siqueira, ao observar "(...) a formação científica passa pela necessidade de bibliotecas informatizadas e ligadas com os grandes centros de saúde do mundo"¹¹.

Acresce que a afirmação de Mostafa de que "O esforço nesses vinte anos de reforma universitária brasileira foi grande na tentativa de pelo menos definir o que seria, afinal, os limites e as possibilidades da pesquisa, do ensino e da extensão universitária"¹² e a conclusão de Oliveira e Aragão¹³ de que a maior produção de trabalhos, no período estudado (10 anos), foi a da Faculdade de Medicina, pelo seu percentual, indicaram a pertinência e a importância de se levar avante o estudo ora apresentado que busca conhecer mais profundamente os padrões de comunicação científica dos professores/pesquisadores da referida Faculdade, identificar os órgãos financiadores das suas pesquisas, os obstáculos encontrados no desenvolvimento das mesmas e saber da provável existência de lideranças científicas.

Método

A produção científica dos professores/pesquisadores da área médica foi definida, desde a elaboração do projeto de pesquisa, como o alvo principal das investigações. Assim, concluído o relatório mencionado na Introdução, buscou-se a consecução dos objetivos que visavam ao conhecimento mais aprofundado de padrões de comunicação em seus mais diversos aspectos e, desta vez, relatados pelos professores/pesquisadores da Faculdade de

Medicina. Isto foi possível pela observância à seqüência de passos, estabelecida para a elaboração e a utilização do questionário-entrevista, e a coleta de dados, a tabulação e a descrição dos resultados.

Inicialmente, os professores, integrantes dos diversos departamentos que compõem a Faculdade de Medicina/UFBA, foram identificados através de listagem fornecida pela Faculdade, totalizando 271 professores.

Em seguida, estruturou-se uma minuta de questionário refletindo informações para o conhecimento dos canais de comunicação e de variáveis que interferem na sua seleção. Desta forma, foi possível o levantamento de dados comparáveis aos já relatados, significando uma verificação direta do que indiretamente foi constatado através do PCLA. Para isto, várias reuniões foram realizadas com a participação dos consultores das áreas médica e de processamento de dados e das bolsistas de iniciação científica. As discussões geradas pela minuta do questionário contribuíram para o exemplar que foi utilizado em pré-teste com oito pesquisadores de reconhecido mérito. Do diálogo com esses pesquisadores resultou o instrumento definitivo para pesquisa. Trata-se do questionário que inclui campos para identificação do pesquisador e para atividades de pesquisa, com 55 questões fechadas e 6 questões abertas. As questões fechadas visaram a coleta de informações relativas ao tempo e à forma de realização de pesquisa, ao número e tipos de trabalhos publicados, aos canais de informação, às formas preferidas de disseminação de seus trabalhos, aos órgãos financiadores de pesquisa e à influência das lideranças científicas na sua decisão de dedicar-se a essa atividade. As questões abertas registraram a descrição dos obstáculos encontrados quando da realização da pesquisa, os serviços utilizados, inclusive de biblioteca, arquivos e memoriais, a forma escolhida de realização de pesquisa, as justificativas apresentadas pelos órgãos de apoio à pesquisa pela não concessão de auxílio e a influência recebida das lideranças científicas para este tipo de atividade.

Definido, portanto, o questionário, este foi preparado no formato da entrada de dados para processamento por computador, acompanhado de um roteiro elucidativo ao seu preenchimento.

Logo após, foram treinadas as entrevistadoras (três bolsistas de iniciação científica) elaborada a comunicação a ser enviada ao diretor da Faculdade de Medicina e aos das outras unidades de ensino ligadas a essa Faculdade.

O trabalho de campo foi desenvolvido de outubro de 1990 a fevereiro de 1991, tendo suscitado a realização de reuniões para acompanhamento, e eliminação de dúvidas.

Foram encaminhados ao CPD 113 questionários, os quais constituíram uma amostra representativa do universo de 271 professores. O processamento originou relatórios de frequência e de cruzamento das diver-

sas variáveis componentes dos mesmos. Os resultados aí encontrados foram analisados e estruturados de forma a serem apresentados, observando-se a mesma linha do questionário, em três grupos, a saber: dados de identificação do pesquisador, da atividade de pesquisa e do apoio ao desenvolvimento dessa, abrangendo frequência e comparações entre o sexo e a idade e as variáveis consideradas relevantes, como formação acadêmica, realização de trabalhos, utilização de serviços bibliográficos, canais de comunicação e recebimento de separatas.

Enriquecendo esta análise aparecem, de forma condensada, opiniões dos entrevistados justificando algumas respostas constantes da primeira parte do questionário/entrevista.

Análise dos Dados

Serão analisados aqui os dados relativos aos entrevistados (amostra de 41,7% do universo de 271).

Identificação dos professores

Os dados são apresentados numa distribuição por sexo, idade e formação acadêmica. Quanto ao sexo, evidencia-se o índice de 70,8% para o masculino e 29,2% para o feminino (Tabela 1).

A Tabela 2 revela a faixa etária e a formação acadêmica, podendo-se destacar que 33,6% dos entrevistados são da faixa 40 a 49 anos, 26,5% de 50 a 59 anos e 24,8% de 30 a 39 anos. Apenas 14,2% contavam mais de 59 anos e 0,9% situava-se na faixa até 29 anos. Nesta tabela, assim como nas numeradas com 4, 10, 12 e 13, em face das aproximações de arredondamento, a soma dos valores de algumas colunas pode não ser igual ao valor total.

Quanto à formação acadêmica, a mesma tabela apresenta 41,6% com nível de especialização, 28,3% com mestrado e 9,7% com doutorado ou livre docência. Apenas uma minoria realizou o pós-doutorado (6,2%). Comparando-se a formação acadêmica em relação à idade, encontra-se o maior índice (16,0%) de professores na faixa etária de 50 a 59 que possuía o título de especialização, seguindo-se 15,0% dos que estavam na faixa de 40 a 49 anos, com o de mestre, enquanto os maiores percentuais na categoria doutorado situam-se nas faixas 30-39 e 40-49, cada uma com 4,4%. Dentre aqueles acima de 59 anos, destacaram-se 6,2% com especialização e livre docência e, na faixa até 29 anos, um único professor foi entrevistado, o qual já possuía o título de mestre.

É de concluir-se que o destaque ao maior nível de especialização esteja vinculado à faixa etária e à época do surgimento dos cursos de mestrado. A preferência por esses cursos foi dos que se situaram nas faixas de 30 a 49 anos, mas, dentre os que estavam no final da carreira, 6,2% obtiveram o título de livre docência.

Analisando-se sexo e formação acadêmica (Tabela 3), percebe-se que a maioria (32,7%) do sexo masculino tem curso de especialização e 16,8% curso de mestrado. Em relação ao sexo feminino, a percentagem alta (11,5%) é de mestres. Vê-se, ainda, que, embora os professores tenham tentado um nível mais elevado de conhecimento ao longo do exercício do magistério, há uma tendência maior das mulheres em busca de uma pós-graduação, pois, 39,4% das entrevistadas possuem o mestrado, o que ocorreu, apenas, com 27,7% dos homens.

Atividade de pesquisa dos professores

Os resultados que tratam das atividades de pesquisa (tempo de realização de pesquisa subvencionada, formas de realização, número de trabalhos publicados) e dos canais de comunicação utilizados para consulta e disseminação dos trabalhos (informais, semiformais, formais e superformais) serão relatados a seguir.

Tempo de realização de pesquisa subvencionada

A inclusão, no questionário, de uma pergunta acerca da realização de "Pesquisas Subvencionadas", objetivou averiguar o percentual de pesquisadores que teve financiamento para suas investigações.

Analisando-se a Tabela 4, verifica-se que o maior período de dedicação à pesquisa foi 31 anos, atingido por 0,9% dos entrevistados, durante o período de 10 anos, 8,0% no decurso de 12 e 20 anos, 4,4% e, durante 25, 15, 8,5 e 2 anos, 3,5%. É surpreendente ver, contudo, que 29,2% não realizaram este tipo de atividade, taxa a que se acrescem 18,6% dos que deixaram a questão em branco, fato possivelmente relacionado aos obstáculos alegados pelos próprios pesquisadores, e descritos na parte relativa ao apoio à pesquisa. Vendo-se, por outro ângulo, pode-se concluir que dos pesquisadores que responderam ao questionário de modo afirmativo, a maioria (31,0%) exercia essa atividade de oito a vinte anos.

Formas de realização de pesquisa

A pergunta "Como realiza pesquisa, se individual ou em colaboração" (Tabela 5), apresenta o maior índice (47,0%) para a resposta "nas duas formas". A "pesquisa em colaboração" atingiu 27,5%, enquanto que a individual", 7,0%, percentual este o mesmo do grupo dos que não se dedicaram à investigação. Vale dizer que aqui não se delimitou a questão à pesquisa

subvencionada. Houve quem declarasse que, após a realização de, aproximadamente, 8 trabalhos (como autor ou co-autor), até os anos de 1984, desistiu de outros, por lhe ter sido negado o regime de 40 horas semanais de trabalho.

Tabela 1 - Distribuição dos professores de medicina/UFBA, por sexo, 1990

SEXO	Professores	
	Nº	%
Masculino	80	70,8
Feminino	33	29,2
TOTAL	113	100,0

Tabela 2 - Distribuição dos professores da medicina/UFBA, por idade e formação acadêmica, 1990

Form Idade	Grad.		Aperf.		Esp.		Mest.		Dout.		L. Doc.		P. dout.		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
< 30	-	-	-	-	-	-	1	0,9	-	-	-	-	-	-	1	0,9
30 - 39	1	0,9	-	-	9	8,0	10	8,8	5	4,4	-	-	3	2,7	28	24,8
40 - 49	1	0,9	1	0,9	13	11,5	17	15,0	5	4,4	1	0,9	-	-	38	33,6
50 - 59	1	0,9	1	0,9	18	16,0	3	2,7	1	0,9	3	2,7	3	2,7	30	26,5
> 59	-	-	-	-	7	6,2	1	0,9	-	-	7	6,2	1	0,9	16	14,2
TOTAL	3	2,7	2	1,8	47	41,6	32	28,3	11	9,7	11	9,7	7	6,2	113	100

Tabela 3 - Distribuição dos professores da medicina/UFBA, por sexo e formação acadêmica, 1990.

Form Sexo	Grad.		Aperf.		Esp.		Mest.		Dout.		L. Doc.		P. dout.		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
masc.	2	1,8	2	1,8	37	32,7	19	16,8	6	5,3	9	8,0	5	4,4	80	70,8
Fem.	1	0,9	-	-	10	8,8	13	11,5	5	4,4	2	1,8	2	1,8	33	29,2
TOTAL	3	2,7	2	1,8	47	41,6	32	28,3	11	9,7	11	9,7	7	6,2	113	100

Estes resultados levam a uma reflexão, comparando-os aos encontrados sobre tempo de realização de pesquisa subvencionada. Ora, se 29,2% (Tabela 4) evidenciaram a não realização desta atividade, como, estudando-se a modalidade de preferência, se individual, em colaboração etc., apenas 7,0% revelaram que não a realizaram? Um estudo das respostas aos

questionários e das informações contidas no PCLA explicou a aparente divergência, de vez que, dentre os que responderam negativamente encontram-se os não beneficiados com recursos oriundos de organismos de fomento, mas tendo publicado trabalhos de investigação.

Trabalhos publicados pelos professores

A distribuição dos trabalhos publicados pelos professores/pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA (Tabela 6) foi feita segundo a natureza dos mesmos, obtendo-se resultados seguintes: trabalhos de revisão - 274, trabalhos de divulgação - 747, trabalhos originais - 844 e comunicações - 1963. Estes dados conduziram ao total de 3.828 trabalhos e aos percentuais que evidenciam a preferência pelas comunicações, com 51,3%, seguindo-se os trabalhos originais com 22,0%, os artigos de divulgação com 19,5%, e, por fim, os de revisão com 7,2%, conforme a Tab. 7. Identificando-se cada um destes itens, na Tab. 6, vê-se que os trabalhos originais foram produzidos por 49,6% dos entrevistados, as comunicações por 69,0%, os artigos de revisão por 45,1% e os trabalhos de divulgação por 39,8%. Ainda vale dizer que a maior proporção de autores é para o menor número de trabalhos e que, se o número de trabalhos aumenta, diminui o número de autores, de tal forma que o índice mais alto é representativo da produção de um só autor. Para exemplificar, é que se contam, na distribuição dos trabalhos originais, na Tabela em estudo, 38 pesquisadores que produziram, cada um, 1 ou o máximo de 9 trabalhos e que 18 produziram 13 ou mais, até o máximo de 223 artigos. Este fato é confirmado, ainda, na Tabela 8, quando se verifica que a metade dos trabalhos é de autoria de 8,8% dos pesquisadores e a outra metade de 77,0%. Este é um fenômeno que pode ser explicado pela Lei de Lotka, segundo a qual

"o número de autores que publicaram trabalhos num determinado campo foi aproximadamente $1/n^2$ do número de autores que publicaram apenas um trabalho. Esta relação implica que se ela é adequada para todos os autores num determinado campo, seu número será finito e menor que $\pi^2/6$, aproximadamente 1.65, do número de autores de um artigo, sempre que o total for infinito (...) A relação subestima o número de autores prolíficos porém se aplica completamente aos menos prolíficos."¹⁴

Obviamente, os 8,8% supracitados situam-se entre os que têm maior experiência acadêmica, no que tange, especialmente, às atividades de ensino e de pesquisa.

Tabela 4 - Distribuição do tempo de dedicação à pesquisa pelos professores da medicina/UFBA.

Anos de Pesquisa	PROFESSORES		
	Nº	%	
0	33	29,2	
1	13 = 11,5%	1	0,9
2		4	3,5
3		1	0,9
5		4	3,5
6		1	0,9
7	35 = 31,0%	2	1,8
8		4	3,5
10		9	8,0
12		5	4,4
13		1	0,9
14		3	2,7
15		4	3,5
16		2	1,8
17		1	0,9
19		1	0,9
20		5	4,4
22	11 = 9,7%	1	0,9
24		1	0,9
25		4	3,5
28		1	0,9
30		3	2,7
31	1	0,9	
BRANCOS	21	18,6	
TOTAL	113	100,0	

Tabela 5 - Distribuição das formas de realização de pesquisa na medicina/UFBA, 1990

Formas de realização de pesquisa	Professores	
	Nº	%
Não realizam	8	7,0
Individual	8	7,0
Em colaboração	31	27,5
Nas duas formas	53	47,0
Brancos	13	11,5
TOTAL	113	100,0

Tabela 6 - Distribuição dos trabalhos pelos professores da medicina/UFBA, segundo sua natureza e o número de professores

Trabalhos originais			Comunicações			Trab. de Revisão			Trab. de Divulgação		
NT	NP	T.P	NT	NP	T.P	NT	NP	T.P	NT	NP	T.P
0	57	0	0	35	0	0	62	0	0	68	0
1	7	7	1	4	4	1	10	10	1	6	6
2	5	10	2	7	14	2	11	22	2	7	14
3	8	24	3	4	12	3	6	18	3	9	27
4	4	16	4	1	4	4	5	20	4	3	12
5	5	25	5	4	20	5	3	15	5	3	15
6	6	36	6	4	24	6	1	6	8	1	8
7	1	7	7	3	21	7	2	14	10	1	10
9	2	18	8	2	16	8	3	24	12	2	24
13	2	26	9	2	18	9	1	9	13	2	26
14	1	14	10	5	50	10	3	30	14	1	14
15	1	15	12	2	24	15	2	30	15	2	30
19	1	19	13	1	13	17	1	17	23	1	23
20	2	40	14	1	14	18	1	18	25	1	25
25	1	25	15	1	15	20	1	20	36	2	72
27	1	27	18	1	18	21	1	21	37	1	37
28	2	56	19	1	19				38	1	38
29	1	29	20	5	100				116	1	116
33	1	33	21	3	63				250	1	250
35	1	35	22	1	22						
38	1	38	24	1	24						
45	1	45	25	1	25						
76	1	76	26	1	26						
223	1	223	30	8	240						
			32	1	32						
			37	1	37						
			40	2	80						
			42	1	42						
			50	2	100						
			58	1	58						
			61	1	61						
			70	1	70						
			90	1	90						
			105	1	105						
			107	1	107						
			195	1	195						
			200	1	200						

56=49,6%
78=69%
52=45,1%
45=39,8%

Tabela 7 - Trabalhos publicados pelos professores de medicina UFBA, segundo sua natureza.

Natureza dos trabalhos	Trabalhos	
	Nº	%
T. Originais	844	22,0
Comunicações	1963	51,3
T. Revisão	274	7,2
T. Divulgação	747	19,5
TOTAL	3828	100,0

Tabela 8 - Distribuição dos trabalhos publicados pelos professores de medicina/UFBA, até 1990

nº de trabalhos (T)	nº de profsº (F)	T.F.	ET.E
0	16	0	0
1	5	5	5
2	5	10	15
3	3	9	24
4	4	16	40
5	2	10	50
6	7	42	92
7	1	7	99
8	4	32	131
9	5	45	176
10	3	30	206
12	1	12	218
13	1	13	231
14	3	42	273
16	4	64	337
19	1	19	356
20	1	20	376
22	2	44	420
23	2	46	466
25 87=77,0%	1 1913	25 50%	491
27	1	27	518
28	1	28	546
30	3	90	636
31	1	31	667
32	2	64	731
33	1	33	764
36	2	72	836
37	1	37	873
38	1	38	911
40	2	80	991
43	2	86	1077
47	2	94	1171
48	1	48	1219
49	1	49	1268
54	3	162	1430
55	3	165	1595
56	1	56	1651
60	1	60	1711
62	1	62	1773
67	1	67	1840
73	2	146	1986
89	1	89	2075
96	1	96	2171
97	1	97	2268
116 8,8%	1 1911	116 50%	2384
129	1	129	2513
185	1	185	2798
201	1	201	2999
446	1	446	3345
479	1	479	3824
TOTAL	113		

A Tabela 9, que apresenta a distribuição dos docentes pela idade e realização de trabalhos, mostra que existem professores nas diversas faixas etárias que nunca publicaram. Comparando-se o número de professores que publicaram, com o total de entrevistados, nessas faixas de idade, nota-se que, em relação aos trabalhos originais, às comunicações e ao número total de trabalhos, a faixa de 30 a 39 anos destaca-se, percentualmente, por concentrar 60,7%, 75,0% e 82,1% para cada grupo de trabalhos de natureza acima identificada, sendo também aquela com formação de maior nível. De certa forma este resultado concorda com o de Targino e Caldeira que, analisando a produção científica da Universidade Federal do Piauí, concluíram que "os docentes mais produtivos têm de 36 a 39 anos, são professores adjuntos e possuem pós-graduação (...)"¹⁵. Seguem-se a de 40 a 49, a de 50 a 59, e por fim, aquela acima de 59 anos, invertendo-se estas duas faixas etárias, em relação, apenas, às comunicações. Consta-se que a faixa acima de 59 anos se destaca, na produção de trabalhos de revisão, com 56,2% dos entrevistados, e de trabalhos de divulgação, com 43,7%. Concorda-se com Christóvão, quando afirma: - "É normal que o pesquisador/professor de faixa etária mais avançada se dedique à elaboração de artigos de revisão e de divulgação. Maior experiência, melhor visão de conjunto da área, pelo menos teoricamente por meios de comunicação de massa para artigos de divulgação, palestras etc."¹⁶. Seguem-se, no tocante aos trabalhos de revisão, as faixas de 50 a 59 (50,0%), de 40 a 49 (44,7%) e de 30 a 39 anos (35,7%) e, no que tange aos trabalhos de divulgação, as faixas de 30 a 39 (42,8%), de 50 a 59 (40,0%) e de 40 a 49 anos (36,8%).

Entende-se, por conseguinte, que aqueles em início da carreira de ensino e pesquisa dedicam-se mais aos trabalhos originais e às comunicações e aqueles, já no final, às revisões de literatura e aos trabalhos de divulgação. Tal fato poderia estar relacionado à formação dos docentes, considerando que há uma concentração maior de doutores (os mais produtivos) nas faixas de 30-39 e de 40-49 anos (Tabela 2); ao contrário, os situados nas faixas acima de 49 anos, em sua maioria, limitam-se à especialização, sendo poucos os que alcançaram o mestrado e o doutorado.

Canais preferidos de comunicação

Outra forma de conhecer as preferências, pelos diversos canais de comunicação, foi mediante a atribuições de conceitos (numa escala de 0 a 5) aos diversos canais e às formas de divulgação dos trabalhos elaborados, e pela quantificação de serviços e de recebimento de separatas de artigos científicos.

A Tabela 10 possibilita verificar os canais informais, semiformais, formais e superformais utilizados para consulta e atualização e os conceitos que lhes foram atribuídos pelos professores.

Portanto, é fácil notar que, em relação aos canais informais e semi-formais, os "contatos pessoais", o "recebimento de separatas" e, principalmente, os "congressos e similares" são canais preferidos, pois, obtiveram, respectivamente, os percentuais mais elevados de número de professores, 25,7% e 37,2% para o conceito cinco - o mais relevante.

Tabela 9 - Distribuição dos professores da medicina/UFBA, por faixa etária e tipo de trabalho, 1990

Idade	N° Profs		Total de Trabalhos						Trabalhos Originais						Comunicações							
			SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL			
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%		
< 30	-	-	1	100	1	100	-	-	1	100	1	100	-	-	1	100	1	100	-	-	1	100
30 - 39	23	82,1	5	17,9	28	100	17	60,7	11	39,3	28	100	21	75,0	7	25	28	100				
40 - 49	30	78,9	8	21,1	38	100	19	50,0	19	50,0	38	100	26	68,4	12	31,6	38	100				
50 - 59	21	70,0	9	30,0	30	100	14	46,7	16	53,3	30	100	20	66,7	10	33,3	30	100				
> 59	10	62,5	6	37,5	16	100	5	31,2	11	68,8	16	100	11	68,7	5	31,3	16	100				
TOTAL	84	74,3	29	25,7	113	100	55	48,7	58	51,3	113	100	78	69,0	35	31,0	113	100				

(Cont.)

Idade	N° Profs		Trabalhos de Revisão						Trabalhos de Divulgação					
			SIM		NÃO		TOTAL		SIM		NÃO		TOTAL	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
< 30	-	-	1	100,0	1	100	-	-	1	100,0	1	100	-	-
30 - 39	10	35,7	18	64,3	28	100	12	42,9	16	57,1	28	100		
40 - 49	17	44,7	21	55,3	38	100	14	36,8	24	63,2	38	100		
50 - 59	15	50,0	15	50,0	30	100	12	40,0	18	60,0	30	100		
> 59	9	56,2	7	43,8	16	100	7	43,7	9	56,3	16	100		
TOTAL	51	45,1	62	54,9	113	100	45	39,8	68	60,2	113	100		

Tabela 10 - Distribuição dos canais de comunicação preferidos pelos professores da medicina/UFBA, 1990

CANAIS CONCEI- TOS	Informais e Semiformais								Formais									
	Contato pessoa		Corresp.		Receb. separata		Congr. similares		Nome em lista de outros pesquis.		Teses		Dissert.		Relatório		Artigos periód.	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
0	6	5,3	26	23,0	12	10,6	5	4,4	46	40,7	13	11,5	29	25,7	32	28,3	2	1,8
1	12	10,6	25	22,1	10	8,8	5	4,4	11	9,7	24	21,2	24	21,2	13	11,5	1	0,9
2	19	16,8	18	16,0	19	16,8	9	8,0	15	13,3	16	14,2	19	16,8	24	21,2	8	7,1
3	29	25,7	16	14,2	22	19,5	22	19,5	17	15,0	25	22,1	19	16,8	20	17,7	9	8,0
4	15	13,3	13	11,5	14	12,4	26	23,0	7	6,2	12	10,6	9	8,0	9	8,0	21	18,6

(Cont.)

CANAIS CONCEI- TOS	Superformais											
	Livros		Folhetos		Catálogos		Índices/ Bibliogr.		"Abstracts"		Lilacs/ Medline	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
0	6	5,3	27	23,9	23	20,4	7	6,2	17	15,0	34	30,0
1	6	5,3	25	22,1	20	17,7	3	2,7	11	9,7	14	12,4
2	12	10,6	21	18,6	17	15,0	5	4,4	15	13,3	8	7,1
3	11	9,7	16	14,2	17	15,0	18	16,0	22	19,5	12	10,6
4	25	22,1	11	9,7	13	11,5	20	17,7	22	19,5	18	16,0
5	48	42,5	3	2,7	13	11,5	53	46,9	20	17,7	15	13,3
Branco	5	4,4	10	8,8	10	8,8	7	6,2	6	5,3	12	10,6
TOTAL	113	100	113	100	113	100	113	100	113	100	113	100

No tocante aos canais formais, o "artigo de periódico" foi considerado, por 59,2% dos professores, como o de melhor conceito (cinco), sendo seguido pela tese, por 14,2% dos mesmos. Ainda este veículo atingiu percentual alto (22,1%) para o conceito três, enquanto à "dissertação" e ao

"relatório" foi atribuído o conceito cinco por, apenas, 4,4% e 6,2% dos professores, respectivamente.

Verifica-se, dentre os canais superformais, que os "índices" são os preferidos, pois, 46,9% dos pesquisadores atribuíram-lhes o conceito mais alto, sendo seguido pelos livros, veículo que obteve 42,5% de preferência, pelas bases de dados "LILACS/MEDILINE" (13,3%) e pelos "catálogos" (11,5%). Este fato leva a supor que apenas uma parcela dos produtores de trabalhos utilizou os canais sofisticados de informação científica e tecnológica e que a outra parcela conceitua, ainda, o livro como o de maior valor na escala sugerida. Por que não há maior índice de pesquisadores utilizando o LILACS/MEDILINE? Falta de conhecimento desta fonte, da importância da informação ali difundida, ou, simplesmente, por uma questão de hábito arraigado à consulta aos índices convencionais? Christovão chama a atenção "que se deve considerar que às vezes a não significação de uma fonte para um pesquisador/professor é decorrente de desconhecimento sobre a mesma ou dificuldade extrema de acesso"¹⁷.

Nesta análise, vê-se certa coincidência dos resultados com os resultados da investigação direta nos instrumentos referenciais, constantes do trabalho intitulado "Padrões de Comunicação Científica na Universidade Federal da Bahia"¹⁸, no que tange à preferência pelos "congressos e similares" e "artigos de periódicos", dentre os canais semiformais e formais de comunicação.

A Tabela 11 mostra a utilização dos serviços bibliográficos pelos mesmos professores, em 1990, evidenciando que, embora apenas 5,3% sejam assinantes do LILACS, 70,8% consultam serviços "on-line", através da BIREME, 95,6% utilizam bibliotecas, 46,0% arquivos, 15,0% memoriais e, ainda, 20,4% utilizam outros meios ou canais informacionais. Pelo exposto, é a biblioteca, dentre outros, o serviço bibliográfico mais utilizado, devendo, por isso, ser enriquecida qualitativamente (manutenção de coleções correntes e atualizadas) e quantitativamente (aquisição proporcional ao número de usuários). Outro aspecto a ser considerado, em função da melhor atuação da biblioteca, diz respeito à formação profissional qualificada, que propicie maior interação com o usuário. Essa interação far-se-á, sem dúvida, mediante a comunicação eficiente e a utilização dos meios disponíveis (nos quais estão incluídas as novas tecnologias) que facilitam o uso da informação.

Outra fonte de comunicação identificada como importante a separata pode ser analisada através da Tabela 12, que estampa o seu recebimento pelos professores em percentuais diferenciados entre eles e em relação à origem do periódico de que a mesma faz parte (se nacional, estrangeira ou internacional).

Tabela 11 - Serviços bibliográficos utilizados pelos professores da faculdade de medicina/UFBA, 1990

Respostas	Assinat.		Consulta		Utiliza						Outros	
	Lilacs		Birene		Bibliotecas		Arquivos		Memoriais		Meios	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
SIM	6	5,3	80	70,8	108	95,6	52	46,0	17	15,0	23	20,4
NÃO	102	90,3	29	25,7	5	4,4	61	54,0	96	85,0	90	79,6
BRANCOS	5	4,4	4	3,5	-	-	-	-			-	-
TOTAL	113	100	113	100	113	100	113	100	113	100	113	100

Tabela 12 - Recebimento de separatas pelos professores da medicina/UFBA, até 1990

% Receb. Separatas Nac.			% Rec. Separatas estrang.			% Rec.. Separatas Internac.			
% Rec.	Profs	% Prof.	% Rec.	Profs	% Prof.	% Rec.	Profs	% Prof.	
0	42	37,2	0	62	54,9	0	62	54,9	
1	2	1,8	1	3	2,7	1	4	3,5	
2	3	2,7	2	3	2,7	2	2	1,8	
3	6	5,3	3	4	3,5	5	4	3,5	
4	32=28,3%	2,7	5	2	1,8	8	1	0,9	
5	2	1,8	10	4	3,5	10	2	1,8	
10	9	8,0	20	1	0,9	20	2	1,8	
15	1	0,9	30	1	0,9	30	1	0,9	
20	4	3,5	40	1	0,9	40	1	0,9	
30	2	1,8	50	2	1,8	50	1	0,9	
50	6	5,3	60	5	4,4	60	5	4,4	
60	3	2,7	70	21=18,6%	1,8	70	19=16,8%	2	1,8
70	31=27,5%	1,8	80	4	3,5	80	5	4,4	
80	4	3,5	85	1	0,9	90	1	0,9	
90	1	0,9	100	7	6,2	100	5	4,4	
95	1	0,9	Brancos	11	9,7	Brancos	15	13,3	
100	14	12,4	40=35,4%				36=31,9%		
Brancos	83=55,8%	7,0							
	113	100,0		113	100,0		113	100,0	

Nota-se que 55,8% dos professores recebem separatas de periódicos nacionais, 35,4% de periódicos estrangeiros e 31,9% de periódicos internacionais (os publicados por organismos internacionais). Pode-se observar, ainda, que 27,5% recebem 50 ou acima de 50,0% das separatas solicitadas de periódicos estrangeiros e 16,8% recebem igual valor de periódicos internacionais. Mas, vale ressaltar que, apenas, 12,4%, 6,2% e 4,4% do total dos entrevistados recebem 100% das separatas solicitadas de periódicos nacionais, estrangeiros e internacionais, respectivamente, significando que são estes que integram, efetivamente, as listas dos seus colegas ou que estão inseridos no "Colégio Invisível", ou, ainda, os mais atuantes ou os pontos nodais na rede de comunicação científica.

Já a preferência dos pesquisadores pelos mesmos canais, para disseminação dos seus trabalhos, pode ser vista na Tabela 13. Assim, "artigos em periódicos nacionais" e "comunicações a congressos" foram os preferidos, pois, o peso 5 lhes foi concedido, respectivamente, por 43,4% e 42,5% dos entrevistados, seguidos pelos artigos em periódicos estrangeiros (36,3%), pelos artigos em periódicos internacionais (33,6%) e pelos livros (23,0%).

Estes dados são significativos, pois, confirmam a preferência do pesquisador da área médica por tais veículos, identificada quando da distribuição dos trabalhos (Tabela 7), onde as comunicações se sobressaíram com 51,3% e os artigos publicados em periódicos científicos, sejam eles nacionais, estrangeiros e internacionais, os quais incluem os trabalhos originais, atingiram o segundo lugar, dentre os publicados pelos entrevistados, com 22,0%.

À "nota prévia", à "tese" e à "dissertação" também foi concedido o conceito em questão (5), por 4,4%, 10,6% e 4,4%, respectivamente. Contudo, o maior percentual de entrevistados atribui conceitos baixos para esses veículos de informação. Supõe-se que os percentuais altos às teses e às dissertações representem uma supervalorização ou a importância atribuída por aqueles que tiveram a oportunidade de elaborá-las.

Analisando-se as respostas à questão aberta - "Justifique a escolha das formas de disseminação dos trabalhos" - da 2ª parte do questionário/entrevista, pode-se concluir que a preferência pelo artigo em periódico científico é decorrente de ser esta publicação mais utilizada universalmente e de fácil divulgação e localização do trabalho científico. Com relação à segunda preferência indicada, congressos e similares, as justificativas situam-se como de maior facilidade e eficácia, para atingir à população alvo, além de

Pesquisa, dificuldades de apoio e de realização e lideranças científicas

Aqui serão apresentados os resultados que tratam dos órgãos de fomento à pesquisa, das dificuldades de sua realização e da influência das lideranças científicas.

A relação dos órgãos de apoio à pesquisa é representada na Tabela 14, onde pode ser visto que os recursos à pesquisa, na Medicina, são oriundos, na sua maioria, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (34,5%), vindo, em seguida, a indústria farmacêutica (22,1%), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES e a Organização Mundial da Saúde - OMS/Organização Panamericana de Saúde - OPS (ambas com 9,7%), ficando as associações profissionais e outros organismos com uma participação pouco significativa.

Através das respostas à questão - "Quais os obstáculos que encontrou para realizar a pesquisa" - do segundo bloco do questionário/entrevista, evidenciam-se as dificuldades para realização dessa atividade (Tabela 15), as quais, sintetizadas são, principalmente, as seguintes: infra-estrutura (28,3%), ausência ou insuficiência de financiamento (44,2%), dificuldades técnicas e administrativas, incluindo carência de recursos humanos habilitados para dar apoio à pesquisa (14,2%), precariedade das instituições responsáveis à manutenção dos acervos e das fontes de informação (bibliotecas, arquivos etc.) (10,6%), falta de incentivo da UFBA ao desenvolvimento da política de pesquisa e de suas respectivas linhas de atividades (15,0%) e falta de tempo (9,7%).

Justificativas apresentadas pelos órgãos financiadores aos professores e por eles relatadas, quanto à não concessão de auxílios solicitados, para seus projetos de pesquisa, situaram-se, de um modo geral, nas seguintes alegações: falta de verba, exigüidade dos prazos e outras de menor importância.

Aqueles projetos especificamente não aprovados pelo CNPq, o foram pelas razões já citadas ou por motivos relacionados aos requisitos pessoais do pesquisador (como, por exemplo, ausência de titulação de mestrado, regime de tempo parcial, currículo inadequado) ou pelo fato de serem os projetos voltados para especialidades consideradas não prioritárias, na época.

De outro modo, supõe-se que projetos de alta relevância, já aprovados pelos departamentos, não foram financiados em consequência do encaminhamento incorreto ao Hospital Prof. Edgard Santos (HUPES), que não dispunha de recursos financeiros, e não a um dos órgãos específicos de pesquisa, como, por exemplo, a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da própria UBBA. Percebe-se, pelas respostas de alguns pesquisadores que há um certo nível de desconhecimento das formas de

encaminhamentos dos projetos e, até mesmo, da informação certa para que os trâmites exigidos fossem seguidos.

Alguns pesquisadores indicaram justificativas pessoais, subjetivas, como, "a pesquisa é para iluminados", "não tenho prestígio político" etc., alegações que precisariam ser discutidas com os respondentes a fim de se compreender melhor as questões envolvidas.

O fato de uma parceria dos pesquisadores da Medicina/UFBA (9,7%) identificar indisponibilidade de tempo, tendo alguns deles que dividi-lo entre a pesquisa e o ensino, culpando este pela sobrecarga, não justifica a falta de tempo para a primeira (a mais frequentemente sacrificada) que, apesar da existência de inúmeros obstáculos, depende, realmente, da vontade e do esforço de cada um para realizá-la. Observe-se, ainda, o fato da investigação científica, em geral, não depender de horários rígidos, exigidos para atividade docente.

Pensa-se que, dentre os diversos fatores levantados como obstáculos ao estímulo à pesquisa tem forte peso a necessidade dos docentes de dedicarem-se à clínica, à cirurgia ou a outras atividades, para melhorar a renda. Alguns docentes (4,4%) queixaram-se dos baixos salários de professor e 9,7% da falta de tempo, por ser professor em regime parcial, e não haver sido aprovada sua solicitação de dedicação exclusiva.

Tabela 15 - Obstáculos à pesquisa

Respostas apresentadas	Nº	%
Falta de recursos financeiros	50	44,2
Infra-estrutura	32	28,3
Falta de política, de linhas de pesquisa e de apoio/UFBA	17	15,0
Dificuldades técnicas e administrativas	16	14,2
Falta de bibliotecas bem equipadas para pesquisa	12	10,6
Falta de tempo	11	9,7
Burocracia para recursos da área pública	8	7,0
Falta de apoio dos órgãos oficiais	7	6,2
Má remuneração do professor	5	4,4
Falta de prestígio político	3	2,7
Falta de divulgação de fontes de financiamento	3	2,7
Descontinuidade do trabalho (paralisação, greves)	2	1,8
Incompatibilidade sócio-econômico-cultural-científica	1	0,9

Obs.: As categorias nesta tabela não são excludentes, o que justifica a não totalização dos seus valores.

A influência das lideranças científicas, na decisão pela atividade de pesquisa, foi outro ponto evidenciado pelos professores, os quais são representados por 61,1% (Tabela 16), reconhecendo-se, assim, a importância do líder no trabalho científico.

Tabela 16 - Influência da liderança científica na medicina/UFBA

Alternativas de respostas	Professores	
	Nº	%
SIM	69	61,1
NÃO	40	35,4
BRANCOS	4	3,5
TOTAL	113	100,0

As questões abertas das entrevistas esclarecem este percentual obtido, confirmando as formas de ação do líder científico, a saber: estímulo de professores aficionados, tanto no encorajamento à iniciação científica, quanto ao desenvolvimento dos trabalhos; seleção e orientação de artigos e de outros documentos; discussão e troca de idéias; e aprimoramento da metodologia do trabalho e conseqüente encaminhamento para publicação. O exemplo do pesquisador também tece grande peso, sendo evidenciada a dedicação à atividade e o valor dos trabalhos por ele desenvolvidos. Notadamente, foram citadas instituições brasileiras e estrangeiras onde se realizaram estudos de pós-graduação e estágios.

Conclusão

O estudo dos padrões de comunicação científica, baseado na informação colhida, diretamente, dos professores/pesquisadores da Faculdade de Medicina/UFBA, vem oferecer respostas aos objetivos propostos, além de propiciar o conhecimento de outros aspectos de interesse para análise e reflexão.

A amostra de 41,7% do universo revelou, em relação ao pesquisador:

a. o maior percentual de professores do sexo masculino (70,8%), com predominância da faixa etária de 40 a 49 anos (33,6%) e do nível de especialização (41,6%);

b. 29,2% dos entrevistados não realizaram pesquisas subvencionadas e 31,0%, a maioria, exerciam essa atividade de 8 a 20 anos;

c. a forma de realização da pesquisa apresentou um percentual de 47,0% para as "duas formas, individual e em colaboração", e 27,5% para a pesquisa "em colaboração";

d. dos trabalhos publicados, o percentual mais alto foi para comunicações, 51,3%, seguindo-se de trabalhos originais, 22,0%, sendo que os primeiros (comunicações) foram produzidos por 69,0% dos entrevistados e, os segundos (trabalhos originais), por 49,6%;

e. nas faixas etárias estudadas, a de 30 a 39 anos (28 entrevistados) foi a que contou com maior número de professores dedicados a elaborações de trabalhos (82,1%). Desses, 21 (75,0%) destacaram, preferencialmente, as comunicações e 17 (60,7%) os trabalhos originais.

No que se refere aos objetivos estabelecidos para conhecer os padrões de comunicação dos pesquisadores, verificou-se que os canais preferidos dos entrevistados, tanto para colher informações como difundí-las, são os "artigos de periódicos" e as "comunicações em congressos e similares", seguindo-se, em bem menor preferência, o "livro". Este resultado denota certa coincidência com os divulgados no primeiro texto, que tratou dos canais utilizados para divulgação dos trabalhos.

A identificação dessa preferência, evidentemente, não surpreende, pois, é de conhecimento geral, como observa Christovão, que

"Na ciência contemporânea, o artigo publicado é o mais importante formato pertencente ao domínio formal"¹⁹.

Além de todas estas fontes de comunicação, outro canal de importância foi a separata, que possibilita a integração entre pesquisadores, confirmando a existência de pontos nodais na rede de comunicação científica.

No que diz respeito aos serviços bibliográficos, foi evidenciada a biblioteca como o principal serviço utilizado. Contudo, os professores da Faculdade de Medicina denunciaram muitos obstáculos para realização de pesquisas, estando entre eles os recursos bibliográficos deficientes. Foram citados, ainda, a ausência de infra-estrutura e de apoio financeiro e administrativo, que configuram um status-quo de Terceiro Mundo, onde o esforço pessoal e a dedicação tendem a superar as dificuldades institucionais e levam a alguma melhoria e aprimoramento, mas não ao nível que deveria, tendo em vista todos os problemas implícitos ao subdesenvolvimento.

Não se pode conceber, assim, que, no momento presente, apesar das "tentativas de definir limite e possibilidades da pesquisa, do ensino e da extensão universitária", os pesquisadores não tenham respaldo nas bibliotecas universitárias, de fontes bibliográficas especializadas e de outras publicações de interesse, necessárias aos projetos de pesquisa. Alguns pesquisadores informaram, inclusive, que, por não encontrar essas fontes de interesse, recorrem às bibliotecas do exterior ou assinam os principais periódicos da área ou, ainda, mantêm arquivos de separatas. Deduz-se,

assim, que a utilização dos recursos bibliográficos e das bibliotecas da UFBA poderia ocorrer com um índice mais alto de satisfação se houvesse uma constante atualização do acervo, em função do interesse do estudioso, do professor e do pesquisador.

Evidencia-se, em corroboração ao que se propõe para o professor/pesquisador, a necessidade de uma mudança geral da estrutura universitária, modernizando-a, seja em função de equipamentos úteis à pesquisa de campo, seja ao apoio dado às instituições que reúnem informações básicas, existentes em arquivos e bibliotecas, sem as quais não poderá existir o confronto científico com as experimentações em curso.

Aí estão abordados pontos significativos que poderão reorientar programas a serem elaborados em função do aperfeiçoamento do professor/pesquisador e que poderão aproximar-se do que já é uma praxe em outras partes do mundo. Isto é o que se percebe na afirmação de Bunge²⁰, citado por Christovão, que o sistema de pesquisa em países desenvolvidos é caracterizado por alto grau de coesão e integração, só possibilitado através de um sistema de comunicação dinâmico que assegure o fluxo de informação e sua consequente avaliação em ambos os níveis de informação formal e informal.

O presente relatório aponta, também, uma série de dados sugestivos de que a ausência de estímulos justificaria a pouca utilização dos canais formais ou superformais, para ampliação de suas fontes de estudo e enriquecimento de suas pesquisas, até mesmo quando existentes na própria universidade. Embora se admita a existência de certo desinteresse de parte de alguns pesquisadores para a busca de informação, até pelo desconhecimento das possibilidades de ajuda, em verdade incumbe às instituições, responsáveis pela transferência da informação, não uma postura passiva, mas o estabelecimento de uma ligação ativa e necessária à manutenção do "feedback" do usuário.

Estas reflexões levam a sugerir, ainda, a adoção de medidas futuras, que reflitam alguma mudança na formação do pesquisador e na utilização do acervo da Faculdade de Medicina/UFBA, a saber:

a. geração de programas efetivos para aperfeiçoar o conhecimento da metodologia de pesquisa e a elaboração de projetos, incluindo informações correntes sobre fontes de fomento e formas de encaminhamento para obtenção de recursos;

b. congregação de esforços para manter, senão um acervo, único da Medicina, mas um catálogo ou banco de dados com informações das coleções dos departamentos, dos serviços, das bibliotecas etc., capaz de facilitar a localização de informações, oferecendo controles e meios de comutação, requisitos essenciais para o uso comum por parte dos pesquisadores.

A citada falta de tempo, para dedicação à pesquisa, deveria ser objeto de estudo pelos dirigentes dos órgãos responsáveis por esta área de atividade, na universidade, de modo a averiguar as possibilidades de mudança do quadro, com estímulos diversos. A propósito, cabe lembrar investigações realizadas em instituições de vários estados, inclusive da Bahia, por Simon Schwartzman e Elizabeth Balbachevsky, do Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior da USP (NUPES), divulgada por Rossetti²¹ sob o título "Metade da universidade não publica", onde se afirma que a "(...) profissão acadêmica do País vai mal" e que "(...) cerca da metade dos pesquisadores dá oito horas de aula ou menos por semana". Ademais, deve-se considerar a assertiva de dados tais que evidenciam a necessidade do professor realizar, junto com sua atividade didática, investigações que tendem a realimentá-la, sem a qual o ensino ficaria respaldado nas fontes usuais (livros, periódicos etc.), mas sem o cunho de inovação, sem se projetar e produzir algo correlacionado com os objetivos e conteúdos programáticos, sem, portanto, conduzir à revitalização do ensino.

Referências Bibliográficas

- OLIVEIRA, M.P.; ARAGÃO, E.M. de. Padrões de comunicação científica na Universidade Federal da Bahia. *Ci.Inf.*, Brasília, v.21, n.3, p.201-15, set./dez. 1992.
- BARRETO, A. de H.A. A estrutura da comunicação científica a comunidade de química. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, v.10, n.1, p.73-82, jan./jun. 1982. p.73.
- ZIMAN, J.M. Information communication, knowledge. *Nature*, v.224, n.5217. p. 318-24, Oct. 25, 1969. p. 318.
- CARVALHO, A.P. de A. A pesquisa e o pesquisador, papel da ciência e forma de atuação do cientista. *Administração da atividade científica*. Brasília.: CNPq, 1981. p.25
- MEADOWS, A.J. How the scientists acquires and uses scientific information. In: ———. *Communication in science*. London: Butterworths, 1974, p.93, 125.
- PEREIRA, L.M.N. **Análise da área de informática, baseada nas comunicações apresentadas nos congressos da Sucesu e SBC, no período 1984-1988**. Rio de Janeiro, CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, 1991 (Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação).

- CHRISTOVÃO, H.T. Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 3-36, 1979. p.5.
- GARVEY, W.D. The role of scientific communication in the conduct of research and the creation of scientific knowledge. **Communication: the essence of science**. New York: Pergamon Press, 1979.
- NEGhme, A. Formação do docente e do investigador na América Latina. **Rev. Assoc. Med. Bras.**, v.15, n.12, p.521-24, 1969. p.19.
- BARRETO, C.M.W. **Problemas da realização de pesquisa pelos professores de biblioteconomia**. Brasília, Departamento de Biblioteconomia. (Dissertação de Mestrado em Biblioteconomia e Documentação).
- DOCENTES contra mudanças. **J.CREMEB**, Salvador, v.8, n.37, p.7, jul. 1992.
- MOSTAFA, S.P. A pós-graduação busca o fogo do conhecimento. **Transinformação**, Campinas, SP, v.1, n.1, p.13-25, jan./abr. 1989.
- OLIVEIRA, ARAGÃO. op. cit. 1
- OLIVEIRA, M.P.; CALDEIRA, P. da T. Análise bibliométrica da literatura médica brasileira. **R. Esc.Bibliotecon.** UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.1, p.7-26, mar. 1976.
- TARGINO, M. das G.; CALDEIRA, P.da T. Análise da produção científica em uma instituição de ensino superior; o caso da Universidade Federal do Piauí. **Ci. Inf.**, Brasília, v.17, n.1, p.15-25, jan./jun., 1988.
- CHRISTOVÃO, H.T. Comunicação pessoal, nov. 1992
- CHRITOVÃO, id.
- OLIVEIRA; ARAGÃO, op. cit. 1
- CHRITOVÃO, H.T. **The aging of the literature of biomedical science in developed and underdeveloped countries**. Philadelphia, 1983. p.2 (Tese de doutorado, Drexel Univerity, Philadelphia, Pa., EUA).
- BUNGE, M. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980, apud Christovão, op.cit. p.8.
- ROSSETTI, F. Metade da universidade não publica. **Folha de São Paulo**, 17 mar. 1993, caderno 3, p.

ABSTRACT

OLIVEIRA, M.P.; ARAGÃO, E.M. de. Patterns of scientific communication of the professors/researchers of the Federal University of Bahia/Medical College. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3, p. 85 - 110, janeiro/dezembro/1995.

The scientific communication patterns of UFBA's Medical College professors/researchers are presented through a sample of 41,7% of the universe (271 professors) under three approaches: 1 - sex, age and graduation level; 2 - research activity, its production and communication channels used for improvement and dissemination of the results; 3 - financial sources, obstacles and scientific leaders influence to the research development. The "Congresses and similars" were preferred among the informal and semiformal communication channels the Periodical article" among the formal ones the "Indexes" among the superformal ones. There are some kind of similarity between these data and the ones showed in the published paper "Patterns of Scientific Communication in Federal University of Bahia" in concern with the professors/researchers of the Medical College. The study also shows the library and "online" services utilization and presents some suggestions to development of the researches activities. The scientific communications patterns of UFBA's Medical College professors/researchers are presented

Keywords: Scientific communication patterns; Medical communication channels; Scientific productivity

O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos

Clarinda Rodrigues Lucas

RESUMO

LUCAS, C. R., O olhar leitor do bibliotecário e a leitura de arquivos. *Transinformação* v. 7 n° 1/2/3/, p.111 - 116, janeiro/dezembro/1995

Discute a leitura do bibliotecário enquanto um indexador de arquivos através de teoria da Escola Francesa com enfoque específico para os trabalhos de Pêcheux e Foucault.

Palavras-chave: Leitura do bibliotecário; Leitura de Arquivos; Indexador de arquivos; Organização da Informação; Recuperação da Informação

Esta reflexão volta-se para o fazer do bibliotecário enquanto leitor. O olhar-leitor deste intérprete de arquivos, a compreensão dos seus gestos de leitura, o modo como este leitor trabalha sobre materialidades discursivas, o aparato teórico que sustenta suas leituras e interpretações produzindo o efeito de completude - afinal a Biblioteconomia tem entre suas finalidades a organização da informação, a recuperação do sentido dos textos para os leitores.

No texto "Lire l'archive aujourd'hui", Pêcheux (1982) se refere à:

"la multitude de greffiers, "gratte-papier" et "grouillots", privés ou publics, s'est constituée, à travers l'Age Classique et jusqu'à nos jours, sur ce renoncement à toute prétention à l'"originalité", sur cet effacement de soi dans la pratique silencieuse d'une lecture vouée au service d'une Eglise, d'un Roi, d'un Etat, ou d'une Entreprise".

Pêcheux ressaltava a forma pejorativa como estes "escreventes", "copistas", "burocratas" são vistos. Outro aspecto é a divisão de práticas de leitura distintas - de um lado os "littéraires" (historiadores, filósofos, pessoas de letras) que por tradição dividem a leitura de arquivos com os "escreventes" ...Cada um deles pratica a sua própria leitura e constrói o seu mundo de arquivos.

Ao escrever sobre a divisão do trabalho social da leitura, (Pêcheux,1982), distingue duas categorias de leitura - a literal e a sujeita a interpretação.

Orlandi (1994) aponta para duas consequências desta divisão:

"a. Há os que têm direito à interpretação e os que não têm direito a ela [...] recorte sobre os agentes; b. Há os textos que são instáveis e os que têm

estabilidade de sentidos. Esta divisão é a que separa o "literário" (instável) do científico (estável)".

Arquivo é definido, no sentido amplo, como "champ de documents pertinents et disponibles sur une question" (Pêcheux, 1982). Outra forma de definir arquivo é dada por Maingueneau (1991):

"Son étymon latin, l'archivum, provient de l'archeion grec, lui même dérivé de l'arche de l'archéologie. Lié à l'arché, "source", "principe" et à partir de là "commandement", "pouvoir", l'archeion, c'est le siège de l'autorité (un palais par exemple), un corps de magistrats, mais aussi les archives publiques. La fonction de mémorisation, de trésor textuel qui est celle de l'archive..."

Maingueneau (1991) refere-se aos arquivos como "thesaurus" e busca, em Foucault (1971), o termo "raro":

"Ces archives, par nature, sont des thesaurus, des ensembles finis d'énoncés, "rares" dirait Foucault, La démarche même de l'AD implique de leur recuel, de leur préservation et de leur manipulation contrôlée."

A imagem de Blaise Pascal é usada por Pêcheux (1982) para ilustrar as diferentes maneiras de leitura de arquivo, Pascal é simultaneamente teólogo/filósofo e físico/matemático; ele espelha violentamente a contradição entre a cultura científica e a literária designadas pela tradição escolar-universitária francesa como o "literário" e o "científico", que continuamente se afastam e deliberadamente se ignoram.

Pêcheux propõe a reconstrução histórica dos gestos de leitura inerentes à construção mesma do arquivo, na maneira de se abordar os documentos, de aprendê-los, nas práticas silenciosas de leituras "spontanée" reconstituíveis à partir de seus efeitos na escritura:

"il s'agirait de repérer les évidences pratiques qui organisent ces lectures, plongeant la "lecture littéraire" (en tant que saisie-du-document) dans la "lecture" interprétative qui est déjà une écriture."

Um espaço polêmico das maneiras de ler o arquivo, uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo numa série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto com ela mesma é o que Pêcheux busca reconstruir.

A multidão de escrivães citada por Pêcheux era representada na Idade Média pelos clérigos, e já ocupavam espaços distintos em seus direitos de leitura - alguns podiam ler, falar e escrever (donos de leituras e obras próprias) e todos os outros, meros copiadores, fazendo a transcrição, extração, classificação, indexação, codificação dos textos; e que também não deixavam de ter sua leitura, mas que impunha ao sujeito-leitor que se apagasse atrás de uma instituição à qual pertencia (no caso, a Igreja).

Estes classificadores, indexadores, codificadores de textos são os atuais bibliotecários, profissionais da leitura de livros. É em torno deles que

buscamos nosso ponto de partida, nos seus gestos de leitura, no entremeio de seus enunciados que visamos refletir sobre sua atividade principal - a leitura de arquivos. E aqui também está muito presente a oposição entre o literário e o científico.

Situar as palavras em seus diferentes contextos, entender as idéias de um autor, interpretar um arquivo - visto que a formação discursiva do leitor é específica - como lidar com a diferença entre a formação discursiva do bibliotecário, do leitor e a do próprio arquivo? O olhar bibliotecário tem que dar conta dos diferentes mecanismos que permeiam a relação entre diferentes formações discursivas e não lidar somente com os conteúdos; de certa forma o bibliotecário, através de seus catálogos, de seus descritores, tenta dirigir o olhar leitor, inscrevendo cada texto em uma determinada formação.

Tomamos de Foucault (1971) a atitude de inquietação que ele propõe diante de certos recortes ou grupamentos que já nos são familiares.

Para este trabalho é importante verificar, trabalhar o interior dos textos de Biblioteconomia sobre a leitura, ver como esta atividade se organiza, recorta, distingue o que é pertinente do que não é, delimita e descreve os seus recortes enquanto disciplina.

Maingueneau (1989) observa que enquanto a análise do conteúdo percorre os textos para codificá-los, a análise de discurso exige uma outra forma de leitura - a leitura verdadeira. Pêcheux (Maingueneau, 1989) escreve:

"A análise de discurso não pretende se instituir como especialista da interpretação, dominando "O" sentido dos textos; apenas pretende construir procedimentos que exponham o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito(...) O desafio crucial é o de construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, seja através de uma minúcia qualquer de um discurso sobre o discurso, seja no espaço lógico estabilizado como pretensão universal."

O bibliotecário enquanto analista de documentos, leitor de arquivos, delimita conteúdos, busca palavras-chave, descritores, faz o trabalho de intérprete dos textos que indexa. Pretendemos aqui questionar o corpus teórico, o discurso de Biblioteconomia que trata especificamente da tarefa de indexação, interpretação de textos, da organização de documentos e de sua representação temática.

É crítico para esta reflexão recuperar as condições de produção desta "leitura de arquivos" feita pelos bibliotecários: seu instrumental teórico, os seus sistemas de classificação, suas listas de descritores (Thesaurus).

Foucault (1972) no texto "A ordem do discurso" situa a disciplina como:

"um princípio de controle da produção do discurso. Ela fixa-lhe os limites pelo jogo duma identidade que toma a forma de ritualização perma-

nente das regras ... a disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpo de proposições verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso se constitui em um tipo de sistema anônimo, à disposição de quem quer ou de quem pode dele servir-se, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados àquele que se achou ser seu inventor."

A Biblioteconomia, a Arquivologia, a Ciência da Informação, a Documentação - todos estes nomes são disciplinas que cuidam dos arquivos. Citamos aqui, para ilustrar a idéia de disciplina como vista por Foucault, um rápido histórico das bibliotecas e dos bibliotecários:

"A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto amplo: a própria história do homem. Na medida da produção do registro informativo, o homem engendrou sistemas - tão rudimentares quanto a informação registrada - para não dispersá-la. Era preciso reter a informação sobre algum suporte concreto; conseqüentemente, tornou-se imprescindível a preservação desses suportes - os documentos - bem como a organização deles. Quanto mais documentos produzidos, maior a exigência de controle. A resposta à explosão informativa do século XX foi a utilização do computador para ordenar a informação registrada. Ou seja, quanto mais o homem gera documentos, mais os profissionais especializados no controle da informação buscam instrumentos e técnicas que permitem a cada homem encontrar o dado que procura. (Milanesi, 1983)

As palavras controle, registro, reter, preservação, organização, exigência de controle, ordenar, aparecem com ênfase no parágrafo anterior, e denotam a idéia de biblioteca como uma forma de organização do saber, com a função de sistematizar o acesso à informação, conservando-se neutra diante dos textos que analisa.

O olhar-leitor do bibliotecário é só o de controle, de ordenação, de sistematização? Aí o apagamento do sujeito-leitor notado por Pêcheux. E que leituras faz este bibliotecário? Serão também neutras estas leituras?

Cunha (1990) pesquisou a análise documentária em tese de doutorado, buscando na interseção entre a Linguística, a Lógica e a Documentação os conceitos necessários à melhor fundamentação teórica desta disciplina. Apontou a ideologia no "fazer" do bibliotecário, desfazendo tabus como o "texto neutro" e a "leitura única, absoluta e objetiva do bibliotecário".

Pretendemos usar como fio condutor desta reflexão textos que formam o arcabouço teórico da área de indexação de arquivos, sendo que trabalhos como o acima apontado farão parte do corpus desta pesquisa.

Volto a Foucault (1972) e aos procedimentos que permitem o controle do discurso:

"Não se trata agora de controlar os poderes que suprimem, nem de conjurar os acasos de sua aparição, trata-se de determinar as condições de sua colocação em jogo, de impor aos indivíduos que os pronunciam um certo número de regras e, assim, de não permitir a todo o mundo que tenham acesso à eles. Rarefação, agora, de sujeitos falantes, ninguém entrará na ordem do discurso, se não satisfizer a certas exigências ou se não estiver, desde o início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas fortemente proibidas (diferenciadas e diferenciantes), enquanto outras aparecem quase abertas a todos os ventos e postas sem restrição à disposição de qualquer sujeito falante."

Os bibliotecários, na divisão do trabalho de leitura, preocupam-se com o tratamento dos textos na sua superfície (classificar, indexar), e a cada dia que passa, com os novos métodos de tratamento de textos induzidos pela informática, estão mais e mais distantes da "interpretação" dos arquivos quanto mais de sua escritura ...

O cerne da questão é visto por Pêcheux (1982):

"l'ambigüité du mot d'ordre fondamentale plus que centenaire "apprendre à lire et à écrire", qui vise à la fois la saisie d'un sens univoque inscrit dans les règles scolaires d'une hygiène de la pensée (les fameuses "lois" sémantico-pragmatiques de la communication) et le travail sur la plurivocité du sens comme condition même d'un développement interprétatif de la pensée."

A nova divisão de trabalho, que a informática aponta, coloca aos bibliotecários, uma dentre as categorias de profissionais da leitura de arquivos, uma questão vital: a sua própria sobrevivência como trabalhador intelectual - no atual contexto histórico cada vez alarga-se mais o fosso entre os cientistas e os literatas - e o privilégio de leitura interpretativa dos arquivos via tratamento informático poderá resultar em um novo tipo de "terapêutica da linguagem" (Pêcheux, 1982), que fixaria então o sentido legítimo das palavras, das expressões e dos enunciados e quem sabe - a normalização do pensamento.

É relevante para nós a questão da divisão do trabalho de leitura - da ciência do tratamento dos textos - da reorganização social do trabalho intelectual que está se refletindo diretamente sobre a memória histórica da sociedade atual.

Interessa-nos fundamentalmente a percepção do que seja "aprender a ler e a escrever" (Pêcheux, 1982), visando a explicitação de disciplinas que acreditam na apreensão do sentido unívoco, buscando a plurivocidade do sentido como condição mesmo de um desenvolvimento interpretativo do pensamento.

Buscamos refletir dentro dos conceitos e procedimentos da leitura de arquivos feita por bibliotecários, caracterizando a leitura-escritura do arquivo sob o olhar da análise de discurso, verificando a pluralidade dos gestos de leitura no espaço das bibliotecas.

No entremeio destas leituras pretendemos produzir questionamentos que elucidem para o bibliotecário o seu trabalho de leitor, buscando a confrontação de sua formação em generalidades, que busca uma leitura neutra, e o discurso circular da Biblioteconomia, navegante entre a compreensão do bibliotecário, a interpretação do leitor e as formações discursivas já dicionarizadas nos Thesaurus, onde os sentidos já se encontram estabilizados.

Referências Bibliográficas

- CUNHA, I. M. R. F. Do mito à análise documentária. São Paulo: EDUSP, 1990.
- FOUCAULT, M. L'ordre du discours. Paris: Gallimard, 1972.
- _____. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense, 1971.
- MAINGUENEAU, D. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, Pontes, 1989.
- _____. L'analyse du discours. Paris: Hachette, 1991.
- MILANESI, L. O que é biblioteca. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- ORLANDI, E. P. Dispositivos de interpretação. In: Para ler e pensar. Rio de Janeiro, Proler, 1994.
- PÊCHEUX, M. Lire l'archive aujourd'hui. ARCHIVES ET DOCUMENTS DE SHESL, 2, 1982.

ABSTRACTS

LUCAS, C. R., Reading sighting of librarian and the reading of archives. *Transinformação v. 7 n° 1/2/3*, p.111 - 116, janeiro/dezembro/1995

Reading of librarian as an indexer is analysed through the French School of Pêcheux and Foucault.

Keywords: Librarian reading; Archives reading; Archives indexing; Information retrieval; Organization of information

Planejamento Estratégico de Sistemas de Informação na área de Pesquisa em Instrumentação agro-pecuária*

Janis Aparecida Baldovinotti

RESUMO:

BALDOVINOTTI, J.Ap. Planejamento estratégico de sistemas de informação na área de pesquisa em instrumentação agro-pecuária. *Transinformação*, v. 7 n° 1/2/3, p.117 - 148, janeiro/dezembro/1995.

De acordo com a abordagem metodológica do planejamento estratégico, são analisadas as necessidades de informação para subsidiar as pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa em Instrumentação Agropecuária - CNPDIA, da EMBRAPA, sob dois enfoques: informação para o gerenciamento da pesquisa e informação para o processo da pesquisa. No primeiro enfoque, são identificados os agentes da pesquisa que atuam nos níveis estratégicos, tático e operacional e qual a visão que eles têm do inter-relacionamento da pirâmide organizacional, no que se refere aos Objetivos do CNPDIA, Objetivos da Área de Pesquisa, Fatores Críticos de Sucesso, Problemas e Necessidades de Informação. A partir dos resultados obtidos, são estabelecidas comparações entre o discurso desses agentes e o documento de referência - Plano Diretor da Unidade.

Palavras-Chave: Planejamento Estratégico; Pesquisas em Instrumentação Agropecuária; Sistemas de Informação; Informação para o Gerenciamento da Pesquisa; Informação para a Pesquisa; Informação na área de Instrumentação

Introdução

O planejamento estratégico das organizações tem por finalidade detectar oportunidades e ameaças no ambiente externo e surgiu da necessidade de uma organização interagir e lidar com os fatores ambientais dinâmicos, com o propósito de auxiliar os administradores a formularem alternativas e ações viáveis, bem como analisarem suas conseqüências no futuro. No entanto, dessa afirmação decorrem duas questões básicas: O que é planejamento estratégico? O que o diferencia de outros tipos de planejamento?

* Extraído da Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de mestrado em Biblioteconomia da PUCCAMP, sob orientação da Profª Drª Cecília Carmem Cunha Pontes.

Para responder a essas questões, vários autores têm procurado comparar o planejamento estratégico com o planejamento tradicional para, através do entendimento das diferenças, captarem a essência e características do planejamento estratégico. Porém, o planejamento possui a característica de interdisciplinariedade devido ao nível de abrangência que alcança, e agrega a contribuição de muitas áreas do conhecimento, além de possuir uma literatura abundante sobre o tema. Não obstante, observa-se que há uma clara relação entre o planejamento e a tomada de decisões.

Na concepção de SOICALSCHI et al (1985, p.41), "planejar é decidir antecipadamente o que fazer, de que maneira fazer e quem deve fazer. Significa escolher entre as diversas alternativas que devem estar disponíveis, as que melhor satisfaçam todas as condições para antecipar um objetivo".

Segundo BIO (1987, p.39), o sentido do ato de planejar implica em voltar os olhos para o futuro, ou seja, trata-se de definir hoje que resultados devem ser alcançados no futuro e de que forma. Para o autor, a essência desse ato é a tomada de decisões, onde "(...) planejar corresponde a desenvolver alternativas e escolher uma entre as alternativas identificadas, à luz das premissas que as envolvam, tendo em vista a consecução de um determinado objetivo futuro".

FURLAN (1991, p.5) esclarece que "o planejamento é um atividade gerencial que integra o processo de administração das empresas".

Mas a atividade de planejamento, concebida do ponto de vista tradicional, segundo CASTRO (1988, p. 34), "tende a assumir um ponto de vista estática da missão da organização, que freqüentemente não explicita nem muito menos questiona. (...) O ambiente é tomado como um dado sobre o qual se farão previsões e não como algo sobre que a organização se disponha atuar, e que no fundo pode determinar a sobrevivência ou não da organização".

Por outro lado, MEYER JUNIOR (1988, p. 57) observa que "um dos aspectos marcantes do planejamento estratégico é a análise da natureza desenvolvida, onde a ênfase está numa visão prospectiva, procurando conhecer o futuro provável de amanhã, ao invés de, simplesmente, conceber o amanhã como uma repetição do hoje e do ontem, o que caracteriza a análise retrospectiva do planejamento tradicional".

A definição estratégico, para DEGEN (1979, p.72), compreende a "abordagem sistemática da tomada de decisões estratégicas pelas empresas"

O'KEEFE (1979, p.91) entende o planejamento estratégico como sendo "o planejamento e o engajamento em ações que pretendam auxiliar a

organização em sua tarefa de se adaptar ao ambiente em contínua mudança".

SOCALSCHI et al (1985, p. 43) consideram que o "planejamento estratégico e estratégias são conceitos empregados para definir o que a empresa pretende ser no futuro e não, como ela pretende chegar a esse ponto".

De acordo com VASCONCELOS FILHO (1987, p. 10), "o planejamento estratégico é uma metodologia de pensamento participativo, utilizada para definir a direção que a empresa deve seguir, através da descoberta de objetivos válidos e não objetivos. O produto da utilização desta metodologia é um documento escrito chamado Plano Estratégico".

A concepção de planejamento estratégico supracitada contribuiu para que o autor mencionado apresentasse uma metodologia de formulação e implantação do processo de planejamento estratégico. Para formular sua abordagem metodológica, sustentou-se numa breve revisão da literatura e partiu do princípio de que não haviam publicações específicas de como formular o planejamento estratégico.

Nessa perspectiva, a metodologia proposta por VASCONCELLOS FILHO (1978) considera como principais etapas do planejamento estratégico as seguintes: seminário de conscientização sobre o planejamento estratégico; definição do âmbito do(s) negócio(s) da empresa; análise ambiental para questionamento estratégico; formulação de políticas e estratégias gerais e específicas; definição da filosofia da empresa, baseada nas políticas gerais e específicas no âmbito do(s) negócio(s) da empresa; formulação de objetivos específicos e planos de ação; formulação de objetivos gerais e planos de ação; preparação de quadros de resultados; finalização do plano estratégico e distribuição do plano estratégico. A seguir, apresentam-se algumas considerações críticas que o autor fez aos trabalhos que analisou.

Em 1966, Russel L. Ackoff publicou um artigo abordando os seguintes tópicos: o que é planejamento estratégico, que deveria conter o plano estratégico e modelos de planejamento. Contudo, segundo as considerações críticas, Ackoff não apresentou uma metodologia de formulação.

No mesmo período, Marvin Bower enfatizou que o planejamento estratégico é, principalmente, relacionado ao ajustamento da organização com o seu ambiente, resolvendo problemas básicos, contornando as limitações sobre as vantagens herdadas ou desenvolvidas e aproveitando as principais oportunidades. No entanto, o autor apresentou uma abordagem superficial, que não considera etapas de fundamental importância, tais como:

definição do negócio da empresa; definição da filosofia da empresa; definição das políticas da empresa e realização de uma análise ambiental.

Posteriormente, em 1971, Ewing Reilley afirmou que "cada vez mais o sucesso duradouro das empresas na adaptação às mudanças ambientais e a rentabilidade e o crescimento dessas empresas dependem de um cuidadoso planejamento estratégico. O planejamento estratégico, o qual integra todos os aspectos da empresa é baseado em uma análise dos ambientes interno, externo e futuro, irá representar um papel de crescente importância diante dos desafios e problemas de nossa dinâmica economia". Nesse sentido, apesar da importância dada por Reilly ao planejamento estratégico, VASCONCELLOS FILHO (1978) considera que ele não apresentou uma sugestão concreta de como formulá-lo.

Em 1975, Richard F. Vancil e Peter Lorange sugeriram uma metodologia de formulação de planejamento estratégico, aplicável somente a companhias diversificadas, compostas de várias divisões. Os autores assumem que o processo de planejamento estratégico já está aceito e implantado na empresa, e com isso deixam de abordar etapas iniciais conscientizadoras, das quais depende o sucesso do planejamento estratégico.

José Fernando C. Bouchinhas, em 1976, apresentou as vantagens do planejamento estratégico e propôs algumas etapas que devem ser seguidas para a sua formulação. Entretanto, do ponto de vista conceitual, o autor se refere ao planejamento estratégico como planejamento de longo prazo das empresas, o que contradiz a maioria dos trabalhos existentes, como por exemplo os de Bower, que explicam detalhadamente que planejamento estratégico e planejamento de longo prazo não são sinônimos.

Em outro trabalho, publicado em 1976, Peter Lorange e Richard F. Vancil criam a expectativa de apresentar uma metodologia para formulação de um sistema de planejamento estratégico. Mas, além de não inserir a metodologia proposta, alguns pontos importantes não foram considerados, o que de maneira alguma invalida o excelente artigo.

Em outra abordagem sobre planejamento estratégico, MARCOVITCH & RADOSEVICH (1985) expõem uma visão sobre tema oposta à de VASCONCELLOS FILHO (1978). Nesse enfoque, os autores assinalam que alguns estudiosos se preocuparam em observar como o planejamento era feito, em vez de "prescreverem" como ele deveria ser feito. Desses estudiosos, destacam-se dois trabalhos: o primeiro, de Ross Clayton (1971); o segundo, de Michael McCashey (1974).

O trabalho de Ross Clayton descreve duas abordagens opostas de planejamento: (1) planejamento analítico, onde a responsabilidade pelo

planejamento é centralizada num nível superior da organização, a partir do qual as metas e diretrizes são definidas de cima para baixo e (2) abordagem "laissez-faire", onde o planejamento não é, necessariamente, um processo racional. Nesta abordagem, a responsabilidade é difusa, as metas e diretrizes são estabelecidas de baixo para cima.

Quanto ao trabalho de Michael McCashey, também apresenta duas abordagens merecedoras de destaque: (1) planejamento com metas específicas e mensuráveis, caracterizando-se por ambientes onde os membros exigem tarefas bem definidas e onde a taxa de mudança do ambiente externo é reduzida e (2) planejamento direcional, onde não existe uma preocupação em definir metas quantificáveis, mas sim determinar direções para o crescimento da organização.

FELICIANO NETO (1988) também aborda o planejamento estratégico do ponto de vista metodológico. Nesse aspecto, o autor observa que existem várias abordagens metodológicas de planejamento estratégico empresarial, e dentre as que considera mais importantes cinco se destacam, quais sejam: (1) o planejamento ocorre em nível de um setor específico da empresa; (2) considera-se o horizonte temporal do planejamento, quais sejam, os objetivos a serem alcançados a curto, médio e longo prazos; (3) planejamento em nível corporativo, onde se consideram todas as empresas do grupo, subsidiárias, filiais, chegando-se até ao nível de produto; (4) consideram-se as características mutuamente exclusivas do planejamento, que podem ser representadas pela complexidade/simplicidade, confidencial/público, formal/informal e caro/econômico e (5) o planejamento ocorre em nível bem macro, optando-se pela definição de seus objetivos, estabelecendo-se posteriormente a seqüência e o detalhamento a serem seguidos. Basicamente, definem-se a missão e os objetivos da empresa, estratégias, políticas, programas e orçamentos.

No entanto, as abordagens mencionadas não devem ser aplicadas isoladamente, bem como não possuem demarcações bem-definidas, mas permitem que se visualizem a amplitude e a abrangência do planejamento que se deseja adotar, podendo-se optar por uma abordagem mista que mais se adapte ao perfil da empresa (FELICIANO NETO, 1988).

Mais, recentemente, na tentativa de formatar os conceitos sobre planejamento estratégico empresarial dispersos na literatura, MORAIS (1992, n.p.) apresenta a seguinte definição: "é um processo que objetiva estabelecer de forma integrada o rumo e a direção a serem seguidos pelas empresas, de forma a incluir nesse estabelecimento maior grau possível de interação com o ambiente".

Complementando, o autor ressalta: "quando se fala em planejamento estratégico, basicamente se fala em direção; portanto, o planejamento estratégico se dá através da indagação de três questões básicas: Onde estamos? Para onde iremos? Como iremos?"

Mas, o grande desafio do planejamento estratégico é como tornar o processo eficaz, de forma a se constituir no estabelecimento de um sistema integrado de informações conectado à alta administração da empresa, que além de captar as variações ambientais que provocam impacto em seus resultados, leve em conta as seguintes características: estilo da alta administração, "timing" da organização, cultura da organização, canais de comunicação, diferenças de percepção, valores intraprojetados e processos de negociação (MORAIS, 1992, n.p):

Nesse contexto, percebe-se uma clara relação entre planejamento estratégico e sistema de informação, reforçando a concepção de tratar informação interna e externa de forma integrada, conforme a atual tendência de atuação na proposta da Gerência de Recursos Informacionais.

De acordo com o exposto, reconhece-se a necessidade da elaboração do planejamento estratégico de sistemas de informação que apóie o planejamento estratégico empresarial.

O planejamento estratégico de sistemas de informação, segundo FURLAN (1991, p.6), é considerado "como parte integrante do planejamento estratégico empresarial (formal ou informal) com enfoque gerencial para desenvolver planos de sistemas e bancos de dados, definir projetos e estabelecer prioridades de forma contínua".

FURLAN (1991, p.8) esclarece que "o escopo de estudo do planejamento estratégico de sistema de informação pode ser toda uma organização, uma empresa, uma divisão, ou mesmo uma seção": para ele, o importante é que seja elaborado de forma compreensiva, contemplando-se os aspectos relacionados ao negócio e adotando-se a aplicação de tecnologias informáticas.

Portanto, considerando que, para efeito deste trabalho, o embasamento das necessidades de informação se sustenta na metodologia do planejamento estratégico, para visualizar a amplitude do negócio da instituição em estudo, a seguir contextualiza-se a importância estratégica da área de Instrumentação.

A Informação na área de instrumentação

Um panorama da situação encontrada no setor informacional da área de Instrumentação se encontra anexado ao relatório do PADCT, Subprograma de Instrumentação (PROGRAMA..., 1984), o qual foi baseado em um estudo conduzido com dados disponíveis no IBICT e dados que foram especialmente levantados junto a 25 unidades de informação e 32 usuários. A seguir, são destacados alguns pontos relevantes da referida pesquisa, através dos quais se pode obter uma imagem da área.

As unidades de informação foram identificadas por membros do Grupo Técnico de Instrumentação e agrupadas em duas categorias: bibliotecas especializadas (com atuação principal na área de Instrumentação) e bibliotecas gerais (que também atendem outras áreas).

Essas bibliotecas identificadas como unidades de informação estavam todas, praticamente, vinculadas a estruturas universitárias, e embora não fossem especializadas exclusivamente em Instrumentação, considerou-se que poderiam atender aos usuários dessa área.

No que se refere à autonomia financeira, 73% das unidades de informação declararam ser unidade orçamentária dentro de suas instituições e quanto à distribuição por localização, constatou-se que cerca de 48% das bibliotecas se encontravam na Região Sudeste, 24% na Região Nordeste, 10% na Região Sul e 8% nas Regiões Centro-Oeste e Norte.

Quanto aos usuários pesquisados, consistiam em membros do Grupo Técnico de Instrumentação (exceto os representantes das agências financiadoras) e demais professores, pesquisadores e profissionais da área, os quais indicaram que 28% das unidades de informação identificadas se referiam a suas próprias instituições.

No que diz respeito ao aspecto de acesso às informações, cerca de 15% dos usuários da área opinaram ser mais difícil o acesso às informações geradas no país, 23% consideraram mais difícil o acesso às informações geradas no exterior e 53% consideraram de difícil acesso tanto as informações geradas no país quanto as geradas no exterior. Todavia, para acesso ao documento primário 69% dos usuários informaram que recorrem primeiramente ao bibliotecário da instituição, mas 47% também recorrem aos colegas.

A referida pesquisa também observou que os serviços de busca retrospectiva e disseminação seletiva da informação contavam com algumas bases de dados de origem estrangeira operando no país, havendo possibilidade de as unidades de informação assinantes dessas bases atenderem a área de Instrumentação.

Além disso, constatou-se a precariedade das coleções de periódicos e monografias, sendo inexistente um parâmetro para orientar a aquisição desses materiais. As coleções se encontravam dispersas, incompletas e desatualizadas, bem como havia pouca correspondência entre o que estava disponível e o que o usuário da área solicitava; mas, por outro lado, a grande participação no Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas (CCN) parecia favorecer o intercâmbio e a prestação de serviços de comutação.

A pesquisa apontou a participação de várias unidades de informação em programas de registros bibliográficos, elaboração de bibliografias e como alimentadora de bases de dados nacionais, como condição favorável ao controle bibliográfico específico da área. Contudo, as poucas experiências de automação observadas nas unidades de informação demonstraram claramente o atraso tecnológico com que convivemos.

Nesse panorama, a disposição das unidades para participação cooperativa só era aproveitada no CCN e no COMUT e esse fato mostrou a necessidade da estruturação de uma rede de informação para prestação de serviços e divulgação de produtos em nível nacional; entretanto, o setor de informação especializada para servir a área de Instrumentação não se encontrava bem caracterizado e, conseqüentemente, bem organizado para a prestação de serviços.

Assim, o estudo deixou bem claro que havia necessidade de se instalarem mecanismos de coordenação que orientassem as ações a serem implementadas, bem como o aproveitamento mais racional de recursos, principalmente os já alocados, e aqueles provenientes do PADCT.

Dessa forma, constatou-se que era imprescindível a identificação de instituições especializadas, habilitadas a coordenar as ações para o desenvolvimento da informação e a definição de atividades especializadas que se integrassem aos diversos sistemas e serviços já existentes. Entretanto, para coordenar essas ações necessitavam-se de recursos humanos habilitados no gerenciamento de serviços e sistemas de informação. Nesse aspecto, a pesquisa ressaltou a importância de capacitação na área, a fim de que os conhecimentos técnicos mais avançados pudessem ser aplicados.

O plano estratégico do projeto de Instrumentação apresentado nas versões anteriores do PADCT visava a constituição de um Sistema de Informação em Instrumentação, estabelecendo um relação entre as unidade de prestação de serviços, através de uma base de dados composta de dados de diferentes tipos. No entanto, com as modificações do PADCT e de seus projetos, surgiu a necessidade de adequação do projeto específico de informação para a Instrumentalização, frente à nova realidade.

Mediante essas constatações, que reforçam a importância da área de Instrumentação, observa-se que embora considerada estratégica, ainda hoje não se encontra bem caracterizada quanto ao seu aspecto informacional,

motivo pelo qual, a partir do estudo de caso do Centro Nacional e Pesquisa e Desenvolvimento de Instrumentação Agropecuária (CNPEDIA), esta pesquisa deverá culminar no equacionamento de algumas questões quanto à viabilidade e finalidade de um sistema de informação que apóie o gerenciamento e o desenvolvimento da pesquisa na área de Instrumentação Agropecuária. Nesse sentido, pretendeu-se caminhar na busca de respostas para o seguinte questionamento proposto, de forma a identificar:

1 - Quem são os agentes da pesquisa no CNPEDIA, tendo em vista a análise dos aspectos estratégicos, tático, e operacional, através da comparação do discurso dos pesquisadores, levantado nas entrevistas, com o Plano Diretor da Unidade (PDU)?

2 - Qual é a visão dos agentes da pesquisa no inter-relacionamento da matriz organizacional, quanto aos objetivos, fatores críticos de sucesso, problemas e necessidades de informação que afetam o gerenciamento da pesquisa no CNPEDIA?

As respostas obtidas nesses questionamentos contribuirão para fundamentar um diagnóstico dos aspectos pertinentes às necessidades de informação, que apóiem o gerenciamento e o processo da pesquisa no CNPEDIA.

Procedimentos

Os sujeitos

Para se obter um diagnóstico das necessidades de informação, tomou-se como base o método de planejamento estratégico, considerando os três níveis de uma organização: estratégico, tático e operacional, caracterizando o ambiente interno.

De acordo com o método de planejamento estratégico, os dados foram coletados através da técnica Top Down, onde os objetivos básicos são fixados pela alta administração, partindo das visões e premissas do nível estratégico, incorporando e inter-relacionando o nível tático para, finalmente, estabelecer os objetivos e parâmetros do nível operacional, que devem estar coerentes e compatíveis com os anteriores.

Para ilustrar o esquema conceitual, a Fig. 1 caracteriza o interrelacionamento dos objetivos básicos do planejamento estratégico de sistemas de informação.

Figura 1 - Inter-relacionamento dos objetivos no planejamento estratégico de sistemas de informação



FONTE: Adaptada de FELICIANO NETO, A. et al (1988, p.28); FURLAN (1991), p.42).

A partir desse esquema conceitual, iniciou-se uma seqüência de entrevistas para os três níveis de uma organização: estratégico, tático e operacional, com o apoio de três modelos de roteiro, de forma a compatibilizar as informações fornecidas pelos entrevistados (como mostra o Anexo I).

Considerando que a organização em estudo está voltada para a pesquisa, de acordo com BORGES-ANDRADE et al (1989, p. 118), "nas instituições de pesquisa geralmente existem dois subsistemas: o de projetos ou fim e o de apoio ou meio. (...) No subsistema de projetos faz-se a administração da pesquisa, enquanto que no de apoio é feita a administração para a pesquisa". A abordagem que se faz neste trabalho se restringe ao primeiro subsistema, ou seja, focaliza a área de pesquisa.

BORGES-ANDRADE (1989) enfatiza que, na EMBRAPA, os indivíduos responsáveis pela administração da pesquisa se encontram em três níveis hierárquicos: no escalão mais elevado estão os chefes de unidades de pesquisa; no nível intermediário se encontram os chefes adjuntos e os

coordenadores de Programas Nacionais de Pesquisa - PNPs; finalmente, no nível básico estão incluídos os responsáveis por projetos de pesquisa, por equipes de pesquisadores, e por laboratórios ou campos experimentais.

Como o âmbito desta pesquisa é o CNPDIA, e esta ainda é uma unidade pequena, que não possui coordenação de PNP¹, as categorias aqui adotadas obedeceram à seguinte ordem: o chefe da unidade se encontra no nível estratégico, que corresponde ao escalão mais alto de BORGES-ANDRADE; os pesquisadores responsáveis pela coordenação de linhas de pesquisa, incluindo o chefe adjunto² atuam no nível tático, representando o escalão intermediário; os demais pesquisadores se encontram no nível operacional, correspondendo ao nível básico. Com este procedimento, a seleção de sujeitos teve um caráter de escolha aleatória e coube ao nível estratégico indicar quais pesquisadores atuam no nível tático, considerando-se que os mesmos deveriam ter como pré-requisito a coordenação de linhas de pesquisa.

Dessa forma, chegou-se ao número de cinco (5) pesquisadores atuando no nível tático. A partir da identificação dos sujeitos que compõem a categoria definida como nível tático, o passo seguinte foi identificar os pesquisadores que caracterizam o nível operacional, chegando-se a um total de doze (12).

Instrumentos

Como instrumento para a coleta de dados desta pesquisa, optou-se pela entrevista, considerando, de acordo com FURLAN (1991, p. 30), que "a entrevista é um instrumento importante na elaboração do Planejamento Estratégico de Sistemas de informação porque proporciona condições para determinação dos Objetivos, Metas, Fatores Críticos de Sucesso, Problemas, Necessidade de Informação etc".

As entrevistas, como já descrito anteriormente, foram acompanhadas de um roteiro elaborado para cada categoria de sujeitos: nível estratégico, nível tático e nível operacional - os atores desse processo.

Quanto à sua organização, os roteiros foram elaborados de forma a contemplar dois enfoques: necessidades de informação gerencial da pesquisa e necessidades de informação técnico-científica para o processo da pesquisa. Nesse sentido, na elaboração do roteiro do nível estratégico, contemplou-se o primeiro enfoque, enquanto que nos roteiros para os níveis tático e operacional os dois enfoques foram contemplados tendo em vista que são essas categorias que implementam o processo da pesquisa.

1 A figura do PNP foi extinta recentemente.

2 À época da coleta de dados, ocorrida no período de janeiro a maio de 1992, a unidade ainda possuía a estrutura de núcleo.

O enfoque gerencial da pesquisa foi elaborado com questões abertas, objetivando propiciar referências cruzadas para o inter-relacionamento dos níveis estratégicos, tático e operacional no levantamento dos Objetivos, Fatores Críticos de Sucesso, Problemas e Necessidades de Informação.

No que se refere às necessidades de informação técnico-científica para o processo da pesquisa, considerou-se que elas estão inseridas no contexto da evolução da informação científica e tecnológica (CARVALHO, 1985), a partir da qual se inicia uma corrente bibliográfica com a concepção do conhecimento resultante da pesquisa e desenvolvimento (P&D). Nessa direção, elaborou-se o roteiro de entrevistas, com questões estruturadas abordando o referido aspecto.

Categorização dos dados no enfoque gerencial da pesquisa

A partir da análise das abordagens obtidas nas entrevistas com os pesquisadores que atuam nos níveis estratégicos, tático e operacional, procedeu-se ao levantamento dos Objetivos da Unidade de Pesquisa, Objetivos da Área Funcional e Objetivos da Linha de Coordenação.

Entende-se por Objetivos da Unidade de pesquisa aqueles objetivos que deverão ser sustentáculo e apresentar total compatibilidade com a Missão estabelecida. Os dados da Unidade de Pesquisa em questão se referem aos Objetivos do CNPDIA, levantados na entrevista dirigida ao nível estratégico.

Missão e objetivos do CNPDIA

A missão da organização, segundo FURLAN (1991, p.33), "é uma declaração única que representa a sua identidade estabelecendo o seu propósito mais amplo".

FREITAS FILHO (1989, p. 10) define missão como sendo "a razão da existência da instituição dentro de seu campo de atuação; (...) o importante é que a empresa saiba e divulgue a razão de sua existência".

OLIVEIRA (1985, p.96), dando sustentação às opiniões supracitadas, considera que "a Missão é a razão de ser de uma empresa; (...) procura determinar o negócio da empresa, por que ela existe, ou ainda em que tipos de atividades a empresa vai concentrar-se".

O conceito de missão para uma instituição é entendido como "a finalidade mais ampla ou o objetivo maior que engloba a contribuição social da organização, a partir das expectativas da sociedade. Deve ser de conhecimento amplo, tanto interna como externamente" (EMBRAPA, 1991, p.16).

Para alcançar sua missão, a empresa/instituição se apoia nos objetivos como sustentáculo à sua realização, definidos por FREITAS FILHO (1989, p. 10) como "resultados essenciais a serem alcançados pela instituição para o cumprimento de sua Missão". Conforme esclarece o autor, "através da definição dos Objetivos, a instituição assegura o desejado grau de unidade de ação ao seu corpo administrativo, bem como podem ser hierarquizados segundo vários campos de ação da instituição, como por exemplo os objetivos da pesquisa, os objetivos financeiros etc".

Segundo os conceitos supracitados, considerou-se a missão como o princípio norteador que rege a instituição, a qual foi tomada neste trabalho como referencial para o inter-relacionamento da pirâmide organizacional.

Portanto, partindo-se da premissa que, para atingir sua missão institucional, o CNPDIA se apoia nos seus objetivos, pretende-se, pela análise dos dados deste item, verificar como se processa a relação discurso dos sujeitos versus missão do CNPDIA.

A base para essa comparação se fundamenta no Plano Diretor da Unidade (EMBRAPA, 1993, p.23-28), onde se estabelecem a missão e os objetivos do CNPDIA.

O Plano Diretor da Unidade é o documento básico que irá nortear as ações da unidade nos próximos 5-10 anos e sumariza o produto da fase de concepção do planejamento estratégico que a EMBRAPA vem conduzindo para sua reorganização institucional.

De acordo com o referido documento, a missão do CNPDIA é:

"Gerar e promover instrumentação para o desenvolvimento sustentado do complexo agropecuário, agroindustrial e agroflorestal".

Em decorrência de sua missão, compete ao CNPDIA desenvolver novas metodologias, sistemas e elementos para medir, controlar, avaliar, processar, transferir e armazenar dados físicos, químicos e biológicos essenciais para o desenvolvimento sustentado do complexo agropecuário, agroindustrial e agroflorestal; organizar, sistematizar e difundir conhecimentos acumulados em instrumentação agropecuária e assessorar as unidades da EMBRAPA na área de instrumentação agropecuária.

Os objetivos e diretrizes que sustentam a missão estão divididos em três categorias, quais sejam: (1) Objetivos e diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento; (2) Objetivos e diretrizes organizacionais e institucionais e (3) Objetivos e diretrizes de apoio técnico-administrativo.

Os Objetivos e diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento têm por finalidade pesquisar e promover novas metodologias

e tecnologias para o desenvolvimento sustentado do complexo agropecuário, agroindustrial e agroflorestal; projetar e construir sensores, equipamentos e sistemas para o desenvolvimento sustentado do complexo agropecuário, agroindustrial e agroflorestal; prestar assessoria técnica para as unidades da EMBRAPA e SNPA, nas áreas de competência desta unidade; coordenar e executar as atividades de manutenção de equipamentos laboratoriais das unidades da EMBRAPA; planejar o Sistema EMBRAPA de Manutenção e assessorar a Empresa na sua implantação; preservar a integração dos projetos de pesquisa e desenvolvimento, através da interdisciplinaridade e interinstitucionalidade; promover a formação e o aperfeiçoamento dos pesquisadores, visando capacitá-los a cumprir plenamente a missão da unidade e treinar recursos humanos em Instrumentação Agropecuária.

Os objetivos e diretrizes organizacionais e institucionais visam adotar os princípios de gestão pela Qualidade Total; dotar a unidade dos recursos materiais e organizacionais necessários ao cumprimento da sua missão; promover a interação com instituições dos setores público e privado, através de parcerias de interesse mútuo, consonantes com os itens 1 a 4; construir e/ou modificar a infra-estrutura física, adequando-a às necessidades da atividade de instrumentação; adequar o organograma da unidade às necessidades das atividades de instrumentação, de integração interdisciplinar e interinstitucional, visando atender as demandas da EMBRAPA, do SNPA e demais segmentos do setor produtivo.

Finalmente, os Objetivos e Diretrizes de apoio técnico e administrativo consistem em fomentar a divulgação e o repasse de conhecimentos e tecnologias geradas; assegurar que os resultados gerados por esta unidade serão repassadas sob forma de tecnologias, produto, equipamento, banco de dados e informações, conforme as demandas dos clientes, usuários e beneficiários; promover a formação e o aperfeiçoamento dos Recursos Humanos técnicos, administrativos e gerenciais.

Para confrontar os objetivos do documento versus discursos dos pesquisadores, como primeiro passo se procedeu à análise dos objetivos do CNPDIA, abordados no nível estratégico.

Esse procedimento possibilitou constatar que no discurso do nível estratégico (1 entrevistado) foram consideradas três categorias de objetivos, a saber: Inovação Tecnológica, Manutenção de Equipamentos e Formação de Recursos Humanos.

Comparando as categorias de objetivos do CNPDIA identificadas nesta pesquisa com aqueles apresentados no documento do Plano Diretor

do CNPDIA (EMBRAPA, 1993, p.23-28), observou-se que estão em consonância com o documento de referência e se inserem nos Objetivos e diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento, mas o discurso não é abrangente e se limita a uma percepção interna da organização.

Quando se restringe o enfoque da pesquisa à identificação dos Objetivos da Área de Pesquisa e Desenvolvimento, as observações obtidas para os níveis estratégico, tático e operacional podem ser comparadas na Tab. 1, que apresenta um resumo das categorias abordadas pelos entrevistados.

Tabela 1 - Objetivos da área de Pesquisa e Desenvolvimento

CATEGORIAS	NÍVEIS		
	Estratégico	Tático	Operacional
Inovação Tecnológica	100.0	100.0	91.7
Adaptação de Tecnologia	0.0	60.0	75.0
Formação de Recursos Humanos	100.0	40.0	50.0
Transferência de Tecnologia	0.0	40.0	33.3
Manutenção de Equipamentos	100.0	0.0	50.0
Assessoria Técnica	0.0	20.0	0.0

Obs.: Totais em porcentagem

No que se refere aos objetivos da Área e Pesquisa e Desenvolvimento, a análise dos dados mostra que o nível estratégico manteve as mesmas categorias abordadas no item objetivos do CNPDIA, conforme descrito anteriormente, ou sejam Inovação Tecnológica, Formação de Recursos Humanos e Manutenção de Equipamentos.

Para as observações obtidas na abordagem do nível tático (5 entrevistados) referentes a este item, destacam-se cinco categorias de objetivos, quais sejam: Inovação Tecnológica (com 100.0% das abordagens), Adaptação de Tecnologia (com 60.0%), Formação de Recursos Humanos (40.0%), Transferência de Tecnologia (40.0%) e Assessoria Técnica (20.0% das abordagens).

Com relação ao nível operacional (12 entrevistados), as observações obtidas possibilitam constatar que foram indicadas cinco categorias de objetivos, a saber: Inovação Tecnológica (abordada por 91.7%), Adaptação de Tecnologia (75.0%), Formação de Recursos Humanos (50.0%), Manutenção de Equipamentos (50.0%) e Transferência de Tecnologia (com 33.3%).

Em que pesem as comparações observadas na Tab. 1, sem dúvida a categoria Inovação Tecnológica foi a mais abordada pela grande maioria dos pesquisadores dos níveis estratégico (100.0%), tático (100.0%) e operacional (91.7%). Esse resultado possibilita inferir que, na categoria Inovação Tecnológica, o discurso dos pesquisadores está totalmente inserido no contexto do Plano Diretor da Unidade, bem como pode ser considerado como um reforço aos objetivos citados no documento de referência.

Quanto à categoria Adaptação de Tecnologia, verifica-se que para o item objetivos, foi a segunda categoria mais abordada pelos pesquisadores do nível tático (60.0%), ocorrendo o mesmo no discurso do nível operacional (75.0%). Não obstante, no documento de referência, que trata dos objetivos do CNPDIA traçados no Plano Diretor da Unidade, esta categoria foi identificada como tecnologia apropriada. Outro ponto a destacar é que o nível estratégico não mencionou esta categoria.

Também pode ser observado que, a categoria Formação de Recursos Humanos foi abordada pelos níveis estratégico (100.0%), tático (40.0%) e operacional (50.0%), estando inserida nos Objetivos e diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento e estabelecida no Plano Diretor da Unidade.

Com relação à categoria Transferência de Tecnologia, constata-se que esta foi indicada como objetivo pelos níveis tático (40.0%) e operacional (33.3%). quando comparada com o documento oficial, verifica-se que se insere nos Objetivos e diretrizes de apoio técnico e administrativo. O nível estratégico não abordou esta categoria.

Quanto à categoria Manutenção de Equipamentos, observa-se que foi abordada pelos níveis estratégico (100.0%) e operacional (50.0%). Ao se comparar o discurso dos pesquisadores com o Plano Diretor da Unidade, verifica-se que está inserida no contexto dos Objetivos e Diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento. O nível tático não mencionou esta categoria.

No que se refere à categoria Assessoria Técnica, pelas observações se constata que foi indicada por apenas um pesquisador do nível tático (20.0%), bem como se verifica que esta categoria está inserida nos Objetivos e diretrizes técnico-programáticos e de avanços do conhecimento, citados no documento de referência.

À luz das observações obtidas, ao comparar as categorias identificadas nesta pesquisa com o documento de referência, percebeu-se a tendência consensual no discurso dos pesquisadores de abordar o item

Objetivos da Área de Pesquisa e Desenvolvimento, concentrando-se na valorização das seguintes: Inovação Tecnológica e Adaptação de Tecnologia.

Também é possível notar uma tendência de razoável valorização da categoria Formação de Recursos Humanos. Porém, na categoria Transferência de Tecnologia, o discurso sinaliza uma tendência de pouca valorização, revelando que há mais percepção do ambiente interno.

A categoria Manutenção de Equipamentos parece estar mais relacionada com o nível operacional; por outro lado, a categoria Assessoria Técnica, não obstante o baixo Índice de abordagem, indica uma tendência de estar relacionada ao nível tático.

Mas, considerando que os objetivos se traduzem em atividades, na Área de Pesquisas e Desenvolvimento do CNPDIA, particularmente, se destacam as seguintes ações: Técnicas de tomografia, Técnicas de processamento digital de imagens, Técnicas de simulação computacional, incluindo modelo sistêmico, Técnicas de espectroscopia, Técnicas de mecatrônica, Tecnologia de projetos com circuitos microprocessados, Tecnologia de projetos de aquisição remota de dados de campo, Tecnologia de construção de sensores específicos, Tecnologia de projetos de instrumento de mecânica fina e Manutenção de equipamentos de laboratório em Instrumentação Agropecuária.

Em síntese, retomando o contexto do PADCT, infere-se que há coerência no discurso dos pesquisadores quanto à valorização, em primeiro plano, da categoria Inovação Tecnológica. Esse resultado reflete a própria necessidade de fortalecimento e amadurecimento para o avanço do conhecimento em áreas de tecnologia de ponta, como a Instrumentação que, historicamente, sempre demonstrou fragilidade, apesar de sua reconhecida importância estratégica.

Outra observação interessante é que a categoria Adaptação de Tecnologia foi a segunda mais abordada no discurso dos pesquisadores dos níveis tático e operacional. Esse fato talvez possa estar relacionado com o próprio aprendizado tecnológico e a formação de uma "massa crítica". Reforçando essa idéia, RUZZA (1990, p.1) enfatiza que "o pesquisador científico, ou cientista, é um complexo de saber e pensamento, e nenhum indivíduo poderá atingir o grau de cientista, se não tiver desenvolvido com empenho sua capacidade de pensar, e não tiver acumulado uma quantidade razoável de conhecimentos para alimentar seu pensamento, isto é, seu cérebro".

Certamente, a formação dessa "massa crítica" para atuar na área de Instrumentação Agropecuária, como elemento transformador e impulsionador da produção científica e tecnológica, passa pela necessidade de pessoal técnico especializado e isso pode explicar a valorização obtida na categoria Formação de Recursos Humanos. É oportuno lembrar que há falta de recursos humanos especializados para a área de Instrumentação, e isso se agrava quando se trata da aplicação ao "negócio agrícola"³, pois não há cursos regulares para essa formação nas universidades brasileiras.

Fatores críticos de sucesso

Os fatores críticos de sucesso são aqueles considerados essenciais para alcançar os objetivos e, geralmente, referem-se a: modernizar (racionalizar, elaborar, melhorar, obter algo), evitar (reduzir ou contrair algo) e assegurar (dispor algo).

Segundo FURLAN (1991, p.36), "são aquelas poucas coisas que devem ir corretamente, mesmo em detrimento de outras que não estejam a contento, para se alcançar os objetivos nos horizontes Estratégicos, Tático e Operacional proposto e garantir o sucesso". Conforme esclarece o Autor, "um Fator Crítico de Sucesso, via de regra, está relacionado com um processo de tomada de decisões".

ANSOFF, citado por FURLAN (1991, p.36) relaciona três categorias de decisões, a saber: (1) Decisões estratégicas: relacionam-se com problemas externos à empresa, tais como meio organizacional, concorrência quadro político e situação econômica, entrada de novos concorrentes, surgimento de produtos substitutos, ação governamental, regulamentações etc.; (2) Decisões administrativas (táticas): são decisões que se preocupam com a estruturação dos recursos da empresa, de modo a criar possibilidades de Execução com os melhores resultados e (3) Decisões operacionais: essas decisões visam maximizar a eficiência do processo de conversão dos recursos da empresa, de forma a maximizar a rentabilidade das operações correntes.

Portanto, entende-se que os fatores críticos de sucesso representam aqueles fatores fundamentais que a empresa deve manter ou atingir para vencer um desafio que viabilize alcançar os objetivos propostos, como também aqueles que precisam ser vigiados para que não representem ameaças ao processo de tomada de decisões.

3 "No setor agrícola o conceito de "negócio agrícola" substitui a antiga definição de agropecuária. A qualidade do produto para atender as diferentes demandas do mercado" (EMBRAPA, 1992)

As observações consideradas como fatores críticos de sucesso abordadas neste trabalho estão sintetizadas na Tab. 2, conforme segue.

Tabela 2 - Fatores Críticos de Sucesso

CATEGORIAS	NÍVEIS		
	Estratégico	Tático	Operacional
Capacitação Gerencial	100.0	100.0	41.7
Capacitação Técnica	100.0	80.0	91.7
Relacionamentos com o Meio Externo	0.0	0.0	66.7
Infra-estrutura Física e Laboratorial	0.0	40.0	25.0
Infra-estrutura de Serviços de Informação	0.0	20.0	50.0
Capacitação p/ Transferência dos Resultados de Pesquisa	0.0	20.0	8.3

Obs. Totais em porcentagem

De acordo com os dados obtidos no item fatores críticos de sucesso, verifica-se na Tab. 2 que o nível estratégico abordou duas categorias: Capacitação Gerencial e Capacitação Técnica.

Com relação aos pesquisadores do nível tático, a pesquisa mostra que tais observações se referem a: Capacitação Gerencial (100.0%), Capacitação Técnica (80.0%), Infra-Estrutura Física e Laboratorial (40.0%), Infra-Estrutura de Serviços de Informação (20.0%) e Capacitação para Transferência de Tecnologia (20.0%).

No discurso do nível operacional, verifica-se que foram indicadas as seguintes categorias: Capacitação Gerencial (41.7%), Infra-Estrutura Física e Laboratorial (25.0%), Infra-Estrutura de Serviços de Informação (50.0%) e Capacitação para Transferência de Tecnologia (8.3%).

Com relação à categoria Capacitação Gerencial, observa-se que o discurso do nível estratégico enfatiza dois pontos, que considera essenciais: o primeiro consiste em assegurar a capacitação gerencial; quanto ao segundo ponto, trata-se de evitar entraves burocráticos.

Na concepção do nível tático (100.0%) para a categoria Capacitação Gerencial, observa-se que os fatores críticos de sucesso estão voltados mais diretamente ao gerenciamento da pesquisa e, por esse motivo, os pesquisadores afirmam que é fundamental: obter recursos para a pesquisa, provenientes de fontes estatais e privadas; assegurar a capacidade da empresa

em manter recursos materiais e administrativos para a pesquisa; assegurar ambiente de trabalho, salários e reconhecimentos que estimulem o crescimento e a permanência da equipe e modernizar a estrutura gerencial da pesquisa.

Com a incorporação das observações obtidas no nível operacional (41,7%) para a categoria Capacitação Gerencial, quando comparadas com o nível tático, verifica-se que não apresentam diferenças. Portanto, os mesmos fatores críticos de sucesso estão presentes nas duas categorias.

Na categoria Capacitação Técnica, as observações ocorridas no discurso do nível estratégico enfatizam três pontos considerados como fatores críticos de sucesso e, portanto, fundamentais, quais sejam: dispor de experiência em pesquisa e desenvolvimento, assegurar a capacidade de orientação em pesquisa e desenvolvimento, assegurar o intercâmbio em nível nacional e internacional. Com a incorporação das observações ocorridas no nível tático, constatou-se que os fatores críticos de sucesso referentes à categoria Capacitação Técnica são: assegurar a formação e o aperfeiçoamento dos recursos humanos; melhorar a integração da equipe, assegurar o enfoque multidisciplinar da pesquisa para atacar temas relevantes e desafiadores; evitar problemas de pesquisa desconexos, ditados por regras do oportunismo momentâneo e dispor de pessoal técnico competente e criativo.

Quanto ao discurso do nível operacional, para esta categoria observam-se os mesmos fatores críticos de sucesso indicados pelo nível tático, incluindo mais dois, a saber: necessidade de dispor do Know-how (conhecimento de como fazer) da área e de técnicas avançadas para a pesquisa.

A categoria Relacionamento com o Meio Externo foi abordada somente pelo nível operacional (66.7%), apresentando os seguintes Fatores Críticos de Sucesso: assegurar o relacionamento com as demais unidades da EMBRAPA, instituições de pesquisa relacionadas com a área, agroindústria, fornecedores etc.; identificar necessidades e demandas de mercado e assegurar o aproveitamento da localização geográfica da unidade.

Quanto à categoria Infra-Estrutura Física e Laboratorial, o nível tático (40.0%) considera como fator crítico de sucesso: melhorar a infra-estrutura física da unidade, sendo para isso fundamental construir um prédio novo para atender às necessidades de expansão da unidade. Incorporando-se as observações do nível operacional, verifica-se que além daquele fator crítico de sucesso apresentado pelo nível tático, também foram mencionados: assegurar suporte laboratorial avançado (como por exemplo, laboratório de processamento de imagens, "software" avançados etc) e evitar a falta de insumos eletrônico e mecânico.

Para a categoria Infra-Estrutura de Serviço de Informação, verifica-se que o nível tático (20,0%) indicou como fatores críticos de sucesso: assegurar infra-estrutura adequada ao serviço de informação; modernizar a atual infra-estrutura do serviço de informação e dispor de tecnologias avançadas para agilizar o acesso às informações. Nessa mesma categoria, os dados da pesquisa indicam que o nível operacional não apresentou diferenças em relação às observações apresentadas pelo nível tático, considerando-se, portanto, que para os dois níveis de atuação dos pesquisadores correspondem os mesmos fatores críticos.

Finalmente, na categoria Capacitação para Transferência dos Resultados de Pesquisa verifica-se que tanto o nível tático (20,00%), quanto o nível operacional (8,3%), indicou dois fatores críticos de sucesso, quais sejam: assegurar a transferência dos resultados de pesquisa para o mercado e dispor de um programa de Difusão de Tecnologia eficiente e eficaz.

Segundo os dados obtidos nesta pesquisa, infere-se que os fatores críticos de sucesso mais abordados pelos pesquisadores são aqueles considerados fundamentais para viabilizar a consecução dos objetivos e se referem, basicamente, a duas categorias: Capacitação Gerencial e Capacitação Técnica. Na verdade, esses fatores críticos de sucesso representam desafios a serem vencidos e, por esse motivo, é importante que sejam constantemente observados, a fim de que não sejam comprometidos por problemas. Mas, certamente, não se exclui a necessidade de monitorar as demais categorias porque, neste momento, o desafio está justamente no ambiente externo.

Também é fundamental investir na capacitação dos recursos humanos para a pesquisa, pois grande parte do sucesso dos objetivos depende do conhecimento técnico-científico e da experiência na área, que se caracteriza pela multidisciplinaridade. Portanto, esse desafio pressupõe uma estratégia que permita fornecer uma gama de produtos e serviços com uma vantagem em termos de conhecimentos, serviço e adaptação às necessidades demandadas pelo mercado.

Outro aspecto que se destaca é a necessidade de modernização da estrutura gerencial da pesquisa, aliada ao enfoque multidisciplinar, com vistas a fomentar a inovação tecnológica envolvendo principalmente as áreas de: Agroclimatologia, Agroindustrialização, Automação Agropecuária, Biotecnologia e Melhoramento Genético, Ciência do Solo, Colheita e Pós-Colheita, Instrumentação Agropecuária, Manutenção de Equipamentos de Laboratório, Meio Ambiente, Recursos Naturais e Sistema de Produção Animal; a necessidade de se identificarem outras fontes de captação de recursos financeiros para a pesquisa, além daqueles oriundos do orçamento institucional e oportunidade para promover o intercâmbio nacional e internacional.

Problemas

Entende-se como problemas "aqueles fatos do mundo real que estão dificultando os fatores críticos de sucesso. Pertencem à classe das incertezas, complicações, complexidade não necessária ou dificuldades para a empresa" (FURLAN, 1991, p.38-39), e geralmente se referem à falta (carência) ou indefinições.

As categorias de problemas abordados pelos sujeitos dos níveis estratégico, tático e operacional estão representados na Tab.3, a seguir.

Tabela 3 - Problemas

CATEGORIAS	NÍVEIS		
	Estratégico	Tático	Operacional
Dificuldade de Administração	100.0	60.0	83.3
Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica	100.0	40.0	100.0
Deficiência de Infra-Estrutura Física e Laboratorial	100.0	0.0	33.3
Insuficiente Intercâmbio com o Meio Externo	0.0	40.0	8.3
Insuficiência de Serviços de Informação	0.0	20.0	25.0
Insuficiente Capacitação de Transferência de Tecnologia	0.0	0.0	16.7

Obs. Totais em porcentagem

Pela análise dos dados deste item, observa-se que o nível estratégico mencionou três categorias de problemas, quais sejam: Dificuldade de Administração, Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica e Deficiência de Infra-estrutura Técnica e Laboratorial.

Nas observações do nível tático, os problemas abordados se inserem nas seguintes categorias: Dificuldade de Administração (60,0%); Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica (40,0%); Insuficiente Intercâmbio com o Meio Externo (40,0%) e Insuficiência de Serviços de Informação (20,0%).

O nível operacional arrolou problemas integrantes das seguintes categorias: Dificuldade de Administração (83,3%); Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica (100,0%); Deficiência de Infra-estrutura Física e Laboratorial (33,3%), Insuficiente Intercâmbio com o Meio Externo (8,3%); Insuficiência de Serviços de Informação (25,0%) e Insuficiente Capacitação de Transferência de Tecnologia(16,7%).

Na categoria de problemas, classificada como dificuldade de Administração, o nível estratégico mencionou a falta de recursos financeiros e os entraves burocráticos pertinentes a organizações governamentais. Já no nível tático, os problemas arrolados partiram de um ponto de vista bem macro, em nível de ambiente externo, até chegar ao ambiente interno. Nesse sentido, foram considerados problemas da seguinte ordem: indefinição da política econômica do país; falta de investimentos governamentais em ciência e tecnologia (c&t); falta de recursos financeiros para a pesquisa e intercâmbios; recessão econômica; falta de clareza na atribuição de tarefas aos funcionários; falta de um critério adequado para avaliação funcional e estrutura gerencial centralizadora. Quanto ao nível operacional, observa-se que os problemas relativos a esta categoria seguem a mesma postura apresentada pelo nível tático, não apresentando diferenças merecedoras de destaque, sendo, portanto, considerados os mesmos tipos de problemas mencionados pelo nível tático.

Com relação à categoria Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica, o nível estratégico indicou problemas que se referem à falta de infraestrutura operacional.

No entanto, os problemas arrolados pelo nível tático parecem estar mais relacionados ao gerenciamento da pesquisa e são da seguinte natureza: falta de ênfase na interação de pesquisadores de áreas diferentes; trabalhos de grupos isolados; falta de uma política estimulante da empresa para atrair e manter quadro de pessoal técnico e indefinição nos papéis ocupacionais, com tendência a transformar o quadro de pesquisadores em prestadores de serviços.

Com a incorporação do discurso do nível operacional, constata-se que alguns problemas são iguais aos apresentados pelo nível tático, como por exemplo, falta de relacionamento de áreas multidisciplinares e falta de uma política salarial mais atrativa para manter e/ou satisfazer o quadro de pessoal. Mas, outros problemas abordados somente pelo nível operacional complementam as observações do nível tático. Tais problemas se referem à falta de investimento em recursos humanos com treinamento, cursos, viagens exploratórias etc. Porém, observa-se que a diferença marcante entre os problemas relacionados pelo nível operacional, em comparação com o nível tático, referem-se àqueles ocasionados pela dispersão de energia em atividades não-relacionadas à pesquisa. É o caso do afastamento prolongado do pesquisador de suas atividades de pesquisa, para atender a demanda de manutenção de equipamentos. Pelo depoimento dos pesquisadores deste

nível de atuação, fica bem claro que esse tipo de problema se constitui num fator gerador de conflitos tanto de ordem técnica, quanto de ordem pessoal.

A categoria Deficiência de Infra-Estrutura Física e Laboratorial, segundo o discurso do nível estratégico, está relacionada com a dificuldade de se instalar adequadamente os laboratórios essenciais para a pesquisa, devido à falta de espaço físico, como também se refere à insuficiência de recursos financeiros para investimento nos equipamentos laboratoriais. Os problemas arrolados pelo nível operacional (33,3%) são os mesmos mencionados pelo nível estratégico. Cabe destacar, também, que o nível tático não abordou esta categoria.

No que se refere à categoria Insuficiente Intercâmbio com o Meio Externo, o nível tático (40,0%) considerou a falta de assimilação das metodologias e processos de maior eficiência e eficácia; falta de uma política consciente, com vistas ao futuro e voltada para o desenvolvimento de C&T no país; falta de uma política de prioridades e atraso cultural do país. Nessa categoria, o nível operacional (8,3%) abordou o problema da falta de contato com agricultores e criadores. Observa-se, também, que o nível estratégico não mencionou problemas pertinentes a esta categoria.

Para a categoria Insuficiência de Serviços de Informação, o nível tático (20,0%) identificou como problema a falta de interligação dos serviços de informação existentes no Sistema EMBRAPA. Confirmando esse tipo de problema, o nível operacional (25,0%) mencionou, também, o serviço de recuperação lento e insuficiente; ineficiência do gerenciamento e dos métodos de difusão da informação e a dificuldade de acesso às informações.

Quanto à categoria Insuficiente Capacitação de Transferência de Tecnologia, somente o nível operacional arrolou problemas desta natureza, quais sejam: falta de estímulo para absorver as tecnologias geradas, decorrente de uma tradição cultural do país, e falta de publicações técnicas geradas pela unidade.

Ressalte-se que as categorias mais abordadas pelos entrevistados compreendem: Dificuldade de Administração e Dificuldade para Atingir Capacitação Técnica. Não obstante, percebe-se a existência de um encaqueamento com as categorias mais abordadas nos fatores críticos de sucesso, sinalizando pontos a serem vigiados.

Assim, verifica-se que grande parte dos entraves para o eficaz gerenciamento da pesquisa é proveniente da falta de recursos financeiros e da burocracia peculiar de organizações governamentais. Em decorrência desses fatores, desencadeiam-se problemas relativos às infra-estruturas

física e laboratorial, impedindo novos investimentos e dificultando a modernização.

Mas, por outro lado, também se constata a necessidade de superarem problemas decorrentes da falta de interação com áreas multidisciplinares, as quais não se encontram bem sintonizadas em alguns setores de seu ecossistema, e que podem ser justificados pela atuação pioneira do CNPDIA na área de Instrumentação Agropecuária.

Todavia, problemas oriundos da dispersão de energia em atividades desenvolvidas pelo nível operacional não-relacionadas com a pesquisa - é o caso da manutenção de equipamentos, que mobiliza pesquisadores por vários meses seguidos - representam indicadores de conflitos tanto de ordem técnica, quanto pessoal.

Outro aspecto registrado como ponto de desgaste se refere à política salarial praticada pela Empresa, que não constitui um atrativo para incentivar o quadro de recursos humanos da área, mesmo levando-se em conta aspectos como: evasão praticamente inexistente entre os agentes e a alta produção.

Fatores como os mencionados se revelam como indicadores possíveis de desencadear um processo de desmotivação. Naturalmente, precisam ser administrados de tal forma que não comprometam o gerenciamento da pesquisa e a tomada de decisões.

Necessidades de Informação

O item necessidades de informação se refere ao suporte informacional de apoio para que os fatores críticos de sucesso sejam atendidos a contento.

Em geral, é a partir das informações recebidas que os administradores têm melhores condições de verificar se cada fator crítico de sucesso está sendo atendido ou diagnosticar o não-atendimento (FURLAN, 1991).

As necessidades de informação geralmente estão relacionadas com informações condensadas, sob a forma de relatórios e boletins, mapas e planilhas ou mesmo informações de qualquer natureza que tenham um caráter estratégico para a tomada de decisão.

A representação gráfica das observações abordadas pelos pesquisadores com relação a este item estão sintetizadas na Tab. 4, onde se apresenta um resumo das categorias de necessidades de informação identificadas nos níveis estratégico, tático e operacional.

Tabela 4 - Necessidades de Informação

CATEGORIAS	NÍVEIS		
	Estratégico	Tático	Operacional
Informação para Capacitação Gerencial	100.0	80.0	50.0
Informação para Capacitação Técnica	100.0	40.0	91.7
Informação para Relacionamento com o meio Externo	0.0	60.0	25.0
Informação s/ Disponibilidade de Serviços/Produtos de Biblioteca	0.0	40.0	41.7

Obs.: Totais em porcentagem

No discurso do nível estratégico, as necessidades de informação mencionadas abordam as categorias informação para Capacitação Gerencial e Informação para Capacitação técnica.

O nível tático indicou como necessidade de informação quatro categorias, a saber: Informação para Capacitação Gerencial (80,0%); Informação para Capacitação Técnica (94,0%); Informação para Relacionamento com o Meio Externo (60,0%) e Informação sobre Disponibilidade de Serviços/Produtos de Biblioteca (40,0%).

Quanto ao nível operacional, verifica-se que as abordagens são referentes às mesmas categorias observadas no nível tático, quais sejam: Informação para Capacitação Gerencial (50,0%); Informação para Capacitação Técnica (91,7%); Informação para Relacionamento com o Meio Externo (25,0%), e Informação sobre a Disponibilidade de Serviços/Produtos de Biblioteca (41,7%).

Na categoria Informação para Capacitação Gerencial, observa-se que o discurso do nível estratégico abordou as necessidades de informação que tratam da questão sobre as fontes de captação de recursos para pesquisa e desenvolvimento. O nível tático também mencionou nesta categoria a necessidade de informação que trata de aspectos sobre as fontes financiadoras de recursos para pesquisa e desenvolvimento; além disso, enfatizou as necessidades de informação pertinentes às políticas e diretrizes da empresa (EMBRAPA e CNPDIA). No discurso do nível operacional, observam-se as mesmas considerações apresentadas pelos níveis estratégico e tático.

Para a categoria Informação para Capacitação Técnica, constata-se no discurso do nível estratégico as seguintes necessidades: informação de

pesquisa e desenvolvimento em Instrumentação Agropecuária; informação sobre pesquisadores que atuam na área e informação sobre os "problemas-gargalo". Incorporando-se as observações do nível tático, verifica-se que as necessidades de informação pertinentes a esta categoria se constituem em informação sobre oportunidades de pesquisas; informação sobre dados científico-tecnológicos; informação sobre pesquisadores que atuam na área; informação para qualificação dos recursos humanos (cursos, treinamentos, eventos etc, principalmente em física, computação, eletrônica, instrumentação). Quanto ao nível operacional, as necessidades de informação abordadas nesta categoria se referem à informação sobre instituições que trabalham com técnicas avançadas como, por exemplo, processamento de imagens e informação sobre convênios com instituições de pesquisa nas áreas de interesse.

No que diz respeito à categoria Informação para Relacionamento com o Meio Externo, os dados da pesquisa mostram que, para o nível tático, referem-se a informações que possibilitem o conhecimento das disponibilidades técnico-científicas alocadas próximas ao CNPDIA; informações sobre dados sócio-econômicos dos usuários da pesquisa gerada e informações sobre problemas e tendências do complexo agroindustrial, em nível nacional e internacional. No discurso do nível operacional, as necessidades de informação abordadas nesta categoria são as seguintes: informação sobre as prioridades da política em ciência e tecnologia; informação sobre os tomadores sobre a importância econômica e social dos projetos de pesquisa e informação sobre fabricantes e fornecedores de insumos eletrônicos. Ressalte-se que o nível estratégico não abordou esta categoria.

Com relação à categoria Informação sobre Disponibilidade de Serviços/Produtos de Biblioteca, as observações do nível tático se referem a dois tipos de necessidades, quais sejam: informação sobre serviços de revisão bibliográfica e informação sobre bases de dados bibliográficos disponíveis na área. O nível operacional também mencionou as mesmas necessidades de informação enfocadas pelo nível tático. O resultado obtido sugere que nessa categoria há uma tendência equilibrada de valorização entre os níveis tático (40,0%) e operacional (41,7%), mas o mesmo não ocorre com o nível estratégico.

Na verdade, os dados da pesquisa mostram que as informações que se referem à categoria Capacitação Gerencial se inserem no contexto de informação estratégica porque dão apoio à melhor inserção da instituição no mercado, bem como delas também pode depender sua sobrevivência.

De acordo com os dados obtidos, é possível constatar que o orçamento institucional, por si só, não assegura o desenvolvimento da pesquisa, sendo, portanto, necessário buscar parcerias com o ambiente externo, considerando o enfoque dado pelos pesquisadores no que diz respeito à obtenção de recursos para financiar a pesquisa.

Outro aspecto que se evidencia neste trabalho, segundo as observações dos entrevistados dos níveis tático e operacional, refere-se à categoria Informação para Capacitação Gerencial, no que concerne ao fluxo de comunicação institucional como forma de subsidiar a tomada de decisão.

Notadamente, as informações pertinentes à qualificação do pesquisador, bem como as informações sobre os destaques de pesquisa que contribuem para o avanço científico e tecnológico da área, conforme observadas na categoria Capacitação Técnica, podem ser classificadas como de natureza estratégica.

No que se refere ao aspecto da infra-estrutura informacional, este trabalho mostra que os pesquisadores entrevistados apresentam uma preocupação relacionada com a recuperação da informação técnico-científica gerada na área. Naturalmente, essa preocupação pode estar revelando a conscientização de que o acesso às informações técnico-científicas é fundamental para o planejamento e gerenciamento da pesquisa, porém existem dificuldades para obtê-las. Tais dificuldades precisam ser administradas, tanto na melhoria da infra-estrutura de serviço de informação, como no aspecto da geração e difusão de informações.

No tocante às necessidades de informação que subsidiam a tomada de decisão no gerenciamento da pesquisa, os resultados mostram a mesma tendência de valorização das categorias, onde se destacam as seguintes: Informação para Capacitação Técnica e Informação para Capacitação Gerencial (ver Tab. 3).

O gerenciamento da pesquisa pressupõe a necessidade de informação técnico-científica que apóie o processo da pesquisa. Portanto, é imprescindível investir em mecanismos que facilitem o acesso à informação, particularmente na identificação das fontes e de outras unidades de informação para cooperação mútua.

Assim, confirma-se que a informação, seja ela bibliográfica ou não, constitui-se no elo que une o gerenciamento ao processo da pesquisa. É fundamental na geração de conhecimentos e produtos da atividade de pesquisa, traduzidos em tecnologias, saber ou novas informações.

Referências Bibliográficas

- BIO, S.R. **Sistemas de Informação**: um enfoque gerencial. São Paulo: Atlas, 1985.
- BORGES-ANDRADE, J.E.; LIMA, S.M.V.; SOARES, R.C.V.; PAULA, S.M.A. Treinamento de gerentes de pesquisas: necessidades e impacto. **Cadernos de Difusão de Tecnologia**, v.6, n.1, p.117-139, jan./abr. 1989.
- CARVALHO, M.R. **Contribuição ao estudo da comunidade científica e tecnológica no Brasil**. São Paulo: USP-ECA, 1985. Tese de Mestrado.
- CASTRO, L.M. Planejamento estratégico. In: FINGER, A.P. **Universidade: organização, planejamento, gestão**. Florianópolis: UFSC. Curso de Pós-graduação em Administração; OEA. Depto. de Assuntos Educativos, 1988. p.33-52.
- DEGEN, R.J. As vantagens do planejamento estratégico. **Negócios em Exame**, n.177, 1979.
- EMBRAPA. Centro Nacional de Instrumentação Agropecuária. **Plano diretor do Centro Nacional de Instrumentação Agropecuária - CeNIA.8**. São Carlos, 1993.
- EMBRAPA. Núcleo de Pesquisas e Desenvolvimento em Instrumentação Agropecuária. **Plano Diretor da Unidade**. São Carlos, 1991.
- FELICIANO NETO, A.; FURLAN, J.D.; HIGA, W.W. **Engenharia da informação: metodologia, técnicas e ferramentas**. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.
- FREITAS FILHO, M.A. **Planejamento estratégico: conceitos e metodologia para sua formulação**. Brasília: EMBRAPA-DPL, 1989. (EMBRAPA-DPL. Documentos, 6).
- FURLAN, J.D. **Como elaborar e implementar o planejamento estratégico de sistema de informação**. São Paulo: MacGraw-Hill, 1991.
- MARCOVITCH, J.; RADOSEVICH, R. Planejamento estratégico nas organizações estruturadas por projetos. **Revista de Administração**, v.13, n.2, p.24-39, 1978.
- MEYER JUNIOR, V. Considerações sobre o planejamento estratégico na universidade. In: FINGER, A.P. **Universidade: organização, planejamento, gestão**. Florianópolis: UFSC. Curso de Pós-

- Graduação em Administração; IEA, Depto. Assuntos Educativos, 1988. p.53-69.
- MORAIS, R.M. MÓDULO: Planejamento estratégico e gestão. In: CURSO "DO PLANEJAMENTO À GESTÃO ESTRATÉGICA DE SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO", 30 de nov, 01 e 02 de dez. 1992, Belo Horizonte, MG. **Apostila...** Belo Horizonte: Documentar, 1992.
- O'KEEFE, W.M. Duas abordagens do planejamento a longo prazo. **Revista de Administração**, v.14, p.76-96, 1979.
- OLIVEIRA, D.P.R. **planejamento estratégico: conceitos, metodologia, práticas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1985.
- PROGRAMA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - PADCT. **Documento básico**. Brasília: CNP, 1984.
- RUZZA, R.C.P. **Produção científica dos pesquisadores da EMBRAPA no Estado de São Paulo: um estudo para subsidiar a geração de listas básicas de periódicos na área de agricultura**. Campinas: PUC-CAMP, 1990. (Tese de Mestrado).
- SOCALSCHI, B. ET. AL. **Iniciação à administração: preceitos básicos**. São Paulo: Papelivros, 1985.
- VASCONCELLOS FILHO, P. Afinal, o que é planejamento estratégico? **Revista de Administração de Empresa**, v.18, p.1-14, 1978.

ABSTRACT:

Baldovinotti, J. Ap. Strategic planning of information systems in the field of Instrumentation. **Transinformação**, v. 7 nº 1/2/3, p. 117 - 148, janeiro/dezembro/1995.

Using the strategic planning methodological approach, the needs of information are analysed to subsidize the researches of the Centro Nacional de Pesquisa em Instrumentação Agropecuária - CNPDIA, EMBRAPA, under two ways: information to research management and information for research process. On the first one, the research agents who works at strategic, tatic and operational levels are identified and what are their point of view about the organizational piramid, respect the Objectives of CNPDIA, Objectives of the Research Area, Critical Factors of Success, Problems and Needs Information. From the obtained results, comparisons are made between the talk of these agents and the document of reference - Plano Diretor da Unidade.

Keyword: Strategic planning; Information needs at CNPDIA; EMBRAPA; Agriculture instrumentation

ANEXOS

Roteiro para entrevista: nível tático

Apresentação

Instituição:

Nome do entrevistado:

Área:

Cargo:

Função:

1. Quais são os objetivos de sua Área Funcional?
2. Quais são os objetivos de sua Linha de Coordenação? Relacione-os com os objetivos de sua Área Funcional descritos no item 1.

	1.1.	1.2	1.3	1.4	1.5
2.1					
2.2					
2.3					
2.4					
2.5					

3. Quais são os Fatores Críticos de Sucesso necessários para atingir os objetivos de sua Linha de Coordenação? Relacione-os com os objetivos de sua Área Funcional descritos no item 2.

	2.1.	2.2	2.3	2.4	2.5
3.1					
3.2					
3.3					
3.4					
3.5					

4. Quais são os Problemas que representam ameaças aos Fatores Críticos de Sucesso para atingir os objetivos de sua Linha de Coordenação? Relacione-os com os Fatores Críticos de Sucesso descritos no item 2.

	2.1.	2.2	2.3	2.4	2.5
4.1					
4.2					
4.3					
4.4					
4.5					

RESENHAS

Trabalhar com informação hoje

FURLAN, José Davi (1994) *Reengenharia da Informação: do mito à realidade*. S. Paulo: Makron Books, xiv + 132p.

Reengenharia tornou-se, em pouco tempo, um termo da moda, designando área e processo de ação, aplicado em vários segmentos do saber, do fazer, do poder e até mesmo do crer de vários profissionais. Assim, nesta direção fala-se, entre outros temas, em reengenharia: da educação, dos sistemas de saúde, do estado, hospitalar, da vida doméstica, de grupos humanos (saúde, torcida esportiva etc.) e até mesmo em reengenharia aplicada às artes. Neste contexto, considerando a relevância que a informação passou a ter no século atual e que, ao que tudo indica, deve crescer no século XXI, não é de estranhar que também fosse alcançada pela tendência atual de reengenharia.

O livro aqui resenhado enfoca justamente a questão da **Reengenharia da Informação**, tendo, portanto, como foco principal um assunto com o qual devem se familiarizar todos os profissionais que trabalham com a informação quer como geradores, quer como administradores, quer ainda como consumidores. Mas, certamente, são os administradores ou gerenciadores da informação que mais precisam apropriar-se deste saber para poder melhor cumprir seu papel no mundo da informação e melhor atender aos usuários da mesma.

A obra aqui enfocada foi redigida por pessoa com mestrado em Administração de Empresa, consultor executivo, com experiência na área industrial, governamental e bancária no Brasil e no exterior, com facilidade de exposição e organização clara de suas proposições.

É um texto didático, introdutório, bem ilustrado com esquemas, figuras e gráficos. Apresenta claramente conceitos, procedimentos e estratégias, mas não vai além do nível descritivo. Assim, o leitor que busca um aprofundar da discussão sobre reengenharia da informação pode ficar decepcionado, pois apenas superficialmente o autor vai **do mito à realidade** sem qualquer análise mais profunda dos múltiplos aspectos envolvidos, tais como: as

barreiras sociais, a dependência cultural, o envolvimento pessoal, a relação custo-benefício, a ideologia ou a filosofia subjacentes. Entretanto, especialmente por seu aspecto didático é recomendável em cursos em que a matéria vá ser apresentada a alunos iniciantes no tema. Portanto, trata-se de texto de grande utilidade para alunos de graduação em Biblioteconomia, Administração, Informática, ou para qualquer pessoa que esteja em fase inicial de estudo sobre o tema.

Na apresentação o Autor arrola 10 perguntas e propõe que sejam respondidas pelo seu leitor potencial e caso responda a alguma com **sim**, recomenda que dê prosseguimento na leitura e deseja "boa leitura" ao mesmo.

A obra está organizada de modo a compor oito capítulos breves e um anexo onde apresenta um exemplo de Reestruturação de Programa.

O primeiro capítulo é uma sucinta introdução à matéria, enfocando o impacto da informação nos dias atuais, as práticas atualmente em uso nos sistemas e a velocidade de mudança nos dias de hoje.

O segundo capítulo descreve o ambiente da informação de hoje, onde convivem "o melhor e o pior dos tempos" (p.5). No primeiro caso, pelas múltiplas opções de tecnologia, custos decrescentes, aumento de usuários esclarecidos e pelas oportunidades viáveis de produtividade. No segundo caso, pelas mudanças rápidas e contínuas; excesso de credibilidade do pessoal de sistemas; compreensão limitada dos executivos, complexidade crescente da tecnologia.

O capítulo 3 apresenta o novo paradigma tecnológico procurando atender à rápida mudança do mundo. Lembra que em tecnologia da informação o potencial só está limitado pela criatividade, inovação e imaginação dos que atuam no setor. Descreve o meio organizacional de ontem e o de hoje, o primeiro apoiado em sistemas mecânicos e, o segundo, em sistemas orgânicos. Tudo isto pedindo à reengenharia da informação para sobrevivência e desenvolvimento enfocando suas áreas de atuação: reestruturação, engenharia reversa, reutilização, migração e redesenvolvimento. Aponta, desta forma, o imperativo da reengenharia para as melhoria dos programas de informação.

A taxonomia de área é tratada a seguir, propondo como conceito-síntese para reengenharia: "Conjunto de técnicas e ferramentas orientadas à avaliação, reposicionando e transformação de sistemas de informação existentes, com o objetivo de estender-lhes à vida útil e, ao mesmo tempo, proporcionar-lhes uma melhor qualidade técnica e funcional" (p.27) Lembra

que reengenharia de informação é um esforço de equipe e que implica em 20% de esforço em ações corretivas, 25% em manutenção adaptativa ou revisão das necessidades e 55% em manutenção aprimorativa, ou seja, na ampliação de funções ou melhoria de desempenho. Isto requer que os profissionais responsáveis dediquem 50% de seu tempo na compreensão do problema; 25% na implementação da mudança e 25% na verificação da mudança. Contrasta o custo/benefício da engenharia com a reengenharia, sendo os dados favoráveis à segunda. Trata a seguir das várias áreas e seus conceitos.

O capítulo seguinte enfoca a metodologia para Reengenharia da Informação, a qual compreende três fases, cada uma implicando em uma série de atividades. São elas: análise e inventário; reposicionamento e transformação. Há uma descrição de todas as atividades para cada fase, com exemplos claros. Finaliza enfocando as decisões tradicionais envolvendo os sistemas de informação as quais levam a: desenvolver novos sistemas; comprar pacotes aplicativos ou apenas manter o que já existe. Lembra que, em oposição, de acordo com as estatísticas (não explicita quais), os projetos de reengenharia consomem o tempo no seguinte esquema: 33% com engenharia reversa/análise e inventário; 20% em engenharia progressa; 15% em alteração de especificações e outras documentações; 20% em revalidação e 12% em atividades diversas, podendo haver alguma variação nos percentuais dependendo do plano geral de reengenharia.

Em **Viabilização à Reengenharia da Informação** apresenta 11 regras facilitadoras de processo e aponta 10 razões que o dificultam. No capítulo 5 enfoca as ferramentas para esta reengenharia indicando "**softwares**" e outros recursos básicos de marcas diversas; por exemplo, para a Análise e Inventário apresenta informações sobre: a) ferramentas para análise e métrica de "**software**"; b) ferramenta para engenharia reversa de dados e carga de repertórios; c) ferramentas para engenharia reversa de processos e carga de repertório. São propostas técnicas e sugestões úteis para os que trabalham na área e que se defrontam com a problemática das mudanças demasiado rápidas no setor.

O último capítulo apresenta um exemplo de Reengenharia de Informação conduzido em uma agência federal dos EUA (IRS) entre 1991 e 1992, com êxito a partir do Sistema COBOL que ela empregava (Projeto R³).

Concluiu o texto com uma lição decorrente deste estudo de caso: Procedimentos que garantam a qualidade, gerenciamento de mudança,

gerenciamento de projetos, entre outros devem estar presentes antes do início de qualquer projeto de **Reengenharia da Informação**.

Como pré-texto aparece uma relação de marcas registradas de componentes e produtos de "softwares" citados no livro como referência de mercado; trata-se de marcas registradas e seus respectivos proprietários.

Fechando o discurso apresenta uma Bibliografia que deve ter servido de apoio à elaboração do texto, mas que não é referido ao longo do mesmo.

Como pós-texto aparece o Anexo I em que é apresentado um exemplo de reestruturação de programa: um programa COBOL não estruturado serve como entrada para o processamento do software SUPERSTRUCTUREtm de propriedade da Computer Data Systems Inc, de Rockville, Maryland, que resulta automaticamente em um código estruturado, com várias opções de superestrutura e passando os procedimentos de desempenho de cinco para onze.

Geraldina Porto Witter
PUCCAMP/USP

Reengenharia e Gerenciamento de Empresas

HAMMER, M.; CHAMPY, J. (1994) *Reengenharia: revolucionando a empresa em função dos clientes, da concorrência e das grandes mudanças da gerência*. Tradução do original inglês de 1993 para o português por Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Campus, 189 p, 20ª edição

O mundo empresarial tem continuamente buscado teorias, modelos e procedimentos que auxiliem os dirigentes a encontrar soluções para seus problemas de gestão. Assim, os modismos tem proliferado na Administração, sendo raras as teorias que podem ser realmente consideradas revolucionárias. Em geral, os administradores, tentando comunicar suas experiências, inventam nomes novos e retrocedem na história da Administração, voltando, muitas vezes, aos velhos conceitos tayloristas.

Os autores deste livro, Hammer e Champy, a partir de suas próprias experiências, descrevem, em uma linguagem simples, concisa e direta, um modelo empresarial conceitualmente novo: a Reengenharia, e fornecem um conjunto de técnicas que deverão ser usadas pelas empresas que quiserem concorrer e sobreviver em um mundo novo e altamente competitivo. Explicitam os objetivos que os nortearam ao escrever esta obra: "a reengenharia das empresas e como cada um pode aplicá-la com sucesso na própria empresa" (p.22) e assinalam, ao mesmo tempo, que o objeto da reengenharia são os processos e não as organizações.

Os próprios autores fazem o prefácio à edição brasileira e, nele, discutem o título da edição original. Consideram que nem toda empresa em atividade necessita aplicar a reengenharia aos seus processos de trabalho. São elas empresas jovens e devem ser projetadas desde o início para operar corretamente. Portanto, não precisam mudar, mas garantir um desempenho competitivo a curto prazo, além de um preparo para, no futuro, enfrentar outras mudanças.

No primeiro dos quatorze capítulos da obra, fazem uma introdução, onde discutem o significado da reengenharia empresarial e argumentam que ela é a maior esperança para restaurar o vigor competitivo das empresas.

Existem, para eles, três forças no mundo atual das empresas: *clientes, concorrentes e mudança*, que têm características notadamente diferentes das do passado. Assinam que as empresas, atualmente, devem organizar o trabalho em torno de *processos*, pois as atividades orientadas para tarefas, serviços, pessoas ou estruturas estão obsoletas. A reengenharia é uma abordagem sistemática para melhorar o desempenho dos processos e, então, estes serão o tema abordado no livro todo.

Nos oito capítulos seguintes, os autores, primeiramente, definem com uma linguagem clara e objetiva que Reengenharia é, para eles, "o repensar fundamental e a reestruturação radical dos processos empresariais que visam alcançar drásticas melhorias em indicadores críticos e contemporâneos de desempenho, tais como custos, qualidade, atendimento e velocidade" (p. 22).

Discutem, a seguir, o fato de um processo empresarial resultante da reengenharia diferir bastante de um processo tradicional e assinam que os processos submetidos e renovados pela reengenharia mostram semelhanças que ultrapassam o tipo de empresa e até mesmo a identidade do próprio processo. Apresentam vários pontos comuns encontrados por empresas que passaram pela reengenharia, embora, conforme salientem, elas não apresentem necessariamente todas as características citadas.

Quando se pratica a reengenharia há uma redefinição radical dos processos da empresa. Assim, as unidades de trabalho mudam de departamentos funcionais para equipes de processo, isto é, grupos de pessoas que trabalham conjuntamente para realizar o processo todo; os serviços mudam de tarefas simples para trabalhos multidimensionais, compartilhando, o trabalhador com seus colegas de equipe, a responsabilidade de todo o processo e não apenas de uma parcela do mesmo.

Segundo Hammer e Champy, somente a empresa capaz de mudar seu pensamento sobre a tecnologia de informação pode aplicar a reengenharia e isto exige dos executivos um pensamento *indutivo* que seria "a capacidade de primeiro reconhecer uma solução eficaz para depois procurar os problemas por ela solucionáveis"... (p.68). Discutem também "quem" realiza a reengenharia, pois, de acordo com estes autores, não são as empresas que a aplicam aos seus processos, mas as pessoas. Fazem, então, uma interessante e detalhada análise da figura do "líder" que é, para eles, aquele que faz a reengenharia acontecer; focalizam, também, os outros papéis que emergem durante o trabalho de implementação do processo:

proprietário do processo, equipe de reengenharia, comitê geral e czar da reengenharia.

A seguir, discutem como diagnosticar os processos atuais da empresa, quais os que devem ser reformulados a partir dos critérios: grau de disfunção, importância e exeqüibilidade, como "compreendê-los" e, finalmente, a redefinição dos mesmos. É ponto altamente significativo no processo de reengenharia que não é suficiente consertar os velhos processos porque não vale a pena se preocupar com eles; o importante é redefini-los.

A fase de redefinição dos processos é a parte mais criativa da reengenharia, pois "exige imaginação, pensamento indutivo e um toque de loucura" (p.111). A forma como Hammer e Champy apresentaram este capítulo, talvez um dos mais significativos da obra, é muito interessante e prende-nos a atenção: conduzem o leitor por um breve cenário de como pode ser o início da etapa de redefinição do processo e, então, discutem algumas técnicas e dispositivos que as equipes de reengenharia descobriram como importantes e úteis para auxiliar tal definição.

Finalmente, focalizam o aspecto mais crucial e desafiante de todo o processo, que é convencer os integrantes da organização a acolherem a perspectiva de uma mudança radical. Assinalam que, em sua experiência, as empresas de maior sucesso, na acolhida da idéia de mudança, foram as que conseguiram desenvolver as mensagens mais claras sobre a necessidade da reengenharia.

Durante todo o desenvolvimento do trabalho, os autores apresentam e discutem casos de empresas que realizaram, com sucesso, a reengenharia. Consideram tais exemplos tão importantes e elucidativos, que dedicam quatro dos últimos capítulos à apresentação de experiências em algumas empresas pioneiras neste processo (Hallmark Cards, Inc.; Taco Bell; Capital Holding Corporation e Bell Atlantic Corp.).

No último capítulo relatam que muitas empresas iniciam o processo e não conseguem alcançar os resultados pretendidos (estimativa não científica de 50% a 70% das organizações). Não consideram, porém, tal processo, um empreendimento de alto risco, pois a chave para o sucesso está no conhecimento e na habilidade e não na sorte. A seguir, apresentam e discutem um catálogo dos erros mais comuns que uma organização pode cometer, a fim de que possam ser evitados.

No Epílogo, terminam por afirmar que a Reengenharia é um dos instrumentos que as empresas precisam ter e dominar para adquirir os pré-requisitos para o sucesso. Ela não oferece uma solução rápida, simples

e indolor; porém, são os que responderam aos seus desafios, aqueles que ditarão as novas regras do mundo empresarial: "Tudo de que se precisa é a vontade de sucesso e a coragem de começar" (p.180).

Os autores não falam só teoricamente da reengenharia de processos, mas usam de uma gama variada de exemplos, tomando sua leitura agradável e compreensível. Apresentam Índice de conteúdo e algumas figuras.

A "Reengenharia: revolucionando a empresa em função dos clientes, da concorrência e das grandes mudanças da gerência" é uma obra interessante, onde os autores de forma simples e direta desvendam todo um universo de teorias de Administração, ao mesmo tempo, em que apresentam e induzem o executivo a adotar medidas arrojadas a fim de que sua empresa sobreviva no mundo atual. Sua maior contribuição está, especialmente, na apresentação de uma metodologia para a implantação da reengenharia de processos, inclusive com os grupos e relações que devem se formar nas empresas, com este objetivo. É, pois, uma obra importante para todos aqueles que desejam ver sua empresa bem sucedida em um mundo que exige uma liderança executiva forte, um enfoque no cliente e em suas necessidades, além de maior aceleração e flexibilidade em todos os aspectos das operações da empresa. Pode aplicar-se à reengenharia de bibliotecas, de escolas, de empresas comerciais e industriais, de hospitais, entre outras.

Marisa Bueno Mendes Gargantini

COMUNICAÇÕES DE PESQUISA

Dissertações de Mestrado defendidas e aprovadas no curso de Pós-graduação em Biblioteconomia da PUCAMP, 1995.

VALENTIM, Marta Lúcia Pomim. **O custo da informação tecnológica de pesquisa e desenvolvimento industrial.** PUCAMP, 1995. 163p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr. Silas Marques de Oliveira. Defendida em: 29/3/95.

RESUMO: Caracterização da importância da informação tecnológica na indústria e no processo de pesquisa e desenvolvimento industrial. Levantamento de métodos de mensuração do custo da informação tecnológica durante o processo tecnológico. Apresentação de uma pesquisa efetuada em nove indústrias - filiadas à ANPEI - Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Industriais -, de suas realidades de P & D (Pesquisa e Desenvolvimento), bem como suas posturas frente a informação tecnológica. Identificação dos elementos que compõem uma planilha de custos de P & D, onde um dos itens é a informação tecnológica. Conclui que a informação tecnológica é elemento fundamental no desenvolvimento tecnológico/industrial do país.

BARBALHO, Célia Simonetti. **Qualidade & unidades de informação:** uma parceria em busca de melhoria. PUCAMP, 1995. 133p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Vera Silvia Marão Beraquet. Defendida em: 15/5/95.

RESUMO: Analisa gestão pela qualidade e sua relação em busca de soluções coerentes com os macro-objetivos das organizações, abrangendo todos os níveis hierárquicos, incluindo-se neste cenário as **Unidade de Informação**. Os sistemas de qualidade, especialmente os ligados à certificação através do padrão ISO 9001, encontram apoio nos mecanismos operacionais que constituem o princípio básico dos serviços oferecidos pelas Unidades de Informação e este aspecto constitui o problema desse estudo. A base teórica fundamenta-se nos princípios do planejamento estratégico por este ser capaz de buscar respostas a questões geradas em um mercado em constantes mudanças e na compreensão dos princípios dos teóricos da qualidade e de sua operacionalidade.

CRUZ, Maria Aparecida Lopes da. **Biblioterapia de desenvolvimento pessoal: um programa para adolescente de periferia**. PUCAMP, 1995. 148p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Geraldina Porto Witter. Defendida em: 30/8/95.

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo investigar as condições de leitura e estudo, além dos hábitos e nível de compreensão de leitura, de adolescentes carentes frequentadores de uma escola pública Municipal de Campinas. Os sujeitos estudados constituíram-se de 34 alunos, sendo 14 meninos e 20 meninas. Foram aplicados questionários junto a alunos e professores da escola. Os dados obtidos foram utilizados como base para um Programa Biblioterápico. De modo geral, os sujeitos estudados demonstraram gostar de ler, mas apresentaram um baixo nível de compreensão para a leitura e hábito de leitura pouco freqüente. As condições avaliadas, tanto em casa como na escola, não se mostraram as melhores, mas podem ser consideradas satisfatórias, dadas as condições encontradas. Entretanto pôde-se observar que os sujeitos não sabem utilizar todas as nuances possíveis desta atividade. A experiência da biblioterapia foi aplicada com três textos escritos por adolescentes e selecionados pelos próprios sujeitos. Foram aplicados pré-testes, a biblioterapia propriamente dita e o pós-teste para aprofundamento das questões surgidas no processo. Os dados obtidos são discutidos de acordo com a literatura, e as sugestões feitas resultam dos aspectos pesquisados para um Programa Biblioterápico possível para adolescentes carentes. A Autora manteve um registro de suas reações a fim de obter informações sobre o papel do bibliotecário neste processo.

PEREIRA, Sandra Lúcia. **O conceito de arquivo na literatura e na opinião de gestores de arquivos privados**. PUCAMP, 1995. 102p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Geraldina Porto Witter. Defendida em: 27/3/95.

RESUMO: Objetivou-se levantar aspectos relativos ao conceito de arquivo e arquivo-privado, utilizando-se da literatura (pesquisa documental) e de entrevistas junto a profissionais de cinco instituições universitárias. Os resultados mostraram que o conceito carece de uma melhor fundamentação junto aos profissionais que atuam na área. O conceito de arquivo privado aparece sem que seus elementos definidores tenham uma coordenação entre-si. Alguns pontos chamaram a atenção com relação aos aspectos enfatizados a serem os mesmos utilizados tanto na popularização da instituição aos não usuários, quanto na inserção da instituição como canal e recurso informacional da sociedade.

SOUZA, Rosa Maria Villares de. **Planejamento e desenvolvimento de carreira: percepção de bibliotecários paulistas**. PUCCAMP, 1995. 102p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Geraldina Porto Witter. Defendida em 27/3/95.

RESUMO: Pesquisa prospectiva sobre a percepção da carreira profissional, pelos bibliotecários do Estado de São Paulo e as práticas efetuadas, planejadas ou não, visando o planejamento e o desenvolvimento da carreira. Foram identificadas as variáveis pessoais e ambientais que interferem, positiva e negativamente, no progresso da carreira, sendo solicitado o registro das ações individuais, organizacionais e da classe bibliotecária que concorrem para a efetividade da profissão. Foi possível concluir que a maioria dos profissionais não está satisfeito com suas carreiras devido aos baixos salários, a ausência de reconhecimento e status social, aos preconceitos pela condição feminina da profissão, à baixa representatividade das associações de classes, entre outros. Os dados foram coletados através de questionário e, depois de analisados, subsidiaram recomendações e sugetões para pesquisas futuras.

FREITAS, Georgete Lopes. **Avaliação da coleção de periódicos na área de imunologia disponível no sistema de bibliotecas da universidade estadual de Campinas-Unicamp e Universidade Federal do Maranhão-UFMA**. PUCCAMP, 1995. 178p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Vera S. Marão Beraquet. Defendida em: 30/8/95.

RESUMO: O periódico é um instrumento valioso para acompanhar os avanços provenientes da Ciência e Tecnologia, possibilitando ao pesquisador o acesso ao estado da arte em seu campo de atuação. A pesquisa sobre a avaliação da coleção de periódicos na área de Imunologia disponível na UNICAMP e UFMG objetivou: identificar as fontes primárias (revistas científicas) e as fontes secundárias (indexes e abstracts) citadas pelos pesquisadores (professores e alunos egressos) da UNICAMP e UFMA em sua produção científica; verificar a disponibilidade e atualização das mesmas no Sistema de Bibliotecas das respectivas Universidades; e sugerir uma lista básica de periódicos na área de Imunologia. A metodologia foi a análise de citação a periódicos (quantitativa) e obtenção da opinião do usuário (qualitativa). Após a análise de citação, obteve-se uma listagem de títulos de periódicos na UNICAMP e UFMA, respectivamente, de 384 e 182. Submeteu-se a listagem de títulos de periódicos à apreciação dos professores, utilizando como instrumento o questionário. Sugere-se uma lista básica de periódicos às comunidades universitárias na área de Imunologia vinculadas à UNICAMP e UFMA.

PILLON, Márcia Aparecida. **Hora do conto na biblioteca pública: um incentivo ao hábito da leitura.** PUCAMP, 1995. 121p. [Dissertação de Mestrado] Orientador: Dr^a Else Benetti Marques Válio. Defendida em: 29/8/95.

RESUMO: Investir na Hora do Conto é uma forma de possibilitar o desenvolvimento do hábito de leitura. Este trabalho objetiva: 1) refletir sobre a Hora do Conto como um meio incentivador do hábito de leitura em uma biblioteca pública; 2) verificar como ocorre o interesse das crianças pela biblioteca; 3) verificar de que modo as crianças têm os primeiros contatos com os livros; 4) verificar a relação bibliotecário-contador de histórias e sua atuação na formação de leitores. Foram sujeitos 56 alunos de pré-escola, 11 professores e 1 bibliotecário, sendo usado um questionário a que foram submetidos. Foram significantes os seguintes resultados: a criança de pré-escola gosta de ler (96,4%), sendo que a maioria (98,2%) gosta de contos de fadas e o conto preferido é "Chapeuzinho Vermelho" (26,2%). A preferência é pela Hora do Conto e histórias contadas na biblioteca (69,6%). Em sala de aula a professora conta histórias para os alunos (98,2%), sendo o desenho e as brincadeiras (83,9%) as atividades desenvolvidas com o livro infantil. Quanto à biblioteca pública, verificam-se fatores como: falta de recursos humanos, materiais e financeiros.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. **Arquivo: esse obscuro objeto do desejo - uma metodologia para recuperação de informação em autos do judiciário.** PUCAMP, 1995. 151p. [Dissertação de Mestrado]. Orientador: Dr^a Else Benetti Marques Válio. Defendida em: 25/6/95.

RESUMO: Este trabalho apresenta o desenvolvimento de uma metodologia para a definição de um processo de recuperação de informação em autos do Poder Judiciário. Trata-se da criação de uma planilha específica que permite a análise de dados relativos aos autos do Poder Judiciário. Para tanto, recorreu-se a utilização do software MicroISIS. Salientando-se que tal planilha permite o cruzamento de diferentes dados. Fato que amplia consideravelmente as possibilidades de busca e de recuperação da informação pelo usuário. O estudo neste caso particular refere-se aos autos do Poder Judiciário da Comarca de Bragança Paulista que estão depositados no Centro de Memória Regional da Universidade São Francisco. A pesquisa privilegiou os autos pertencentes ao período de anos que se estende de 1978 a 1985.

INFORMATIVO

Cinqüentenário da Faculdade de Biblioteconomia da PUCAMP

Edilze Bonavita Martins Mendes

Seria lugar-comum se disséssemos que, com redobrada emoção, estamos à frente da comemoração do Jubileu de Ouro da Faculdade de Biblioteconomia da PUCAMP. São cinqüenta anos de tradição, qualidade de ensino e dedicação à causa da Biblioteconomia.

Criada em 2 de abril de 1945, sob a visão futurista do Monsenhor Emílio José Salim e o idealismo do então jovem professor, Ernesto Manoel Zink, reúne hoje um pouco da sua história, sempre marcada pela competência e dedicação de tantos que por aqui passaram e cuja missão foi disseminar na sociedade os valores humanos e técnicos que daqui levaram.

Celeiro de excelentes profissionais, a PUCAMP, que ora também atinge a marca dos cem mil formados, dos quais aproximadamente dois mil, bacharéis em Biblioteconomia, tem se preocupado em vencer os desafios impostos pela rápida transformação da sociedade, tornando seus profissionais aptos a enfrentar, com iniciativa e novas propostas de solução, os grandes contrastes do cotidiano de sua vida profissional.

Os horizontes da Biblioteconomia têm se alargado cada vez mais, para aperfeiçoar o gabarito do bibliotecário, através do incentivo à pesquisa, o que vem assegurar a passagem da tecnologia de ponta à multidisciplinaridade da informação.

Cumprindo sua vocação pioneira de atuação junto à comunidade, o primeiro Grêmio Estudantil da Escola de Campinas foi o responsável pelo vitorioso movimento que deu origem à fundação da Biblioteca Pública Municipal.

Na mesma linha de ação, de prestação de serviços, nasceu o Projeto Disque-Biblio. Com diretrizes redimensionadas, administrando projetos em parceria, vem ampliando e sedimentando suas atividades para melhor atender todos os segmentos da sociedade, consolidando a extensão em nível institucional.

Seja oferecendo apoio aos vários tipos de bibliotecas, seja através do trabalho silente e anônimo nos centros de pesquisa e serviços de informação, ou, ainda, participando de assessorias técnicas, interagindo com outros profissionais em empresas de caráter público e privado, a Faculdade de

Biblioteconomia, através dos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, tem contribuído para uma formação acadêmica centrada na excelência, marcada por relevantes serviços prestados em todas as esferas do cenário biblioteconômico nacional.

Nunca será demais lembrar que por mais que evoluam as técnicas, por mais sofisticadas que se tomem os acessos à informação, o bibliotecário levará sempre, dentro de si, aquela mágica de conseguir colocar um universo de conhecimentos ao alcance de todas as mãos.

Ponte, entre o escritor e o leitor, e, também, o agente democratizador, e multiplicador da informação, continuará, incansável, despertando vocações, reforçando inclinações, tendo o poder de transmitir, através das gerações, o mais verdadeiro dos patrimônios da humanidade: o saber.

Por isso e para isso chegamos até aqui. Certamente, continuará a Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP, célebre, sua trajetória rumo ao terceiro milênio.

Com garra e ousadia, vencendo desafios; com reconhecimento e respeito pela obra dos que já se foram; com a certeza e fé naqueles que desempenharão no futuro o importante papel de profissionais do próximo século, a era da informação.

Parabéns à Faculdade de Biblioteconomia!

Que venham muitos anos mais, plenos de grandes realizações!

Parabéns!

Breve Histórico

A Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP foi fundada no ano de 1945, tendo sido, desde o início mantida pela Sociedade Campineira de Educação e Instrução. Pelo Decreto nº 23.443-B, de 1 de julho de 1945, foi reconhecida pelo Governo Estadual, sendo nomeado um inspetor estadual para acompanhar os trabalhos escolares. Aos 19 de dezembro de 1955, através do Decreto Federal nº 38.327, passou a integrar a Universidade Católica de Campinas e pelo Decreto Federal nº 53.508 de 29 de janeiro de 1964, foi elevada à categoria de Faculdade, passando a conferir o título de Bacharel em Biblioteconomia.

Atendendo a uma das recomendações do Encontro de Diretores de Escolas de Biblioteconomia e Documentação da América Latina, realizado em 1976, em Bogotá, sob os auspícios da UNESCO, a faculdade instalou um

curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia (Mestrado), que está funcionando desde 1977.

Nos primeiros anos de criação do referido curso, a área de concentração "Metodologia do Ensino em Biblioteconomia" era endereçada exclusivamente à formação de docentes na área. Dentro deste direcionamento, foi graduado o primeiro mestre em 1980 e mais dez outros, que atualmente trabalham em escolas de Biblioteconomia de vários estados brasileiros.

Em agosto de 1981, época de mudança da Coordenação do curso, foi iniciado um processo de reestruturação curricular do Programa que, a partir de março de 1982, passou a oferecer, como área de concentração: Planejamento e Administração de Sistemas de Informação.

Para maiores informações referentes à Pós-Graduação, consulte o Catálogo Geral dos cursos de Pós-Graduação 92/93 da PUCCAMP, à disposição dos alunos na Biblioteca-Laboratório da Faculdade de Biblioteconomia.

A partir de 1984, foi implantado novo currículo pleno do Curso de Graduação da Faculdade, adequando-se ao novo currículo mínimo aprovado pela Resolução nº 08, de 29 de outubro de 1982, do Conselho Federal de Educação e de acordo com as propostas do Projeto Pedagógico elaborado pela Faculdade.

A Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP foi a primeira do Brasil a implantar o novo currículo para o Curso de Biblioteconomia, aprovado pela Resolução 8/82. A primeira turma deste currículo concluiu o curso em 1987.

Em 1991, estudou-se uma nova alteração curricular para a Graduação, que visou adequar o profissional bibliotecário às necessidades de um contexto social e cultural onde, sem se esquecer da característica humanista da profissão, levou-se em conta o compromisso de se formar o profissional com um novo perfil, delineado no advento das novas tecnologias automatizadas da informação. Em 1992, a primeira série já cursou esse novo currículo. Em 1993, a primeira e segunda séries cursaram o novo currículo. Em 1994, primeira, segunda e terceira série cursaram mais uma etapa de reformulação curricular.

Estaremos formando a primeira turma, com base neste novo currículo, em 1995.

As alterações propostas compreendem a inclusão e a exclusão de algumas disciplinas, o aumento e a diminuição de carga horária, a alteração de nomenclatura e também a mudança na seriação das disciplinas oferecidas.

Foram Diretores da Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP:

De 1945 a 1955: Mons. Dr. Emílio José Salim

Em 1956: Mons. Agnelo Rossi

De 1957 a 1959: Con. Thomás Vaquero

De 1960 a 1962: Con. Amaury Castanho
De 1963 a 1967: Pe. José Narciso Vieira Ehrenberg
De 1968 a 1978: Profa. Maria Antonia Ribas Pinke Belfort de Mattos
De 1978 a 1985: Profa. Ana Lúcia Maia Bonatto
De outubro de 1978 a janeiro de 1979: Profa. Alice Gonçalves Straz-
zacapp Hernández. "Pró-Tempore"
Em 1986: Profa. Raquel Maria de Almeida Prado
De 1987 a 1990: Profa. Maria Leontina da Conceição Pinke Luiz de
Sousa
De 1991 a 1994: Profa. Edilze Bonavita Martins Mendes
A Profa. Edilze Bonavita Martins Mendes é a atual Diretora tendo
iniciado um novo período administrativo em 1995.

Cinquenta anos depois, ampliando sua área de atuação dando con-
tinuidade não só à formação, como também ao aperfeiçoamento do profes-
sional bibliotecário, a Faculdade de Biblioteconomia oferece:

Graduação

Bacharelado em Biblioteconomia

Pós-Graduação

Mestrado em Biblioteconomia:

Planejamento e Administração de Sistemas de Informação

Especialização:

Museus para um Novo Século

Organização de Arquivos

Sistemas Automatizados de Informação

Sistemas de Informação Aplicados à Biblioteca Escolar

Extensão Universitária

Arquivística

Linguagens Documentárias

Normalização Documentária

Editoração Técnico-Científica

Referenciação Bibliográfica

O&M Aplicado à Biblioteconomia

Projetos de pesquisa são desenvolvidos pelo Departamento de Pós-
Graduação.

Com linhas de ação voltada à comunidade, atividades de extensão e
prestação de serviços são objeto do Projeto Disque-Bíbio.

I ENCONTRO DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Realizou-se no Rio de Janeiro, sob os auspícios da pós-graduação do IBICT, o I Encontro de pesquisa em Ciência da Informação. O Evento reuniu pesquisas docentes e discentes do IBICT e contou com a participação da comunidade de profissionais do Rio de Janeiro. Estiveram presentes autoridades representativas da área sob a coordenação da Pro^{fa} Maria Nélida Gonzales de Gómez, professora/pesquisadora do IBICT e coordenadora do GT da ANCIB na área de Representação do Conhecimento.

REENGENHARIA DA INFORMAÇÃO foi tema do COBIBiii (Congresso de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação), em São Paulo, de 21 a 24 de agosto, 1995. Por esta ocasião, o tema acolheu também o IV ENEBCI (Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação)

II ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB

Campinas sedia em novembro o II Encontro de pesquisa da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia. O Encontro reúne cinquenta pesquisas nas áreas de Informação Tecnológica, Representação do Conhecimento, Produção Científica e Literatura Cinzenta, Informação e Sociedade, Novas Tecnologias e Formação Profissional/Mercado de Trabalho. Constitui-se num dos encontros mais importantes da área por ser de abrangência nacional e congregar pesquisadores em Ciência da Informação.

LITERATURA INFANTO-JUVENIL

São Paulo sediou o 2º SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE LITERATURA INFANTO-JUVENIL, LIVRO DIDÁTICO E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NA FORMAÇÃO DE LEITORES. O Encontro deu-se nos dias 21 e 22 de setembro próximo passado.

LEITURA E ANCIB NA SBPC no Maranhão.

A mesa da Ancib na SBPC em São Luís do Maranhão, abordando o tema das bibliotecas e da leitura, constituiu avanço nas iniciativas locais junto às autoridades maranhenses. Estiveram presentes autoridades acadêmicas e políticas.

COLOQUIO BACHELARD NA PUCCAMP

De 2 a 3 de outubro, a Pós-graduação em Filosofia da PUCCAMP realizou o Colóquio Bachelard, com conferencistas da UERJ, USP, UFB, UNICAMP, PUCCAMP, UFPe e UNESP.

UTILITARISMO e o 4º CONGRESSO IBEROAMERICANO

A Pós-graduação em Filosofia da Puccamp realizou entre 25 a 29 de setembro o 4º Congresso Iberoamericano, reunindo intelectuais da Argentina, Portugal, Espanha, Inglaterra e Brasil.

Pesquisas em Andamento no Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Puccamp aprovadas no período de janeiro a setembro de 1995.

Silvia Cristina Oliveira de Almeida

Projeto de Pesquisa: **Bulletin Board System: uma nova fonte alternativa de informação.**

Aprovado em: 22.9.1995

Orientadora: Dr^a Else Benetti Marques Válio.

Silvana Drumond Monteiro

Projeto de Pesquisa: **Norma e forma: a normalização do livro brasileiro**

Aprovado em 20.04.1995

Orientadora: Dr^a Solange Puntel Mostafa

Licéia Cianca Fortes

Projeto de Pesquisa: **Grupos informais no contexto de bibliotecas universitárias.**

Aprovado em: 19.06.1995

Orientadora: Dr^a Solange Puntel Mostafa

Marcia Silveira Kroff Rangel

Projeto de Pesquisa: **Uso e Busca da informação por professores de graduação em Educação Física.**

Aprovado em 4.04.1995

Orientador: Dr. Silas Marques de Oliveira

Neide de Oliveira Mota

Projeto de Pesquisa: **Estudo comparativo na área de Administração dos programas de Biblioteconomia dos países do Mercosul.**

Aprovado em 01.09.1995

Orientadora: Dr^a Vera Silvia Marão Beraquet

Ivanise Vitale Cardoso

Projeto de Pesquisa: **Proposta de desenvolvimento de uma metodologia para elaboração de um vocabulário controlado na área de música brasileira.**

Aprovado: em 17.08.1995

Orientadora: Dr^a Cecília Carmem Cunha Pontes



**FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA
PUCCAMP**

Jubileu de Ouro

***Eventos do Curso de Graduação
da Faculdade de Biblioteconomia***

10º COLE

II SEBES - Seminário de Biblioteca Escolar

Coordenação: Edilze Bonavita Martins Mendes,
Eliana Marciela Marquetis, Gláucia M. Pécora
Encontro Interno Nº 18
100 vagas

Dia 18 de Julho (Terça-feira)

10:30 - CONFERÊNCIA

Marketing em Biblioteca Escolar

Amélia Silveira (UFSC)

14:00 PALESTRAS

Normalização de Trabalhos Escolares

Mariangela P. Zanaga (PUCCAMP)

O Professor Leitor

Alfredina Nery (FDE)

O Interesse do Professor em Utilizar a Biblioteca Escolar

Márcia Silveira Kroff Rangel (Pref. Munic. Florianópolis)

16:00 - COMUNICAÇÕES

Dia 19 de Julho (Quarta-feira)

10:30 - CONFERÊNCIA

Perspectiva da Biblioteca Escolar no Ensino do 1º e 2º Graus

Walda de Andrade Antunes (UnB)

14:00 PALESTRAS

A Pesquisa na Escola: como fazer?

Dulce Adélia Adorno Magalhães Toledo (PUCCAMP)

Literatura/Biblioteca: crise e caminho

Tereza de Moraes (PUCCAMP)

16:00 COMUNICAÇÕES

I FÓRUM DE DIVULGAÇÃO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA

Coordenação: Edilze B. M. Mendes, Eliana M. Marquetis

Encontro Interno Nº 20

50 vagas

Dia 20 de Julho (Quinta-feira)

Objetivo:

Promover o encontro de profissionais da área de Biblioteconomia com a finalidade de debater os problemas da divulgação da profissão.

10:30 - MESA REDONDA

A Divulgação Profissional no Âmbito das Associações de Classe

João Carlos Gomes Ribeiro (FEBAB), Elizabeth Maria Ramos de Carvalho (FEBAB), Selma Mendes Fonte Sodré (URFJ).

14:00 - MESA REDONDA

**A Divulgação Profissional no Âmbito dos
Conselhos de Biblioteconomia**

Zeneide de Sousa Pantoja (CFB), Maria Cecília Rizzi Lima (CRB-8).

15:40 - CONFERÊNCIA

**A Divulgação Profissional no Âmbito das Atividades
de Ensino de Biblioteconomia**

José Augusto Chaves Guimarães (UNESP)

